

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Henrique Gomes

**“DE PÉ PARA A BANDEIRA E DE JOELHOS PARA A CRUZ”:
Nacionalismo cristão na política externa dos governos Bolsonaro e Orbán**

Belo Horizonte

2024

Henrique Gomes

**“DE PÉ PARA A BANDEIRA E DE JOELHOS PARA A CRUZ”:
Nacionalismo cristão na política externa dos governos Bolsonaro e Orbán**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Área de concentração: Instituições Políticas e Política Internacional

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Feres Faria

Coorientador: Prof. Dr. Lucas Pereira Rezende

Belo Horizonte

2024

320
S586d
2024

Silva, Henrique Gomes e.
“De pé para a bandeira e de joelhos para a cruz” [manuscrito]
: nacionalismo cristão na política externa dos governos
Bolsonaro e Orbán / Henrique Gomes e Silva. - 2024.
159 f.
Orientadora: Claudia Feres Faria.
Coorientador: Lucas Pereira Rezende.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Ciência política – Teses . 2. Nacionalismo- Teses.
3. Bolsonaro, Jair, 1955- . 4. Orban, Viktor, 1963- . I. Faria,
Claudia Feres . II. Rezende, Lucas Pereira. III. Universidade
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ATA

FAFICH - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA - SECRETARIA

ATA 08ª/2024 DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO HENRIQUE GOMES E SILVA

Realizou-se, no dia 15 de maio de 2024, às 09:00 horas, por videoconferência, a defesa da dissertação, intitulada “DE PÉ PARA A BANDEIRA E DE JOELHOS PARA A CRUZ”: Nacionalismo cristão na política externa dos governos Bolsonaro e Orbán”, elaborada e apresentada por HENRIQUE GOMES E SILVA - número de registro 2022653933, graduado no curso de RELAÇÕES INTERNACIONAIS. A defesa é requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em CIÊNCIA POLÍTICA, e foi submetida e analisada pela seguinte Comissão Examinadora: Profa. Claudia Feres Faria - Orientadora (DCP/UFMG), Prof. Lucas Pereira Rezende - Coorientador ((DCP/UFMG)), Prof. Dawisson Elvécio Belém Lopes (DCP/UFMG), Prof. Feliciano de Sá Guimarães (IRI-USP). A Comissão considerou a dissertação APROVADA. Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada eletronicamente pelos membros da Comissão. Belo Horizonte, 15 de maio de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Lucas Pereira Rezende, Professor do Magistério Superior**, em 15/05/2024, às 11:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Feres Faria, Chefe de departamento**, em 15/05/2024, às 15:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dawisson Elvecio Belem Lopes, Diretor**, em 15/05/2024, às 21:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Feliciano de Sá Guimarães, Usuário Externo**, em 01/08/2024, às 10:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3212667** e o código CRC **18047C7F**.

à Minas Gerais.

AGRADECIMENTOS

Mais um ciclo se encerra e outro se inicia. É gratidão que transborda por essas páginas. Começo agradecendo a Deus por todas as oportunidades passadas, presentes e futuras. Apresentar uma visão crítica da religião na política é também um ato de amor a Ele e ao próximo. Me considero um sujeito abençoado.

Agradecimentos mais que especiais e nunca suficientes para minha família. Aos meus pais, por todo amor, apoio e incentivo, à minha irmã Alice por ser a voz da minha consciência e sempre se preocupar com meu melhor. Às minhas avós Gilca e Godiva pelo amor incondicional. Aos meus tios, primos e agregados por sempre torcerem por mim.

Aos meus amigos, que espalhados pelo Brasil e o mundo nunca deixaram de me dar forças nessa jornada. De Ponte Nova, Belo Horizonte, São Paulo, Brasília, Goiânia, Porto Alegre, Rio de Janeiro e até Frankfurt, a distância nunca foi um problema para nossa amizade. Alguns agradecimentos especiais precisam ser feitos nominalmente: Túlio e Luana, meu trio do mestrado, que foi um presente que me deu energia para continuar; Bruno, por todo o apoio com a dissertação e as chamadas de vídeo repentinas; João Patrick por ter se disposto a ajudar na revisão final; e Arthur, pelo apoio moral e espiritual independente do fuso horário.

Aos meus orientadores: Lucas pela parceria, amizade e bons conselhos durante o processo de escrita desta dissertação. Da Modelândia pro mundo! Claudia pela disponibilidade, atenção e compreensão nesta situação *sui generis*.

À CAPES pelo financiamento no ano final da pesquisa e à Fapemig pelo financiamento no primeiro ano.

A todo corpo docente e funcionários do PPGCP-UFMG por contribuírem com a minha formação e me possibilitarem um espaço para eu crescer como pesquisador e professor.

Ao canal O Brasil Que Deu Certo, que, desde a escrita do projeto e durante todo o tempo do mestrado, tornaram os meus dias mais leves e divertidos, e cujas lives me ajudaram a dormir e renderam gostosas gargalhadas.

Ao estado de Minas Gerais e à cidade de Belo Horizonte, por serem meu lar, minha inspiração e razão de ser desta pesquisa em solo brasileiro. Aonde quer que esteja, nunca os esquecerei ou abandonarei. Agora não pergunto mais pra onde vai a estrada...

Obrigado!

Ali, espiando por entre os farrapos de nuvens acima de um pico escuro no alto das montanhas, Sam viu uma estrela branca piscando por alguns instantes. Sua beleza lhe atingiu o coração, olhando para cima desde a terra abandonada, e a esperança retornou a ele. Pois como um raio, nítido e frio, perpassou-lhe o pensamento de que no fim a Sombra era somente uma coisa pequena e passageira: havia luz e elevada beleza para sempre além do seu alcance.

J.R.R. Tolkien

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo observar a presença do nacionalismo cristão na política externa de governos populistas de direita, por meio de estudos de casos comparados entre o governo de Jair Bolsonaro no Brasil e o de Viktor Orbán na Hungria. O populismo de direita é um fenômeno caracterizado por líderes carismáticos que alegam representar a vontade geral da nação ao defender o povo puro em detrimento da elite corrupta, com traços marcadamente nativistas e autoritários. O nacionalismo cristão é uma ideologia presente em muitos desses regimes, defendendo a ideia de que o Estado-nacional é intrinsecamente cristão e deve priorizar iniciativas orientadas por uma visão conservadora do cristianismo em sua agenda programática. Além disso, essa ideologia utiliza o componente religioso como critério para definir quem faz parte do povo no discurso populista. A Role Theory é utilizada para explicar como os líderes definem os papéis de seus Estados no cenário internacional, estabelecendo princípios, objetivos e ações comuns, o que também facilita a aproximação ideológica e estratégica entre governos nacionalistas. Para investigar a presença do nacionalismo cristão nos discursos de política externa, optou-se pela análise de discurso como método. Os estudos de caso examinam as principais características populistas de cada governo, o uso político da religião e finalizam com uma análise dos discursos coletados. Conclui-se que tanto Bolsonaro quanto Orbán atribuem a identidade de uma nação cristã aos seus respectivos países, e que o papel que o Brasil e a Hungria devem desempenhar no plano internacional está alinhado a essa identidade. Isso inclui a luta antiaborto, a defesa da liberdade religiosa e a proteção aos cristãos perseguidos. Além disso, implica na escolha de inimigos comuns, como o globalismo, a esquerda, o movimento LGBTQI+ e os povos islâmicos, bem como no estabelecimento de parcerias compartilhadas com países como Estados Unidos, Israel e Polônia, formando uma aliança populista internacional.

Palavras-chave: nacionalismo cristão; populismo de direita; role theory; Bolsonaro; Orbán.

ABSTRACT

The present work aims to observe the presence of Christian nationalism in the foreign policy of right-wing populist governments, through comparative case studies between the government of Jair Bolsonaro in Brazil and Viktor Orbán in Hungary. Right-wing populism is a phenomenon characterized by charismatic leaders who claim to represent the general will of the nation by defending the pure people against the corrupt elite, with distinctly nativist and authoritarian traits. Christian nationalism is an ideology present in many of these regimes, advocating the idea that the nation-state is inherently Christian and should prioritize initiatives guided by a conservative view of Christianity in its programmatic agenda. Additionally, this ideology uses the religious component as a criterion to define who is part of the people in populist discourse. Role Theory is used to explain how leaders define the roles of their states on the international stage, establishing principles, objectives, and common actions, which also facilitates ideological and strategic approximation between nationalist governments. To investigate the presence of Christian nationalism in foreign policy speeches, discourse analysis was chosen as the method. The case studies examine the main populist characteristics of each government, the political use of religion, and conclude with an analysis of the collected speeches. It is concluded that both Bolsonaro and Orbán attribute the identity of a Christian nation to their respective countries, and that the role Brazil and Hungary are to play on the international stage is aligned with this identity. This includes the anti-abortion fight, the defense of religious freedom, and the protection of persecuted Christians. Moreover, it involves the choice of common enemies, such as globalism, the left, the LGBTQI+ movement, and Islamic peoples, as well as the establishment of shared partnerships with countries like the United States, Israel, and Poland, forming an international populist alliance.

Keywords: Christian nationalism; right-wing populism; role theory; Bolsonaro; Orbán.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquematização das categorias da Role Theory.....	47
Figura 2 - Variáveis presentes no desenho de pesquisa.....	57
Figura 3 - Nuvem de palavras dos discursos de Jair Bolsonaro.....	73
Figura 4 - Frequência do uso de termos religioso ao longo dos anos nos discursos de Jair Bolsonaro.....	74
Figura 5 - Dendrograma dos discursos de Jair Bolsonaro.....	75
Figura 6 - Gráfico de dispersão dos discursos de Jair Bolsonaro.....	76
Figura 7 - Dendrograma dos discursos de Ernesto Araújo.....	80
Figura 8 - Gráfico de dispersão dos discursos de Ernesto Araújo.....	81
Figura 9 - Dendrograma dos discursos de Carlos França.....	85
Figura 10 - Nuvem de palavras dos discursos de Viktor Orbán.....	100
Figura 11 - Frequência do uso de termos religioso ao longo dos anos nos discursos de Viktor Orbán.....	101
Figura 12 - Dendrograma dos discursos de Viktor Orbán.....	102
Figura 13 - Gráfico de dispersão dos discursos de Viktor Orbán.....	103
Figura 14 - Dendrograma dos discursos da missão permanente da Hungria na Assembleia Geral da ONU.....	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categorias de análise elencadas para a análise de discurso.....	59
Tabela 2 - Seleção de discursos.....	61
Tabela 3 - Termos de cunho religioso utilizados por Ernesto Araújo.....	79
Tabela 4 - Categorias de análise de acordo com os discursos do Governo Bolsonaro.....	87
Tabela 5 - Termos de cunho religioso utilizados por Viktor Orbán.....	100
Tabela 6 - Categorias de análise de acordo com os discursos do Governo Orbán.....	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Fidesz	<i>Fiatal Demokraták Szövetsége</i> , Aliança de Jovens Democratas
NRC	<i>National Role Conception</i> , concepção de papel nacional
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
RT	<i>Role Theory</i> , teoria dos papéis
UE	União Europeia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 POPULISMO DE DIREITA E NACIONALISMO CRISTÃO	17
1.1 Populismo - uma definição	17
1.2 Populismo de direita	22
<i>1.2.1 Características</i>	22
<i>1.2.2 Diferenças entre o populismo de direita na Europa e no mundo</i>	27
<i>1.2.3 O papel da religião em regimes populistas de direita</i>	29
1.3 Nacionalismo cristão	32
<i>1.3.1 Definição e características</i>	33
<i>1.3.2 A presença do nacionalismo cristão na ideologia populista de direita</i>	36
2 IDENTIDADE E PAPÉIS DE POLÍTICA EXTERNA: TEORIA E MÉTODO	40
2.1 Identidade na política internacional	40
2.2 Role Theory	43
2.3 Análise de discurso	50
2.4 Política Comparada	54
2.5 Desenho de pesquisa	57
3 O BRASIL DE BOLSONARO: ESTUDO DE CASO	64
3.1 Características populistas	64
3.2 Uso político da religião	68
3.3 Análise dos discursos	73
3.4 Resultados obtidos	86
4 A HUNGRIA DE ORBÁN: ESTUDO DE CASO	89
4.1 Características populistas	89
4.2 Uso político da religião	95
4.3 Análise dos discursos	99
4.4 Resultados obtidos	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	115

INTRODUÇÃO

Em janeiro de 2019, durante o discurso de posse como ministro das relações exteriores do Brasil, o diplomata Ernesto Araújo anunciou a fundação de uma *nova política externa brasileira*, baseada no resgate do “Brasil verdadeiro” (2020, p. 23) e no repúdio ao chamado “globalismo” (2020, p. 24). Na ocasião, fez uma série de referências cristãs, que contou com o recitar de trechos bíblicos em grego e a oração Ave Maria em tupi-guarani (ARAÚJO, 2020). Esse discurso se alinha ao lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” do presidente Jair Bolsonaro, utilizado em suas duas campanhas presidenciais e repetido durante os quatro anos de mandato. No mesmo ano, do outro lado do Atlântico, o primeiro-ministro da Hungria Viktor Orbán, durante discurso ao parlamento em Budapeste, expressou que a Europa se encontrava em um momento difícil e que a identidade e os valores cristãos precisariam ser reafirmados para defender o continente da imigração e dos burocratas da União Europeia. O premiê encerrou sua fala com um lema muito similar ao de Bolsonaro: “Hungria antes de tudo, Deus acima de todos”¹ (ORBÁN, 2019, s.p.).

Nos últimos anos, a “virada populista”, como descrita por Mudde (2022), marcou o cenário político global com eventos como o Brexit, a eleição de Donald Trump nos EUA, além das vitórias de Jair Bolsonaro e Javier Milei na América do Sul. Esse fenômeno, evidente desde a segunda metade da década de 2010, destacou-se nas gestões de líderes como Bolsonaro no Brasil, Orbán na Hungria, Trump nos EUA, Narendra Modi na Índia e o partido PiS² na Polônia, todos classificados por analistas e comentaristas políticos como representantes do populismo de direita.³ Geralmente caracterizado pela crítica às elites, nacionalismo e aversão à globalização e políticas de imigração, esse movimento tem se adaptado às dinâmicas locais nas regiões em que se manifesta (HAYNES, 2020; PERMOSER, 2020; MUDDE, 2022).

Dentre as diversas características desse fenômeno, existe uma que se destaca: o emprego do discurso religioso, e, no caso dos países de herança ocidental, mais especificamente um discurso cristão. Forma-se uma estratégia de populismo religioso, no qual a doutrina cristã é empregada para elevar determinadas causas a um patamar de sacralidade,

¹ Tradução livre. Do original: *God above us all, Hungary before all else.*

² Do polonês *Prawo i Sprawiedliwość*, Lei e Justiça.

³ Também chamado de nacional-populismo; populismo reacionário; populismo de extrema-direita (BARROS; LARGO, 2022); direita radical populista (MUDDE, 2022); ou direitas neopatrióticas (SANAHUJA; BURIAN, 2020). Optou-se por usar nesta dissertação somente o termo *populismo de direita* por ser o mais consensual entre os acadêmicos e que apresenta o menor juízo de valor.

com os líderes populistas de direita utilizando-a no embate contra os supostos inimigos do povo com o intuito de justificar seus papéis, ações e objetivos mais abrangentes. Tal estratégia não apenas mobiliza seguidores por meio de uma narrativa de fervor espiritual, mas também estabelece uma base moral para suas políticas, reforçando sua autoridade e o direcionamento de suas agendas ideológicas (ZÚQUETE, 2017). Ademais, esse componente religioso fundamenta o estabelecimento de uma identidade nacional homogênea, firmada em valores e tradições cristãs. A essa fusão de cristianismo com identidade nacional, damos o nome de nacionalismo cristão (MILLER, 2021).

A interseção entre religião e política, historicamente influente nas dinâmicas de poder, continua sendo um tema relevante e atual na Ciência Política. Apesar de muito trabalhada por politólogos em nível doméstico, nos estudos internacionais a religião foi subestimada por um longo tempo, até que eventos como a Revolução Iraniana de 1979 e os atentados de 11 de setembro de 2001 reafirmaram sua relevância (FERREIRA; CARLETTI, 2018). Nessa nova perspectiva, Huntington (1996) propõe a tese de que, com o fim da Guerra Fria, as identidades culturais e religiosas emergem como forças centrais na política entre os Estados. A religião é, neste contexto, não apenas uma questão de fé pessoal, mas um componente fundamental que molda a identidade de civilizações inteiras, influenciando suas visões de mundo e posicionamentos políticos.

Consideramos nessa pesquisa que um recorte específico sobre religião e relações exteriores ao se debruçar sobre o populismo de direita desse fenômeno sob aspectos do jogo político doméstico e internacional. Considerando a presença do nacionalismo cristão em governos populistas de direita e a significância da identidade religiosa nas relações internacionais, nossa hipótese é que o uso da religião para justificar papéis, ações e objetivos do país não ocorra somente no plano doméstico, indo além do exposto por Zúquete (2017). Dessa forma, almejamos investigar se no âmbito da política externa o discurso nacionalista cristão também se faz presente para legitimar a atribuição de papéis, objetivos e ações ao Estado em suas relações exteriores.

Dentro dessa temática, dois casos saltam aos olhos: o governo húngaro de Viktor Orbán, no poder desde 2010 e uma das principais referências do populismo de direita não só na Europa como no mundo todo, e o brasileiro de Jair Bolsonaro, cujos quatro anos de mandato foram um exemplo marcante do populismo de direita na América do Sul. Devido a esse destaque, esta pesquisa irá se concentrar em estudos de caso comparados dos dois países com base nas particularidades de cada um. O intuito comparativo visa, justamente, observar se o nacionalismo cristão se manifesta da mesma forma no discurso internacional de

diferentes regimes populistas de direita, bem como seu grau de importância, ou se outras possíveis características prevalecem na hora de justificar as ações de política externa desses países.

Portanto, o objeto deste estudo será especificamente a presença do discurso nacionalista cristão em matéria de política externa em dois governos populistas de direita: Brasil e Hungria, no marco temporal que vai do início de cada mandato até 2022, último ano de Bolsonaro. Isso será investigado mobilizando a Role Theory da Ciência Política e o método da análise de discurso, com a finalidade de observar e explicar a relação entre identidade e política externa. Não é nosso objetivo fazer uma inferência generalizada sobre a relação entre populismo de direita e religião, mas sim observar se, nos casos amostrados, essa relação ocorre da mesma forma ou de maneiras diferentes.

A hipótese estipulada é a de que o emprego de argumentos religiosos comuns ao nacionalismo cristão está em função da concepção de papel nacional adotada pelos tomadores de decisão, sendo usado para legitimar a orientação de política externa do país. Isto significa que a identidade e o papel do Estado perante a comunidade internacional são definidos com base em preceitos do nacionalismo cristão, o que também influencia na escolha de parcerias, adversários, objetivos e decisões comuns.

O primeiro capítulo apresenta os conceitos de populismo de direita e nacionalismo cristão. Iremos, inicialmente, conceituar o populismo como um fenômeno político amplo, para depois nos aprofundar em suas nuances no espectro político da direita. Também apontaremos as principais diferenças entre os movimentos populistas de direita pelo mundo, em especial as suas manifestações na Europa e na América do Sul, e olharemos como a religião é utilizada por parte desses governos. Em seguida, abordaremos o conceito de nacionalismo cristão introduzindo suas principais características e apresentando como essa ideologia se faz presente em governos populistas de direita, partindo dos casos do Brasil e da Hungria.

No segundo capítulo apresentamos o referencial teórico e metodológico a ser utilizado na pesquisa. Em primeiro lugar, abordamos a noção de identidade na política internacional tendo como base a teoria construtivista das Relações Internacionais, para, em sequência, apresentar a Role Theory, seus atributos, e como ela pode ser útil para apontar as identidades e papéis atribuídos por governos populistas de direita. Em um segundo momento, focamos no método a ser utilizado, que é a análise de discurso, demonstrando sua relação com o marco teórico e aplicação para os fins da investigação. Na sequência, apresentamos as particularidades da política comparada para justificar a escolha dos casos e definir os pontos de comparação entre os países escolhidos. Por fim, introduzimos um esquema completo do

desenho de pesquisa, bem como a ferramenta principal para realizar a análise dos discursos coletados, o *software* Iramuteq.

No terceiro capítulo, damos início à pesquisa empírica com base no estudo de caso do governo de Jair Bolsonaro no Brasil. Primeiramente, fazemos uma análise conjuntural do governo desde a sua eleição em 2018, perpassando suas principais características populistas e indicando como o nacionalismo cristão se fez presente durante o mandato presidencial. Na sequência, procedemos à análise textual dos discursos do presidente e dos seus ministros das relações exteriores, de forma observar a presença do nacionalismo cristão no discurso populista em política externa.

No quarto capítulo realizamos o mesmo procedimento empírico acima descrito para o estudo de caso do governo de Viktor Orbán na Hungria. Seguindo os passos do anterior, começamos por uma análise conjuntural que vai desde o início da carreira política do estadista, passando pelas principais políticas adotadas em mais de uma década no poder, focando em denotar as características populistas e nacionalistas cristãs das suas decisões. Em seguida, realizaremos a análise dos discursos de política externa proferidos pelo primeiro-ministro, ministros de relações exteriores e presidentes da Hungria, auferindo a presença de um teor nacionalista cristão na política externa húngara.

Esperamos, dessa forma, contribuir para a agenda de pesquisa do campo de populismo, posicionando a religião como ponto de referência e a arena internacional como *locus* de análise, assim oferecendo novas perspectivas para compreender esse fenômeno e suas implicações nos diferentes níveis da política.

CAPÍTULO 1 - POPULISMO DE DIREITA E NACIONALISMO CRISTÃO

Neste capítulo, exploramos os dois conceitos que norteiam a nossa pesquisa, o populismo de direita e o nacionalismo cristão. A primeira seção trata do populismo propriamente dito, explicando os elementos gerais do fenômeno presentes em todas as suas variações, isto é, as noções de povo, elite e vontade geral. Em seguida, há uma exposição sobre o populismo em sua vertente de direita, destacando suas características centrais, fazendo uma distinção de como ele se manifesta em diferentes regiões do mundo e como a religião se insere nesse movimento. A terceira e última seção aborda o conceito de nacionalismo cristão, introduzindo seus atributos e preceitos, examinando sua presença em regimes populistas de direita e analisando o caráter internacional dessa ideologia.

1.1 Populismo - uma definição

Em primeiro lugar, é preciso definir o que o populismo é, bem como aquilo que ele não é. Alguns críticos do conceito argumentam que o termo é impreciso e que pode ser usado de forma pejorativa para descrever movimentos políticos voltados aos setores menos privilegiados de uma sociedade. Outros argumentam que o populismo é uma forma de demagogia e que os líderes populistas usam o povo como um instrumento para chegar ao poder. Ainda há de se citar as críticas de que a noção de populismo é vaga, sendo usada justamente para definir adversários. Ou seja, populista é somente o outro. Para além do senso comum de erroneamente tratar o populismo como sinônimo de demagogia e personalismo, ou como um sofismo para difamar adversários políticos, existe um amplo debate acadêmico sobre as definições do termo (BARROS; LARGO, 2022).

Existe um problema em torno da amplitude do conceito de populismo: alguns autores dizem que o termo é tão amplo que qualquer figura política pode ser incluída no seu enquadramento (MUDDE; KALTWASSER, 2017; URBINATTI, 2019). Uma tautologia, também se poderia dizer, porque se populista é alguém que se refere ao povo, e numa democracia é do povo que emana a legitimidade, então todos os democratas deveriam ser populistas (ROSANVALLON, 2020). Mas se todos são populistas, então ninguém é populista. Há, portanto, questionamentos até mesmo sobre a existência do populismo. Outro ponto de disputa que causa tal dificuldade em conceituar o populismo são as suas distinções dependendo da região a ser observada: o populismo europeu é geralmente associado à

xenofobia e aos movimentos anti-imigração, enquanto na América Latina é frequentemente associado ao clientelismo e ao expansionismo estatal (MUDDE; KALTWASSER, 2017).

Há também divergências sobre a relação entre populismo e democracia: Laclau (2013) e Mouffe (2019) consideram o populismo como uma força emancipatória essencial na política, que reintroduz o conflito e inclui grupos sociais marginalizados no debate com o objetivo de alterar o status quo. Urbinati (2019), por sua vez, define o populismo como um projeto de poder que transfigura os principais pilares da democracia moderna, sendo uma forma desfigurada de governo representativo. A sua caracterização se daria pela existência de duas relações: uma relação direta entre o líder e o *povo* e uma relação superlativa entre a população e o Estado. Nessa lógica, o líder se apresentaria como o legítimo representante do povo, e, uma vez no poder, corroeria as instituições para transformar o jogo democrático em prol de se perpetuar. Essa forma de governar enfraqueceria as instituições de intermediação, como os partidos políticos, o que também implica a emergência de uma figura forte e carismática, que mantém uma relação estreita com as massas, ao mesmo tempo que concentra o poder (MUDDE; KALTWASSER, 2017). Tem-se então a ideia do populismo como um fenômeno capaz de transformar instituições (BARROS; LARGO, 2022).

Há também outro ponto de vista sobre o populismo que o vê como uma forma “folclórica” de fazer política, uma postura que o líder ou os partidos adotam para mobilizar as massas. É uma forma irreverente de se comportar em público, na qual o político em questão assume uma atitude que alude a um comportamento informal e pouco preocupado com a liturgia do cargo que ocupa, desrespeitando os códigos de vestimenta e a linguagem esperada para a função. O objetivo é criar uma imagem de pertencimento ao povo, em detrimento de pertencer à elite, bem como chamar a atenção e atrair cobertura midiática para o seu comportamento. Assim, o populismo é esteticamente transgressivo e culturalmente popular (BARROS; LARGO, 2022).

Mudde e Kaltwasser (2017) propõem um conceito único e delimitado de populismo, que busca combinar todas as abordagens, concomitantemente, explicando o que elas têm em comum e abrangendo as diferenças observadas nas variações que ocorrem nos populismos devido à diferenciação geográfica, ideológica e ao perfil da população. Os autores definem o populismo como

uma ideologia superficial que considera a sociedade, em última análise, separada em dois campos homogêneos e antagônicos, “o povo puro” versus “a elite corrupta”, e

que argumenta que a política deve ser uma expressão da *volonté générale* (vontade geral) das pessoas⁴ (MUDDE; KALTWASSER, 2017, p. 6).

A consequência de apresentar o conceito acima, reafirmado em vários outros trabalhos que procuram conceitualizar o populismo, é que este se baseia em três outros conceitos principais: povo, elite e vontade geral. Isso significa que o populismo assume diferentes formas a partir da interpretação adotada para cada um desses termos, dependendo das características de cada sociedade em que o fenômeno se manifesta. Visto sob esta perspectiva, o populismo é entendido como uma espécie de quadro analítico no qual os indivíduos analisam e compreendem a realidade do ambiente político. Não se trata, portanto, de definir uma única ideologia populista, mas de conceber como diferentes ideologias políticas se manifestam através deste prisma (MUDDE; KALTWASSER, 2017). Adotando esta perspectiva, discutiremos os três pilares do populismo respectivamente.

Se o populista constrói seu discurso de forma a apelar ao *povo*, é natural que o termo tenha grande destaque na discussão sobre o tema. Os autores que tratam do assunto concordam, em geral, que *o povo* é uma construção, que se refere a uma interpretação específica e reducionista da realidade (MUDDE; KALTWASSER, 2017). Laclau (2013) afirma que, justamente porque *povo* é um termo de significado vazio, tratado como uma espécie de cheque em branco e preenchido à vontade por quem o detém, o populismo se torna um fenômeno político tão poderoso e recorrente. A amplitude do conceito de povo confere ao populismo a capacidade de instrumentalizá-lo para se tornar atraente em diferentes estruturas sociais e para diferentes perspectivas ideológicas (LACLAU, 2013).

Canovan (2005) e Rosanvallon (2020) explicam que existem duas formas de se referir ao povo, seja a população como um todo ou parte dela. No primeiro caso falamos do povo como um corpo cívico, a figura de uma generalização política, de uma unidade. No segundo caso, o povo pode ser o grupo dominante, a elite que controla o espaço político ou, pelo contrário, pode referir-se ao grupo excluído do poder, que não se beneficia do regime atual. O mais comum é que o discurso populista se dirija a esse segundo grupo, com a promessa de elevá-los, tirá-los da marginalidade e colocá-los no centro da política (CANOVAN, 2005).

Na retórica populista, identificam-se principalmente três categorizações do termo: o povo comum, o povo como soberano e o povo como sinônimo de nação. A primeira forma surge a partir da ideia de *populus*, presente no Império Romano, que teria o sentido de plebe, aquele que não fosse patricio. Neste sentido, a ideia de povo comum está associada à rale

⁴ Tradução livre. Do original: *a thin-centered ideology that considers society to be ultimately separated into two homogeneous and antagonistic camps, "the pure people" versus "the corrupt elite," and which argues that politics should be an expression of the volonté générale (general will) of the people.*

excluída dos privilégios políticos e econômicos da sociedade, sendo passíveis de mobilização para reivindicar seu lugar na democracia (CANOVAN, 2005; BARROS; LARGO, 2022).

A ideia de *pessoas comuns* é constantemente utilizada como uma crítica à cultura dominante, que vê os julgamentos, gostos e valores dos cidadãos comuns como inferiores. Esta concepção elitista viola a dignidade de grupos que são excluídos do poder devido ao seu status cultural e socioeconômico. Por isso, é usual que um líder populista adote hábitos típicos da *gente comum*, como o vestuário e a linguagem, como forma de atrair esta parcela da população. A atribuição desse significado ao povo comum pode servir tanto para integrar como para dividir: procura unir uma maioria silenciosa e ressentida, mas também procura mobilizar esta maioria contra um inimigo comum, a maioria muitas vezes o *establishment* (MUDDE; KALTWASSER, 2017).

A noção de povo como soberano evoca o princípio democrático de que o poder emana do povo. Trata-se de um lembrete de que a verdadeira fonte de poder numa democracia deriva do corpo coletivo, da mobilização das majorias, do cidadão comum. Essa caracterização é muitas vezes instrumentalizada pela retórica populista porque, se o líder populista é o representante legítimo do povo, ele também deve ser o único líder verdadeiramente democrático capaz de representá-lo (CANOVAN, 2005; MUDDE; KALTWASSER, 2017).

Já a forma de povo como nação diz respeito à comunidade nacional, definida quer em termos cívicos quer em termos étnicos. Isto implica que todos os nativos de um determinado país estejam incluídos, podendo ser uma ferramenta de exclusão de grupos étnicos minoritários. Esse processo de equiparação é uma estratégia discursiva usada para criar uma identidade coletiva homogênea, na qual a noção de povo é amalgamada à ideia de uma comunidade nacional distinta. Ao realizar essa equiparação, os populistas sugerem que o interesse do *povo* é sinônimo do interesse nacional, criando assim uma narrativa de unidade inquestionável entre o povo e o Estado-nação (MUDDE; KALTWASSER, 2017).

Por sua vez, a elite é definida principalmente com base no poder. É o grupo que ocupa os principais cargos no poder político, na economia, na mídia e nas artes. No entanto, a retórica populista exclui o líder populista e os seus apoiantes deste grupo. Outro recurso narrativo crucial ao lidar com a concepção de elite para o discurso populista é o critério moral: há uma distinção entre *o povo*, que é retratado como puro e injustiçado, e *a elite*, acusada de corrupta e imoral, que funciona contra a *vontade geral* do povo. Ou seja, a elite não está apenas ignorando os interesses do povo, mas trabalhando ativamente contra ele (MUDDE; KALTWASSER, 2017; URBINATI, 2019).

Além destes dois critérios fundamentais (poder e moralidade), são utilizados vários critérios secundários para distinguir as características típicas da elite, dependendo da estrutura social em que ocorre o populismo e da ideologia do líder populista em questão. Por exemplo, na Europa é muito comum a fusão entre populismo e nacionalismo, e a distinção de pessoas com base em critérios étnicos e xenófobos, excluindo da categoria de povo imigrantes e minorias étnicas. Contudo, não se argumenta que estes grupos façam parte da elite, mas que a elite trabalha para favorecê-los em detrimento do povo (MUDDE; KALTWASSER, 2017; URBINATI, 2019).

Como se pode perceber, *povo* e *elite* são construções discursivas que se definem mutuamente. No momento em que um líder ou partido populista define quem faz parte do povo, conseqüentemente também define por oposição quem compõem a elite. As duas categorias são políticas e não sociológicas. Isso se coaduna com Laclau (2013), que argumentava que o populismo nada mais é do que uma maneira de construir o *povo* como sujeito político. É então uma lógica política que constrói identidades coletivas com base no antagonismo nós contra eles (LACLAU, 2013; MOUFFE, 2019).

Os líderes populistas se apropriaram da concepção inicialmente apresentada por Jean-Jacques Rousseau, que definiu a vontade geral (*volonté générale*) não apenas como a soma das vontades de todos (*volonté de tous*), mas como a capacidade do povo de se organizar politicamente para cumprir a vontade da maioria. A divisão entre *o povo puro* e *a elite corrupta* reforça a existência da vontade geral. O líder populista deve, então, ser esclarecido o suficiente para saber qual é a vontade geral, e carismático o suficiente para reunir os indivíduos em um grupo coeso que busca alcançá-la (CANOVAN, 2005; MUDDE; KALTWASSER, 2017).

A ideia de vontade geral adotada pelo populismo baseia-se no bom senso, não em um processo racional de construção através da esfera pública. A vontade geral é muitas vezes instrumentalizada para agregar diferentes exigências do povo e identificar um inimigo comum. Há uma perspectiva que defende que, por ser capaz de organizar as pessoas, especialmente as excluídas do *establishment* político, em direção a um objetivo comum, o populismo é um catalisador democrático. Contudo, há também o entendimento de que a noção de vontade geral é um fator relevante para o apoio aos populistas com tendências autoritárias. Este segundo ponto de vista baseia-se no pressuposto inicialmente apresentado por Carl Schmitt de que a homogeneidade do povo é essencial para a formação de uma ordem democrática. Portanto, a vontade geral baseia-se na demarcação clara entre *o povo*, homogêneo e com interesses comuns, e aqueles que não lhe pertencem, o que pode legitimar

ataques a qualquer pessoa que ameace a homogeneidade do povo (MUDDE; KALTWASSER, 2017; ROSANVALLON, 2020).

1.2 Populismo de direita

1.2.1 Características

Retomando a definição de populismo apresentada anteriormente, trata-se de uma ideologia “superficial” (*thin*) por ser capaz de transitar pelo espectro político, se manifestando tanto à direita como à esquerda, apresentando características distintas e noções diferentes da dicotomia povo-elite (MUDDE; KALTWASSER, 2017). O populismo de direita, por sua vez, se refere a uma ideologia cujas principais características são a contestação da globalização como ordem hegemônica, assentada numa proposta alternativa de resgate de um passado idealizado, onde o tradicionalismo é a peça central. Esse retorno aos valores perdidos da tradição implica uma releitura do popular, do nacional e do que está de fora. Trata-se então de uma ideologia centrada no mito de uma nação homogênea, caracterizada por um ultranacionalismo idealizado que se dirige contra a democracia liberal e cosmopolita (SANAHUJA; BURIAN, 2020)

Mudde (2022) faz um panorama das principais características do que ele denomina de “direita radical populista”. Apesar de sua obra possuir um viés ocidental, por focar em particular nas experiências ocorridas na União Europeia e nos Estados Unidos, ainda que esporadicamente se valendo de exemplos fora dessas regiões, ela ainda delinea de forma produtiva os aspectos gerais desse fenômeno político. Segundo o autor, a ideologia populista de direita incorpora, além do próprio populismo, elementos de nativismo e autoritarismo, que se manifestam principalmente em temáticas como imigração, segurança pública, corrupção e política externa.

Quanto ao nativismo, o autor o descreve como “uma combinação entre nacionalismo e xenofobia” (MUDDE, 2022, p. 42). É uma ideologia fundamentada na ideia de os países devem ser habitados exclusivamente pelos membros do grupo nativo e que qualquer elemento estrangeiro, seja esse indivíduos ou ideias, configura uma ameaça existencial para o Estado-nação homogêneo. Mesmo filhos de imigrantes que possuem cidadania ainda são vistos como estrangeiros por essa ótica, por não representarem o tipo ideal de cidadão nativo. Nessa lógica, o objetivo dos populistas de direita é o de estabelecer uma etnocracia, isto é, “uma democracia na qual a cidadania é baseada na identidade étnica” (MUDDE, 2022, p. 42).

Em sociedades ocidentais, o nativismo está profundamente associado à islamofobia, e em casos extremos ao antissemitismo, por considerar a fé islâmica totalmente incompatível com os valores locais. Os estrangeiros oriundos de países árabes ou do norte da África, em sua extensa maioria muçulmanos, são tratados como o principal problema para a população nativa. Essa circunstância é alimentada por uma percepção estereotipada da população islâmica, que os enxerga como desprovidos de civilização, sexistas, preguiçosos e potenciais terroristas, e é alimentada sempre que um episódio de jihadismo real ocorre em solo europeu ou estadunidense (MUDDE, 2022).

O elemento do autoritarismo, por sua vez, se fundamenta na perspectiva de uma sociedade estritamente ordenada, na qual transgressões à autoridade são punidas severamente. Cabe destacar aqui a relevância que o populismo dá para a noção de *ordem*. Nesse sentido, sociedades prósperas são aquelas que mantêm a coesão social e não violam a ordem vigente, tida como natural. Assim, conflitos de classe, gênero, raça, bem como revoluções culturais, criminalidade e corrupção são vistos como indesejáveis por violar a ordem natural, sendo, portanto, ameaças para o corpo social. Nesse contexto, o autoritarismo populista procura consolidar uma estrutura social hierárquica e disciplinada, onde qualquer desvio é visto como uma ameaça à estabilidade e ao equilíbrio percebidos como essenciais (MUDDE, 2022).

A perspectiva autoritária interpreta uma variedade de problemas sociais, incluindo o abuso de drogas ilícitas e comportamentos considerados desvios sexuais, como questões centrais de segurança e preservação da ordem pública. Sob essa ótica, acredita-se que essas questões só podem ser efetivamente combatidas por meio de abordagens agressivas e punitivas. Para os partidários do autoritarismo, a reintrodução da educação moral e tradicional nas escolas seria uma resposta para evitar tais problemas, buscando inculcar valores considerados fundamentais para a estabilidade social. A ênfase recai na visão de que a disciplina rigorosa, a imposição de normas morais estritas e uma abordagem punitiva são instrumentos essenciais para manter a ordem pública e prevenir o que é percebido como desvio social (MUDDE, 2022).

A imigração em massa é interpretada pelos populistas de direita como uma ameaça existencial ao Estado-nação. Essa preocupação perpassa tanto uma oposição ao multiculturalismo presente em sociedades com grande população migrante, em defesa da cultura local, quanto o temor pela competitividade no mercado de trabalho, ou seja, a ideia de que os imigrantes estão roubando o emprego da população nativa, e também a alegação de que os índices de criminalidade aumentarão. Em casos de grupos mais extremistas, a rejeição

da imigração também envolve teorias conspiratórias sobre um suposto genocídio branco e a substituição populacional por povos migrantes (MUDDE, 2022).

Não obstante, a questão da imigração não seria apenas consequência natural de fluxos globais, mas uma trama premeditada pelas elites. De acordo com Mudde (2022, p. 46):

Políticos de direita populista radical acreditam que a imigração em massa não é causada pela pobreza nos países em desenvolvimento, mas incentivada pelos políticos progressistas em países desenvolvidos por dois motivos: (1) ódio ao próprio país ou (2) uma tentativa de recuperar o eleitorado perdido para a direita populista radical por meio da importação de novos eleitores. Recentemente, graças a uma campanha fortemente promovida pelo premie húngaro Viktor Orbán, o bilionário judeu húngaro-americano George Soros tem sido caracterizado como o gênio do mal por trás dessa conspiração, numa versão contemporânea do infame texto antisemita Protocolo dos Sábios de Sião⁵.

Dado o contexto migratório da maioria dos países ocidentais, o principal tipo de estrangeiro que passa a ser enquadrado como uma ameaça é o muçulmano. O viés islamofóbico dos discursos antimigratórios dos populistas de direita, associados com o medo de uma possível islamização dos seus países, é notório em casos como os da Polônia e Hungria, cujas lideranças já se manifestaram que só aceitariam receber imigrantes de origem cristã. A associação entre o Islã e terrorismo é muito forte no discurso público dos populistas de direita (HAYNES, 2021; MUDDE, 2022)

Corrupção é, na visão dos populistas de direita, um problema oriundo internamente, ao contrário da imigração e segurança que seriam de origens externas ao Estado-nação. Nessa visão, a corrupção é tanto financeira quanto moral, em que elites políticas ligadas ao *establishment* são responsáveis por desviar recursos públicos e também por corromper moralmente os valores da nação. No cerne dessa corrupção de tipo moral encontram-se muitas acusações contra grupos de esquerda e também a noção de *marxismo cultural*, que seria a gradativa implementação do socialismo por meio da influência cultural e infiltração nas instituições tradicionais (MUDDE, 2022).

Grupos associados ao populismo de direita demonstram uma preocupação central com a questão da segurança pública, indo além da mera preservação da integridade física dos indivíduos. Nesse contexto abrangente, a segurança é concebida não apenas em termos individuais, mas também em relação às coletividades, particularmente a nação, incorporando elementos econômicos e culturais. Problemas políticos passam a ser entendidos como

⁵ Os Protocolos dos Sábios de Sião são um documento forjado em 1903, se passando por um plano secreto dos judeus para alcançar a dominação mundial. O texto fomentou preconceitos e teorias conspiratórias contra judeus no mundo todo, sendo instrumentalizados por regimes autoritários, incluindo os nazistas, para justificar perseguições contra a comunidade judaica. Ainda hoje inspira diversas *fake news* e propagandas antisemitas (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM, s.d.).

ameaças à ordem natural, gerando um sentimento de insegurança que precisa ser combatido com medidas rigorosas. Para combater esses problemas, que vão desde o aumento da criminalidade, ao consumo de substâncias ilícitas, a imigração ou o desemprego, a solução frequentemente se dá com políticas autoritárias que favorecem punições e desincentivam recompensas. Nos casos europeu e estadunidense, a noção de segurança sempre está ligada a um viés nativista, uma vez que estrangeiros são vistos como os principais responsáveis pela insegurança dos nativos (MUDDE, 2022).

No tocante à política externa, os populistas de direita tendem a ter uma postura mais nacionalista, priorizando sempre o interesse doméstico em detrimento da cooperação internacional. Também demonstram desconfiança e hostilidade para com organizações internacionais, em especial a ONU e a União Europeia, acusadas de suplantar a soberania dos seus países. Nesse contexto, muitas figuras ligadas ao populismo de direita passaram a usar o conceito de *globalismo* para se referir a uma suposta conspiração comandada por oligarcas, ONGs e instituições internacionais para suplantar os governos nacionais e impor uma agenda política global (MUDDE, 2022; BARBOSA; CASARÕES, 2023).

Ainda que haja falta de consenso generalizado em assuntos de política externa, que pode resultar em oposições sobre questões específicas, como é o caso da forte parceria com a Rússia na Hungria, rejeitada por diversos outros governos semelhantes, os populistas de direita tendem a ter uma predileção pela liderança dos Estados Unidos na ordem internacional em detrimento ao avanço econômico e geopolítico da China. Paralelamente, países comandados por governos de esquerda costumam ser vistos com desconfiança, acusados de apoiar o marxismo cultural e o globalismo (MUDDE, 2022).

Há de se dizer que, apesar da predominância do interesse nacional e o ceticismo para com as relações internacionais, Estados comandados por governos populistas de direita tendem a se relacionar entre si com maior afinco e possuem uma agenda compartilhada de objetivos de política externa, nas quais se incluem uma aliança global conservadora e o enfraquecimento das instituições internacionais. Isso aponta para uma tendência de solidificação de laços baseados em afinidades ideológicas (GUIMARÃES; SILVA, 2021; LOPES; CARVALHO; SANTOS, 2022).

Todavia, como a política externa é principalmente implementada fora das fronteiras dos Estados, as interações internacionais devem ser consideradas como uma variável. Os objetivos de política externa defendidos por governos populistas de direita nem sempre se concretizam em atos e decisões estatais, ora por conta de obstáculos impostos por atores

internacionais, ora devido a acordos previamente estabelecidos que vinculam as ações dos Estados (LOPES; CARVALHO; SANTOS, 2022).

As acusações associadas a essas temáticas - imigração, corrupção, segurança e política externa - reforçam a narrativa populista de direita, destacando uma suposta ameaça à integridade da nação em diversos fronts. A corrupção financeira seria consequência da degeneração e incompetência das forças políticas tradicionais. A corrupção moral seria obra da esquerda que quer implantar o marxismo cultural. A violência e a perda da cultura nacional seriam obras das elites globalistas responsáveis por acolher massas populações estrangeiras e subverter a soberania estatal. Em contrapartida a tudo isso, líderes populistas de direita se apresentam como íntegros e capazes de tomar as medidas necessárias, ainda que controversas, para retomar a ordem natural das coisas e colocar seu respectivo país no rumo do progresso (MUDDE, 2022).

As causas do populismo de direita têm sido objetos de debate dentro os acadêmicos. Por um lado, a tese da *aflição econômica* sustenta que o apoio dado por eleitores aos populistas de direita se deve às consequência do neoliberalismo globalizado. Os *perdedores da globalização* é como são chamados uma parcela significativa da população que sofreu perdas relativas ou absolutas em função da abertura dos mercados e dos fluxos migratórios, vendo um declínio do rendimento real e da garantia de emprego. Por outro lado, a tese da *reação culturalista* defende que a expansão do multiculturalismo e o avanço dos direitos das minorias são percebidos como ameaças à identidade cultural da sociedade (NORRIS; INGLEHART, 2017; MUDDE, 2022).

Nesse sentido, Norris e Inglehart (2017) buscaram responder o que motiva as pessoas a apoiar movimentos autoritários populistas e o porquê do voto nesses movimentos ser muito mais elevado agora do que era a várias décadas nos países de renda elevada. Os autores argumentam que o apoio aos populistas de direita seria explicado pela reação culturalista, que é o motivo clássico para apoio individual a partidos populistas de direita, mas é o declínio da segurança existencial, em virtude da queda da renda real e de empregos, que faz aumentar a percepção de que líderes e partidos populistas sejam a alternativa adequada para resolver essas questões (NORRIS; INGLEHART, 2017).

Em resposta, Mudde e Kaltwasser (2018) apresentam o ponto de que a tese dos perdedores da globalização sustenta que as mudanças econômicas resultam na formação de uma nova subclasse, que se sente ameaçada pela chegada de imigrantes e pelas transformações sociais em curso, e assim vota em forças políticas reacionárias que prometem

regressar a um passado idealizado,⁶ caracterizado pela homogeneidade étnica e coesão social. Tendo isso em vista, argumentam que tal tese é, na verdade, uma combinação das abordagens da ansiedade econômica e da reação culturalista. Logo, o apoio eleitoral aos partidos populistas de direita é explicado pelo enquadramento cultural da ansiedade econômica (MUDDE, KALTWASSER, 2018).

Dado o exposto acima, o populismo de direita não pode ser totalmente compreendido apenas por meio de análises econômicas tradicionais. Enquanto as preocupações econômicas, como desigualdade e estagnação salarial, desempenham um papel relevante, a dimensão cultural tornou-se cada vez mais proeminente. Os eleitores que se sentem alienados por mudanças culturais muitas vezes enxergam os líderes populistas como defensores de uma volta aos valores tradicionais e à ordem social percebida como perdida. O populismo de direita não é apenas uma resposta econômica à globalização, mas é também uma reação cultural contra as transformações sociais, criando uma narrativa que apela aos eleitores que se sentem marginalizados pelas mudanças em curso (NORRIS; INGLEHART, 2019).

1.2.2 Diferenças entre o populismo de direita na Europa e no mundo

Apesar das grandes contribuições dos estudos recentes sobre o populismo de direita, elas ainda se prendem a um viés bastante anglo-saxão e eurocêntrico, ainda que citem com frequências casos oriundos da América Latina e da Ásia. Conceitos como nativismo, por exemplo, não são o suficiente para explicar esse fenômeno político fora do eixo Estados Unidos - Europa. Generalizações são importantes e muito úteis didaticamente, mas pontuar as peculiaridades que o objeto em questão apresenta em diferentes contextos regionais é fundamental para o compreender de forma holística.

Como aponta Kaltwasser e Zanotti (2023), os movimentos populistas de direita fora da Europa articulam as ideias de autoritarismo, nativismo e populismo de maneiras diferentes das utilizadas pelos seus equivalentes europeus e empregam elementos ideológicos específicos do contexto em que estão inseridos para se adequar às demandas sociais nele preponderantes. Dessa forma, o populismo de direita apresenta como uma das razões de seu sucesso uma flexibilidade discursiva e capacidade de adaptação para se conectar com as aflições sentidas por segmentos do eleitorado em diferentes contextos nacionais e regionais.

⁶ Sanahuja e Burian (2020) chamam esse passado idealizado tão presente na retórica dos populistas de direita de *Arcadia*, em contraste com o futuro de progresso idealizado da esquerda que seria a *Utopia*.

A realidade de cada país faz com que os elementos definidores do populismo de direita apresentem importância diferenciada. Tomando a América Latina como exemplo, cujos países possuem um histórico muito maior de emigração do que de imigração, a ideia de nativismo apresenta muito menos força, e os atributos que constituem o *povo puro* no discurso populista precisam ser redefinidos. De modo semelhante, a forma como a política econômica é encarada varia substancialmente. Enquanto na Europa os populistas de direita defendem um *chauvinismo social*, isto é, a defesa do Estado de bem-estar social apenas para a população nativa, Donald Trump nos Estados Unidos defendeu o protecionismo, enquanto para os latino-americanos predomina o neoliberalismo (KALTWASSER; ZANOTTI, 2023).

Na perspectiva sul-americana, ao se debruçar sobre os casos brasileiro e chileno, foi constatado que o autoritarismo é a característica mais marcante do populismo de direita local, em virtude dos sérios problemas de segurança pública, enquanto o nativismo é o menos relevante. A elite corrupta é caracterizada como os partidários de esquerda e os movimentos sociais progressistas internos ao próprio país, enquanto a definição do povo puro abarca um forte viés moralista e religioso, na qual apenas os trabalhadores e cristãos se encaixam. Além disso, outra ideologia abarcada por esse movimento é o neoliberalismo, com foco nas privatizações e corte de gastos estatais, visto como a resposta econômica para os problemas do país (KALTWASSER; ZANOTTI, 2023).

Apesar do nativismo não ser a força principal do populismo de direita nesses países, ele apresenta uma particularidade, que é compartilhada pela Austrália: o uso do discurso nativista para depreciar povos originários. Isso se dá por conta da defesa da homogeneidade da nação defendida por esses atores políticos. Como se tratam de ex-colônias, o grupo dominante dessa homogeneidade é o grupo que ocupou a terra. Portanto, a defesa do ideal de uma nação entra em desacordo com a existência de nações autóctones. Os povos originários passam então a ser compreendidos como externos ao povo que compõem a nação (KALTWASSER; ZANOTTI, 2023).

É dessa noção de povo identificada no contexto da América do Sul que surge a ideia de *cidadão de bem*, muito trabalhada pelo bolsonarismo. A figura do cidadão de bem é moldada em torno de valores tradicionais, destacando atributos como o trabalho árduo para sobreviver, honestidade e a adesão à moral cristã. É, assim como em muitos outros casos, uma construção simbólica da identidade do povo. Para Bolsonaro, o verdadeiro povo brasileiro está ligado à ideia de cidadão de bem (BARROS; LARGO, 2022).

No continente asiático, a Índia apresenta um caso peculiar. O partido governante Bharatiya Janata (Partido do Povo Indiano) do primeiro-ministro Narendra Modi não apenas é

o maior partido do mundo, em número de filiados, como é considerado um partido populista de direita. O núcleo da sua ideologia é o nativismo, expresso no objetivo último da criação de um Estado étnico hindu. Esse nacionalismo de caráter hindu é ao mesmo tempo anticolonial e anti-multicultural, rejeitando igualmente cristãos, muçulmanos, grupos não-nativos da Índia e ideias como pluralismo e secularismo. O povo puro são os hindus enquanto a elite corrupta é o Congresso, acusado de influência estrangeira e de favorecer o Islã. O autoritarismo do partido se manifesta numa rígida doutrina de segurança nacional para coibir o terrorismo proveniente, nas palavras deles, do Paquistão, e no aumento do controle sobre a região disputada de Jammu e Caxemira. Assim como no caso sul-americano, o neoliberalismo como política econômica se faz presente no governo de Modi como parte da estratégia populista (LEIDIG; MUDDE, 2023).

De forma similar, também no continente asiático, o governo do presidente Recep Tayyip Erdogan, da Turquia, também classificado como populista de direita, classifica o povo verdadeiro com base em critérios religiosos, sendo os muçulmanos os turcos legítimos em detrimento dos fiéis de outras religiões. Dado que a disputa política no país é fortemente marcada por uma dicotomia entre o secularismo ocidentalizante e o conservadorismo islâmico, a elite corrupta é vista pelos partidários de Erdogan como os defensores de influências estrangeiras, preferências seculares e proximidade com o Ocidente. O neoliberalismo se faz igualmente presente como ideologia complementar, e é o autoritarismo, assim como na América do Sul, que possui prevalência, tendo em vista que o critério religioso não é de caráter exclusivamente nativista (KALTWASSER; ZANOTTI, 2023).

Tendo em vistas essas diferentes manifestações do populismo de direita ao redor do mundo, é importante se ater às particularidades de cada caso durante uma pesquisa comparativa, para não se chegar em resultados equivocados. No caso desta pesquisa que irá tratar de Brasil e Hungria, as categorias devem estar adequadas a cada contexto de forma a identificar pontos comuns e possíveis divergências dentro do mesmo perfil ideológico.

1.2.3 O papel da religião em regimes populistas de direita

O vínculo entre o populismo de direita e a religião é atestado por autores como Brubaker (2017); Zúquete (2017); Mikenberg (2018); Permoser (2020); Haynes (2020; 2021); Rees (2021); Caiani e Carvalho (2021); Mudde (2022) e Cramer (2023). O uso da retórica religiosa é apontado como algo recorrente em termos de política identitária. Nesse contexto, a politização da religião tem a função de mobilizar sentimentos de pertencimento

entre a população majoritária, o que é possível mesmo em nações de tradição secular, porque a religião é usada não como um marcador de crença individual, mas sim como uma referência cultural enraizada na definição de identidade nacional compartilhada coletivamente (BRUBAKER, 2017; PERMOSER, 2020).

A religião pode desempenhar diversas funções em organizações políticas. Pode desempenhar um papel fundamental nas táticas de mobilização de grupos, independentemente das suas origens seculares ou religiosas; pode legitimar organizações e fornecer uma justificação moral para seus atos, referindo-se a uma *verdade superior* face aos desafios externos. A religião também pode ajudar a criar e reforçar identidades coletivas, quer através da oposição ou do desenvolvimento comunitário. Também oferece recursos emocionais para a mobilização como fonte de símbolos, rituais e solidariedades que podem ser acessadas e apropriadas pelos líderes do movimento (CAIANI; CARVALHO, 2021).

Uma das primeiras manifestações identificadas da relação entre religião e populismo foi na forma da sacralização da política, que consiste no emprego de discurso religioso para apontar o líder populista como uma figura messiânica capaz de salvar a nação e liderar o povo para um futuro utópico (ZÚQUETE, 2019). Essa sacralização da política aparece em ambos do lado do espectro político, já tendo sido incorporada por Hugo Chávez na Venezuela e Jean-Marie Le Pen na França (CAIANI; CARVALHO, 2021). Recentemente, foi possível observá-la na forma com que muitas lideranças religiosas no Brasil declararam Jair Bolsonaro como escolhido de Deus para salvar o país, messianismo esse reforçado pelo seu nome do meio (BARBOSA; CASARÕES, 2023).

A relação entre populismo e religião no Ocidente é pela associação da religião com a formação cultural do país. Mesmo que muitos membros da direita populista na Europa sejam seculares, seus movimentos instrumentalizam símbolos religiosos e usam a religião para alimentar uma reação cultural contra muçulmanos e estrangeiros. Em vez de se referirem à religião como fé, essas lideranças populistas a usam como um marcador da identidade europeia (BRUBAKER, 2017). Nesse sentido, grupos populistas de direita em países ocidentais seriam culturalmente cristãos, ou seja, que consideram o cristianismo ou alguma de suas denominações como parte intrínseca da cultura nacional (MUDDE, 2022).

Na Turquia de Erdogan, a identidade muçulmana tornou-se o principal critério para determinar quem pertence ao povo puro e ao grupo interno, enquanto algo semelhante pode ser observado na Índia de Modi com o nacionalismo hindu em prol de um Estado indiano apenas para hindus (KALTWASSER; ZANOTTI, 2023). Leidig e Mudde (2023), por sua vez, argumentam que o nacionalismo hindu do Bharatiya Janata é, em essência, etnonacionalista

em vez de teológico, em sentido semelhante ao que os populistas europeus são culturalmente cristãos. No caso turco, a questão religiosa além de determinar o povo puro está no centro do debate político tendo em vista a disputa entre o secularismo e o nacionalismo islâmico. Ou seja, a própria presença da religião como política de Estado é colocada como ponto motriz do debate público (KALTWASSER; ZANOTTI, 2023)

Da mesma forma que a religião é usada como critério para determinação da identidade nacional e do povo puro, ela também determina aqueles que fazem parte do grupo externo. Logo, na Europa e nos Estados Unidos os muçulmanos são tidos como os outros, enquanto na Índia esse primeiro grupo se soma também aos cristãos, por professarem uma fé diferente da dominante (MUDDE, 2022). Em alguns países, os progressistas também são colocados em oposição por motivos religiosos, já que defendem pautas que contrariam a moral cristã e desvirtuam os valores da sociedade, tais como os direitos de aborto e casamento igualitário, enquanto em outros essas mesmas pautas tidas como progressistas são defendidas por populistas de direita, como uma forma de acentuar a oposição com o conservadorismo islâmico (CRAMER, 2023).

E como essa mobilização do discurso religioso se traduz eleitoralmente? Observou-se um amplo respaldo dos cristãos brancos para Donald Trump nos EUA, mantendo-se em torno de 78% no período eleitoral, chegando a 83% entre os evangélicos brancos, além de contar com majorias entre católicos brancos e protestantes no país. No entanto, ao examinar a situação na Europa, percebe-se uma tendência oposta. Na Alemanha, o desempenho médio do partido populista de direita AfD⁷ é quase o dobro entre eleitores sem afiliação religiosa em comparação com protestantes e católicos. Essa dinâmica não é exclusiva da Alemanha, sendo observada em outros países europeus. Na França, por exemplo, o *Rassemblement National* de Jean-Marie e Marine Le Pen consistentemente obtém um desempenho inferior entre os praticantes católicos. Esses padrões também são visíveis nos Países Baixos, países escandinavos e na Itália (CRAMER, 2023).

A explicação para essa variação de atitudes por parte do eleitorado religioso seria a de que os eleitores cristãos não estão intrinsecamente mais ou menos inclinados a apoiar populistas de direita ou a sustentar atitudes específicas dessa ideologia. Em grande parte, eles já estão inseridos nos sistemas políticos europeus, onde historicamente há a presença de partidos democrata-cristãos ou ligados ao conservadorismo tradicional. Se uma alternativa eleitoral com essas características estiver disponível, esses eleitores não se mostram disponíveis à direita populista. No entanto, caso não haja uma alternativa desse tipo ou ela

⁷ Sigla de *Alternative für Deutschland* (Alternativa para Alemanha).

seja assumida somente pelo populismo de direita, então a afinidade religiosa irá ao encontro dos partidos populistas. Outro fator que contribui para esse não acolhimento das ideias populistas pelos cristãos é a influência de igrejas e instituições religiosas que se posicionam contrárias a essas ideias (CRAMER, 2023).

Isto posto, a principal manifestação da religião na ideologia populista de direita é a formação de um nacionalismo religioso, que por sua vez é a construção de uma ideia de nação e pertencimento nacional por meio de critérios de exclusão de base religiosa (MIKENBERG, 2018). A religião é então utilizada como denominador comum para definir quem faz parte do *povo*, criando uma identidade coletiva aos membros de uma nação (HAYNES, 2021). Já a dinâmica entre a identidade religiosa e as preferências políticas é profundamente influenciada pela disponibilidade de opções políticas que ressoam com as questões culturais e valores associados à fé cristã. É a partir disso que surge o conceito de nacionalismo cristão, que será desenvolvido na seção abaixo.

Barbosa e Casarões (2023) sintetizam quatro razões pelas quais a religião é importante quando se estuda o populismo de direita. Primeiro, a religião reforça os elementos de nativismo, autoritarismo e populismo. Em segundo lugar, a religião tem sido utilizada como ferramenta por líderes populistas para sustentar as suas estratégias eleitorais e de governo, especialmente por meio de uma guerra cultural com conotações religiosas e alcance transnacional. Terceiro, os grupos religiosos apoiados por esses governos passam a ser forças sociais significativas que operam transnacionalmente para promover objetivos compartilhados, tanto a nível nacional como internacional. Por último, a religião – e o fenômeno do nacionalismo religioso – atua como solução para o aparente paradoxo entre unilateralismo e cooperação internacional nas relações exteriores do populismo de direita (BARBOSA; CASARÕES, 2023).

1.3 Nacionalismo cristão

O nacionalismo cristão compreende o nacionalismo religioso focado no cristianismo, mas vai além disso. Esta seção irá mostrar os pontos defendidos por essa ideologia e sua importância cada vez maior para os regimes populistas de direita, na qual Brasil e Hungria foram alguns de seus expoentes. O Brasil, com uma população historicamente católica devido à colonização portuguesa, vem observando um crescente aumento de evangélicos, especialmente neopentecostais, que são projetados para se tornar a maioria nas próximas décadas. A Hungria possui uma forte herança católica em sua formação cultural, embora

tenha experimentado períodos significativos de repressão religiosa durante o regime soviético e sua população atual é majoritariamente secularizada (MUDDE, 2022). Apesar das variações entre as denominações religiosas, o nacionalismo cristão é observável tanto no governo Bolsonaro quanto em Orbán (PERMOSER, 2020).

1.3.1 Definição e características

Como exposto na seção anterior, o conceito de nacionalismo cristão é derivado do nacionalismo religioso, mas não se resume a este, compreendendo outras dimensões políticas. Uma definição precisa de nacionalismo cristão perpassa

a crença de que a nação é definida pelo cristianismo e que o governo deve tomar medidas efetivas para mantê-la assim. Popularmente, os nacionalistas cristãos afirmam que os EUA (e outros países) são e devem continuar a ser uma “nação cristã” — não apenas como uma observação relativa à história americana, mas como um programa prescritivo para aquilo que o país deve continuar a ser no futuro (MILLER, 2021, s. p.).

Em outras palavras, de acordo com Whitehead e Perry (2020), o nacionalismo cristão pode ser entendido como uma estrutura analítica cultural que defende uma fusão entre o cristianismo e a vida cívica. Essa perspectiva envolve uma coleção intrincada de mitos, tradições, símbolos, narrativas e sistemas de valores. No entanto, o caráter cristão não diz respeito a um ideal comum abarcado pelas diferentes denominações cristãs. Em vez disso, essa ideologia incorpora pressupostos associados ao nativismo, supremacia branca, sexismo, heteronormatividade, juntamente com a sanção divina para autoritarismo e o militarismo. É um conceito tão étnico e político quanto religioso (WHITEHEAD; PERRY, 2020).

Ou seja, o nacionalismo cristão não tem apenas um caráter marcador para construir a noção de *povo*, mas também a da própria identidade da nação enquanto ente político, e apresenta também um caráter normativo do que ela deve fazer, baseada em valores predefinidos. Esses valores são baseados em uma interpretação conservadora do cristianismo e incluem, mas não se limitam a: salvaguarda família tradicional frente à diversidade sexual e de gênero e contra os direitos reprodutivos das mulheres; a luta contra o marxismo cultural e o dito globalismo, o que inclui o multiculturalismo; a liberdade de crença e ajuda aos cristãos perseguidos em regiões onde são minoria religiosa (WHITEHEAD; PERRY, 2020).

O nacionalismo cristão baseia-se nos símbolos e na linguagem da vida religiosa cristã a serviço de um objetivo político e cultural. Seus apoiadores tendem a acreditar que o governo local deve declarar seus países como uma nação cristã, acreditam que as leis e políticas devem

ser guiadas por princípios cristãos, apoiam a exibição de símbolos religiosos em locais públicos, orações nas escolas e veem o sucesso nacional como parte de um plano divino. No entanto, os elementos cristãos dessa ideologia são mais sobre identidade do que religião. Defensores do nacionalismo cristão geralmente aderem ao conservadorismo político, em vez de mostrar marcadores tradicionais de religiosidade, como frequentar regularmente uma igreja (WHITEHEAD; PERRY, 2020; SIGURDSON, 2023).

Pessoas que se alinham com o nacionalismo cristão tendem a ter uma visão fundamentalista da fé, não no sentido de extremismo religioso, mas sim a identificação com uma visão particular da Bíblia, em especial a crença de que ela é desprovida de erros e deve ser interpretada literalmente. Esse grupo construiu historicamente a sua base ideológica numa interpretação estrita e literal dos mandamentos de Deus no Antigo Testamento, aplicando-os à sua situação nacional contemporânea. Os defensores do nacionalismo cristão acreditam que a sociedade se encontra em um estágio de decadência moral e que Deus requer aos fiéis que lutem por aquilo que é bom (WHITEHEAD; PERRY, 2020).

Porém, o preditivo mais forte do nacionalismo cristão é a identificação dessas pessoas com o conservadorismo político. Isso faz sentido, uma vez que tanto o conservadorismo político como o nacionalismo cristão estão interessados em preservar uma ordem pregressa ou em restaurar um passado idealizado, refletido em fronteiras e hierarquias claras. Os dois fatores não são sinônimos, no entanto. O nacionalismo cristão não está localizado em tradições religiosas específicas, mas é sustentado por uma combinação de ideologia política conservadora, crença na Bíblia, visões apocalípticas de declínio social e militarismo divino. Por fim, a sua concepção de moralidade centra-se exclusivamente na fidelidade à religião e na fidelidade à nação (WHITEHEAD; PERRY, 2020).

Em uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, percebeu-se que cidadãos que coadunam com o nacionalismo cristão acreditavam muito mais nas seguintes cinco afirmações que os demais: (1) refugiados do Oriente Médio são uma ameaça terrorista; (2) aborto é sempre errado, mesmo quando a família não tem condições financeiras; (3) o governo deveria gastar mais com militares, armamentos e defesa; (4) as pessoas devem demonstrar respeito pelas tradições americanas; (5) o governo federal não deveria impor maiores restrições à compra e porte de armas (WHITEHEAD; PERRY, 2020).

O nacionalismo cristão sugere um fortalecimento das limitações em torno da afiliação a grupos nacionais, promovendo a aversão e a desconfiança em relação àqueles que não atendem aos critérios de pertencimento, notadamente nativos, cristãos e brancos. Isso inclui minorias étnicas, não-brancos, imigrantes e muçulmanos. A ideologia do nacionalismo cristão

articula uma compreensão específica e racializada da identidade nacional, proporcionando àqueles que a adotam uma maneira de expressar uma identidade racializada sem explicitamente recorrer a esses termos (WHITEHEAD; PERRY, 2020)

Com relação à igualdade de gênero, o nacionalismo cristão defende uma ordem social particular que reforça as hierarquias entre homens e mulheres. A sociedade em que os nacionalistas cristãos desejam viver é uma sociedade em que as famílias são tradicionais, onde homens e mulheres estão no seu “devido lugar”. As ameaças à família tradicional - patriarcal, heterossexual e nuclear - são vistas como ameaças à própria estrutura social. Consequentemente, a solução se daria pela imposição política da ordem divina nas leis do casamento. Isso implicaria na eliminação do divórcio, na definição do casamento como entre um homem e uma mulher, na proibição de pessoas homossexuais ou transsexuais servirem nas forças armadas, na exigência de que as pessoas utilizem banheiros correspondentes ao sexo biológico e no uso da ideia de liberdade religiosa para discriminar minorias sexuais e de gênero (WHITEHEAD; PERRY, 2020).

O mito fundacional do nacionalismo cristão pode funcionar como uma fronteira simbólica que conecta indivíduos pertencentes a grupos conservadores, tanto religiosos quanto não-religiosos. Além disso, ela oferece um conjunto robusto e flexível de símbolos que não está atrelado a nenhuma instituição, filiação ou tradição moral específica. Essa característica possibilita que sua influência se estenda para além das tradições cristãs de sua origem (WHITEHEAD; PERRY; BAKER, 2018). Neste sentido:

Apesar destas ligações estreitas com visões econômicas, sexismo, racismo, xenofobia e islamofobia, no entanto, o nacionalismo cristão não é sinônimo ou redutível a nenhum ou a todos esses. Pelo contrário, o nacionalismo cristão funciona como um conjunto de crenças e ideais que procuram a preservação nacional de uma identidade cristã supostamente única. Votar em Donald Trump foi para muitos americanos uma resposta nacionalista cristã às supostas ameaças a essa identidade⁸ (WHITEHEAD; PERRY; BAKER, 2018, p. 153).

Na medida em que um governo passa a privilegiar o cristianismo, conforme defendido pelos nacionalistas cristãos, e isso se refletir nas políticas públicas, os grupos populacionais que não são cristãos passam a se sentir ostracizados, tratados como se não fossem totalmente parte da nação. Esses grupos temem que o privilégio explícito da identidade, dos símbolos e

⁸ Tradução livre. Do original: *Despite these close connections with economic views, sexism, racism, xenophobia, and Islamophobia, however, Christian nationalism is not synonymous with or reducible to any or all of these. Rather, Christian nationalism operates as a set of beliefs and ideals that seek the national preservation of a supposedly unique Christian identity. Voting for Donald Trump was for many Americans a Christian nationalist response to perceived threats to that identity.*

das doutrinas cristãs ameace o seu acesso à sociedade civil de formas mais tangíveis. Além disso, não são apenas as minorias religiosas que têm algo a temer visto que o nacionalismo cristão está ligado ao preconceito em relação a diferentes grupos minoritários (WHITEHEAD; PERRY, 2020).

1.3.2 A presença do nacionalismo cristão na ideologia populista de direita

Esta seção busca analisar como o nacionalismo cristão, enquanto estrutura cultural e simbólica, emerge e se entrelaça nos discursos e valores dos líderes populistas de direita nos países onde o cristianismo é majoritário ou historicamente mais relevante, como forma emblemática de uso político da religião. Apesar da literatura sobre esse movimento ser muito focada no contexto dos Estados Unidos, Sigurdson (2023, p. 1) argumenta que o nacionalismo cristão é “uma forma potente de nacional-populismo transatlântico”⁹.

Nas palavras do autor, o nacionalismo cristão é um movimento conservador, que procura preservar os valores tradicionais associados a uma visão particular do cristianismo, bem como um movimento populista, por se adequar aos preceitos básicos do populismo descritos na seção anterior. Remonta a um passado idealizado, onde os alicerces da nação estão enraizados nos valores e costumes de uma maioria cristã homogênea. Confrontados com o aumento do progressismo, da diversidade e do secularismo, os nacionalistas cristãos lamentam a perda de coesão, moralidade e costumes partilhados que advém da vida comunitária de um ambiente predominantemente cristão (SIGURDSON, 2023).

Esse grupo olha com receio e incerteza para um futuro onde uma minoria cristã está ameaçada por um grupo cada vez maior que abriga ideais sociais não-cristãos ou ainda anti-cristãos. Nesse cenário, líderes políticos que fundamentam parte de seu populismo no nacionalismo cristão exploram esses temores, instrumentalizando-os para justificar a adoção de medidas consideradas necessárias para preservar a identidade da nação cristã e promover seus próprios objetivos políticos. Ele sugere ser esse o padrão do nacionalismo cristão em ambos os lados do Atlântico (SIGURDSON, 2023).

O tipo de nacionalismo presente no nacionalismo cristão é caracterizado por um antagonismo hostil entre os *de dentro* e os *de fora*, centrado no controle e na direção do Estado. De acordo com esta lógica, os que estão de fora – aqueles que não fazem parte propriamente do povo – não têm o direito de desafiar a vontade do povo ou de forçar mudanças indesejadas. Finalmente, as pressões externas que desafiam o grupo de pessoas

⁹ Tradução livre. Do original: *a potent form of trans-Atlantic populist nationalism*.

internas também podem incluir forças impessoais ou instituições transnacionais que são vistas como ameaças ao modo de vida ou à segurança de um povo. Elementos como a globalização, o comércio desenfreado, a União Europeia, o Islã, o terrorismo internacional e, especialmente, a imigração ilegal, enquadram-se nesta categoria (SIGURDSON, 2023).

Assim, quando falamos do nacionalismo cristão presente no populismo de direita, podemos entender isso como uma junção dos índices verticais e horizontais através dos quais a *elite* – política, cultural ou econômica – está tanto “em cima” quanto “fora”. A elite é vista como tendo um estatuto elevado e injustificado que lhe confere um poder desproporcional, privando o povo do direito de tomar decisões por si próprio e de acordo com os seus próprios valores e interesses. Em muitos casos, a elite é representada como tendo mais consideração pelos interesses de indivíduos distantes do que pelos de seus próprios compatriotas. Isso é ilustrado, por exemplo, na defesa dos direitos humanos internacionais, no apoio aos imigrantes e refugiados e na promoção do comércio e das comunicações globalizadas. Por conta disso, a elite pode ser vista como não tendo nenhuma ligação real com seu próprio território ou povo, especialmente na medida em que servem a interesses transnacionais ou supranacionais (SIGURDSON, 2023).

As *peças comuns*, por outro lado, estão firmemente enraizadas num lugar, numa cultura, ou numa religião. A sua posição é frequentemente elogiada pelos populistas em termos da ética de classe média, pelo seu desejo de serem independentes e deixados em paz para sustentar as suas famílias e fazer o que bem entenderem. Os populistas então vendem a ideia de que pessoas comuns priorizam a família e o país acima de tudo. Eles alegam que pessoas normais sentem-se confortáveis com outras pessoas como elas, que partilham de entendimentos comuns e memórias coletivas, que as ligam intergeracionalmente aos que vieram antes e aos que farão parte da nação no futuro. Nesse contexto, a religião desempenha um papel significativo ao destacar a conexão do povo com uma identidade enraizada (SIGURDSON, 2023).

Em sua obra, Cramer (2023) realizou entrevistas com 116 pessoas, abrangendo líderes populistas de direita, políticos de partidos *mainstream* e líderes religiosos, questionando-os sobre como definem a identidade cristã e o significado real dela para cada um. Notou-se que, ao dirigir essa pergunta aos líderes religiosos e aos políticos democratas-cristãos ou dos partidos conservadores tradicionais, a maioria deles começava a discorrer sobre aspectos teológicos. Em contraste, ao questionar os líderes populistas de direita, suas respostas eram predominantemente centradas em elementos culturais. Eles compartilhavam perspectivas relacionadas à arquitetura, música, tradições e, ocasionalmente, história e geografia.

Notavelmente, quase todos os populistas citavam o Islã em suas definições de identidade cristã, proporcionando uma dinâmica de identificação a partir do outro (CRAMER, 2023).

Essa constatação vai ao encontro do afirmado por Mudde (2022) de que os populistas de direita são culturalmente cristãos no sentido de reafirmar o cristianismo muito mais como um denominador cultural do que uma expressão de religiosidade particular. Também está em concordância com a ideologia do nacionalismo cristão de que o Estado deve ser ativamente cristão no campo político. A título de exemplo: “Os partidos PiS (Polônia) e Fidesz (Hungria) clamam por uma Europa cristã, a ideia de um continente definido em termos explicitamente religiosos” (MUDDE, 2022, p. 54-55). Aqui a ideia extrapola as fronteiras nacionais, demonstrando uma atuação de partidos populistas de direita para um nacionalismo cristão de nível regional.

Sobre o caráter internacional do nacionalismo cristão, Barbosa e Casarões (2023) argumentam que o projeto nacionalista cristão é construído sobre redes transnacionais com importantes *hubs* locais. Uma vez no poder, a estratégia de governo dos populistas de direita é conduzida através de guerras culturais transnacionais com conotações religiosas. Para avançar essa agenda, novos padrões de alianças internacionais são estabelecidos, promovendo a visão de uma nova ordem mundial baseada em comunidades etnoreligiosas independentes. O nacionalismo cristão fornece as ideias, recursos e influência social para atuar na transformação não apenas das estruturas estatais, mas também das dinâmicas globais (BARBOSA; CASARÕES, 2023).

Nas palavras dos autores,

O caso do Cristianismo é particularmente interessante: não sendo circunscrito por fronteiras territoriais ou nacionais, proporciona algum grau de consistência discursiva a nível transnacional. A fé cristã permitiu que líderes populistas de direita radical cooperassem e convergissem em diversas questões, desde os direitos humanos à liberdade religiosa¹⁰ (BARBOSA; CASARÕES, 2023, p. 679).

As guerras culturais supracitadas são a forma com que os populistas de direita procuram moldar o discurso público, com o objetivo de estabelecer novos padrões de relações sociais que possam levar aos resultados políticos desejados. Elas dizem respeito a uma profunda divisão entre as visões conservadora e progressista da moralidade, que se manifesta em questões políticas, sexuais, étnicas, religiosas e de classe. Uma divisão que é reforçada pelos populistas, mas também pela mídia, formadores de opinião e instituições religiosas.

¹⁰ Tradução livre. Do original: *The case of Christianity is particularly interesting: not being circumscribed by territorial or national boundaries, it provides some degree of discourse consistency on a transnational level. The Christian faith has allowed populist radical right leaders to cooperate and converge in several issues, from human rights to religious freedom.*

Essa estratégia visa recuperar os fundamentos culturais de uma sociedade de acordo com o que os populistas de direita acreditam ser a *verdadeira essência* do povo. Essa essência por sua vez é fundamentada no nacionalismo cristão (BARBOSA; CASARÕES, 2023).

Em troca de apoio eleitoral e governamental, os populistas de direita garantem aos líderes religiosos espaço institucional e capacidade de decisão no governo. Esse arranjo estabelece uma dinâmica na qual os grupos religiosos, agora posicionados estrategicamente, conseguem mobilizar uma considerável base de seguidores para agir e moldar outras esferas sociais. O objetivo é reconfigurar as relações entre o Estado e a sociedade, afastando-as das premissas do secularismo e liberalismo, em favor de uma abordagem mais alinhada aos valores e princípios religiosos (BARBOSA; CASARÕES, 2023).

Com base no estudo do caso brasileiro dos quatro anos de governo Bolsonaro, os autores concluíram que o nacionalismo cristão

é um fenômeno de mão dupla, uma vez que se beneficia de ideias, agendas e recursos provenientes de movimentos religiosos de extrema-direita no estrangeiro, nomeadamente dos Estados Unidos, mas também é responsável pela exportação de ideias, agendas e recursos para países vizinhos e organizações religiosas estrangeiras¹¹ (BARBOSA; CASARÕES, 2023, p. 673-674).

Este capítulo proporcionou uma compreensão ampla dos conceitos de populismo de direita e nacionalismo cristão, elementos fundamentais para a análise subsequente desta dissertação. Ao explorar as características distintas e as implicações dessas ideologias, identificamos como elas moldam as políticas e a retórica dos governos em estudo, proporcionando uma base conceitual para entender os fenômenos observados nos casos brasileiro e húngaro. Ambas ideologias se entrelaçam e compartilham uma visão de mundo de viés conservador, contrária à globalização e ao cosmopolitismo, e ainda que sejam centradas na ideia de nação, elas encontram espaço para a cooperação internacional com base na afinidade religiosa. Essa discussão é vital para o corpo principal da pesquisa, pois estabelece o contexto necessário para analisar a presença dessas ideologias nas políticas externas dos governos analisados. No próximo capítulo, elaboramos o arcabouço teórico e metodológico que permite explicar essa presença, por meio da construção de identidade e papéis de política externa.

¹¹ Tradução livre. Do original: *is a two-way phenomenon, as it benefits from ideas, agendas, and resources coming from far-right religious movements abroad, notably the United States, but is also responsible for exporting ideas, agendas, and resources to neighbouring countries and overseas religious organisations.*

CAPÍTULO 2 - IDENTIDADE E PAPÉIS DE POLÍTICA EXTERNA: TEORIA E MÉTODO

Após conceituarmos o que é populismo de direita e nacionalismo cristão no primeiro capítulo, avançamos no intuito de introduzir as ferramentas teóricas e metodológicas que permitem a análise dessas ideologias em ação no cenário internacional. Adentramos no universo do construtivismo e da Role Theory para explorar o mecanismo pelo qual o nacionalismo cristão se manifesta na política externa populista dos governos Bolsonaro e Orbán. Esse processo ocorre principalmente através da construção discursiva de identidade e papéis do Estado.

No capítulo a seguir, nossa atenção se volta para as noções de identidade e de papéis no âmbito da política externa. O primeiro conceito é apresentado como base no construtivismo, e o segundo na Role Theory, com o intuito de demonstrar a capacidade explicativa para investigar a presença do nacionalismo cristão na política externa dos governos Bolsonaro e Orbán. Após isso, apresentamos a análise de discurso como a metodologia utilizada para interagir com o marco teórico. A seção subsequente aborda os parâmetros da política comparada, possibilitando que os estudos de caso do Brasil e da Hungria sejam avaliados sob critérios similares, visando assim obter resultados consistentes. Por fim, a última seção apresenta um desenho de pesquisa detalhado, que ilustra todos os procedimentos discutidos neste capítulo, fundamentados na teoria.

2.1 Identidade na política internacional

Esta primeira seção do capítulo se baseia na perspectiva construtivista das Relações Internacionais como ponto de partida para a análise. O construtivismo é interessado no papel de ideias, normas e cultura na construção social das relações internacionais. O que distingue a vertente construtivista de outras abordagens teóricas do campo é não tomar as identidades e interesses dos atores como dados, mas sim dar ênfase no modo como são construídos dentro de uma estrutura particular de significados, por meio de permanente interação social (WENDT, 1999). Dessa forma, o construtivismo é, mais amplamente, uma teoria social, cujos elementos podem ser aplicados ao estudo da política internacional (SALOMÓN; PINHEIRO, 2013).

O construtivismo busca superar várias limitações epistemológicas das teorias predominantes do campo, a dizer, realismo e liberalismo. Em relação ao realismo, que tende a

focar excessivamente em variáveis estruturais e materialistas, o construtivismo destaca a importância das ideias, normas e identidades compartilhadas na formação da política internacional. Enquanto o realismo se concentra principalmente no poder e na segurança, o construtivismo oferece uma visão mais ampla, permitindo uma análise das normas, crenças e valores que orientam as ações dos Estados e atores não-estatais. Por outro lado, em comparação com o liberalismo, que se baseia frequentemente em modelos de comportamento racional e maximização de interesses individuais, o construtivismo destaca a influência das construções sociais e culturais na política internacional. Enquanto o liberalismo tende a assumir a estabilidade e a universalidade de certos valores, o construtivismo reconhece a natureza dinâmica das identidades e normas, permitindo uma análise mais sensível às mudanças contextuais e às diferentes interpretações culturais (WENDT, 1999; ZEHFUSS, 2004).

Para essa abordagem, fatores ideacionais, isto é, relacionados a visões de mundo, ideias, entendimentos coletivos, normas, valores, e assim por diante, dominam a ação política. Isso pode ser rastreado por discursos e práticas do ator, bem como instituições na qual ele está inserido (ZEHFUSS, 2004). O discurso enquadra os objetos de conhecimento, crenças e valores e, simultaneamente, constitui identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença. Assim, sustenta ou muda as relações sociais (ORAN, 2022). Discursos são produzidos e reproduzidos atrelados a um entendimento e são capazes de moldar a forma como os atores definem a si próprios e seus interesses e, conseqüentemente, modificar seus comportamentos (NABERS, 2011; SANDAL; FOX, 2013).

O construtivismo dá lugar especial para o conceito de identidade. Para Wendt (1999), a identidade é definida como uma propriedade de atores intencionais que gera disposições motivacionais e comportamentais. Nesse sentido, ela é uma qualidade subjetiva fundamentada na autocompreensão de um ator. Tal autocompreensão se baseia na reflexão do Estado-nacional sobre sua identidade na presença de outros; logo, ela é sempre construída em relação a outra (ORAN, 2022). Partindo disso, dois tipos de ideias passam a compor a identidade, aquelas mantidas pelo *Eu* e aquelas mantidas pelo *Outro*. As identidades são então constituídas por estruturas internas e externas da relação Eu-Outro (WENDT, 1999).

Essa dinâmica assume a forma de um conjunto predominante de ideias e imagens sobre o que um país é e o que deveria ser na política internacional (MCCOURT, 2010). Nessa lógica, os Estados agem porque suas identidades os predisõem a certos interesses ou preferências. As identidades criam comportamentos porque se manifestam em hábitos e práticas contínuas de política externa. Quando os Estados são impedidos de exercer essas

práticas habituais ou confrontados com uma autoimagem que são incapazes de aceitar, sua *segurança ontológica* é ameaçada, pelo que deve ser rapidamente restabelecida (MITZ, 2006; MCCOURT, 2010).

A segurança ontológica refere-se à necessidade de um indivíduo sentir a si mesmo em integridade e de forma contínua no tempo, isto é, como um único ser, ao invés de algo que muda constantemente. Isso para os Estados significa ter uma clareza sobre sua identidade, valores e lugar no sistema internacional para assim ter uma compreensão estável e segura de quem são. Quando essa segurança ontológica é ameaçada, seja por desafios externos ou internos, os Estados podem agir de forma a restaurar essa segurança, ainda que isso prejudique a segurança física de outros (MINTZ, 2006). Os atores, portanto, alcançam segurança ontológica especialmente ao criar relações rotineiras com outros significativos (ZEHFUSS, 2004). Uma vez que a segurança ontológica está condicionada à certeza cognitiva que estas rotinas proporcionam, os atores se apegam às relações sociais (MINTZ, 2006).

Dessa forma, a perspectiva de identidade proposta pelo construtivismo surge como uma alternativa às suposições de escolha racional baseadas na maximização de utilidade, oferecendo uma nova compreensão dos interesses dos Estados. Isso implica que os interesses estatais não seriam apenas determinados pelas capacidades materiais de poder ou pela vontade de sobreviver fisicamente no sistema internacional. Em vez disso, afirmam que os interesses são moldados pelas identidades dos Estados (WENDT, 1999). A identidade pode ser compreendida então como uma narrativa que dá sentido a uma nação (PEDROSA, 2022).

Nesse contexto, o elemento religioso se insere como importante fator explicativo da conduta de indivíduos e entes coletivos no cenário político, tanto doméstico quanto internacional. A religião é capaz de modificar emoções, hábitos e pensamentos dos indivíduos, e o discurso religioso prescreve visões de mundo, relações sociais e culturais, dessa maneira criando uma identidade própria àqueles que a seguem. Por isso, muitas pessoas, ao serem questionadas sobre quem são, se definem como cristãs, muçulmanas, ateus, entre outros. A religião – inclusive a falta dela – pode determinar a identidade dos indivíduos e, portanto, influenciar o tipo de comportamento que adotarão (SANDAL; FOX, 2013).

O mesmo se aplica aos Estados-nacionais. Teóricos construtivistas argumentam que a própria essência de um Estado é sua identidade, e essa deriva, em ampla medida, de sua cultura (WENDT, 1999). Sendo a religião um elemento basilar da cultura de um país, ela determina a identidade nacional, que, por sua vez, molda as instituições e a forma como são definidos seus interesses de política externa. O poder das ideias em uma religião é o de

categorizar os demais atores como amigos, colaboradores, rivais ou inimigos, e atribuir papéis a si mesmos e aos outros, criando expectativas sobre seu comportamento. Também estabelece os valores considerados de fundamental importância para que sejam defendidos pelo Estado no plano doméstico e internacional. Logo, o uso da religião como elemento constituinte da identidade de um país contribui para determinar seus inimigos e aliados internacionais, além dos seus objetivos (WARNER; WALKER, 2011).

Entretanto, uma problemática advém ao usar a identidade para explicar o comportamento dos Estados. Identidade é um conceito que, por si só, não predispõe ação, sendo necessária uma capacidade de agência que estabeleça essa ligação (MCCOURT, 2010). Wendt (1999) argumenta que a agência dos Estados é constituída pela estrutura internacional, que por sua vez é constituída pela ação estatal, em uma relação mútua. Para o autor, a noção de agência está ligada à consciência e liberdade dos atores, o que seria afirmar que Estados também são pessoas, no sentido de que são entes aos quais se podem atribuir características humanas como identidades, interesses e intencionalidade. Contudo, ele não elabora suficientemente sobre como essa relação se dá, negligenciando os mecanismos linguísticos e normativos que garantem tal capacidade (BRAUN; SCHLINDER; WILLE, 2019). O conceito de papéis sociais permite essa ligação, ao traduzir a concepção de identidade em comportamentos. Uma afirmação de identidade não ocorre fora de categorias sociais, como papéis, os quais são compreendidos e explicados pela Role Theory (MCCOURT, 2010).

2.2 Role Theory

Esta pesquisa faz uso da Role Theory¹² da Ciência Política de forma a compreender como a identidade religiosa do nacionalismo cristão afeta o *policy-making*, resultando em uma política externa orientada pelo nacionalismo cristão do populismo de direita. A contribuição dessa teoria para o campo da Análise de Política Externa foi originalmente formulada por Holsti (1970) e desenvolvida posteriormente por diversos outros autores como McCourt (2010), Harnisch (2011), e mais recentemente Breuning (2019) e Perini (2023). Destaca-se na academia brasileira os trabalhos de Guimarães e Silva (2021) sobre a construção de identidades de política externa e transição de papéis.

A Role Theory (RT) se apresenta como uma terceira via, que combina as disciplinas de Política Internacional e Análise de Política Externa. Ela trabalha com o conceito de papel

¹² Literalmente, teoria dos papéis, porém convencionou-se utilizar o termo original em inglês pela literatura acadêmica brasileira.

(*role*) desempenhado por um Estado em sua interação com os demais. Isso diz respeito à percepção que um Estado tem de sua posição e função na sociedade internacional e os comportamentos atrelados a isso. Essa percepção é fruto de um processo de interação que envolve tanto a concepção de si quanto às expectativas dos outros atores (SILVA; LABRIOLA, 2020).

Inserida na chamada *virada comportamental*, a RT adere ao entendimento de que os Estados são liderados por humanos com capacidades limitadas para processar informações. Essas limitações fazem com que a tomada de decisão política viole a suposta invariância da teoria da escolha racional, tornando-a, na melhor das hipóteses, limitadamente racional (BREUNING, 2019). Com isso, tem-se duas mudanças de perspectiva dos estudos comportamentais para com as Relações Internacionais: a atenção dada para além do nível sistêmico até então predominante na área, permitindo análises a nível meso ou micro, e a superação do modelo clássico do ator racional, de forma a compreender como as limitações cognitivas, os fatores psicológicos e a suscetibilidade a vieses afetam as relações entre Estados (MINTZ, 2007; BREUNING, 2019).

Ademais, o uso do termo *papéis* não é injustificado, e tem sua origem em uma analogia com a arte do teatro, onde atores representam papéis perante uma audiência. Esses atores trazem suas identidades pessoais para as interpretações dos papéis que performam, mas também são limitados pelo roteiro, direção e pelas propriedades físicas do palco em que atuam (BREUNING, 2019).

Tendo surgido inicialmente nos campos da sociologia e psicologia social, as bases fundamentais para a aplicação da RT no campo da política internacional estão estabelecidas no artigo de Holsti (1970). Neste trabalho, Holsti examinou as possibilidades do uso dos conceitos originais da RT na Análise da Política Externa, demonstrando como a concepção de papel nacional possibilita o desenvolvimento de estruturas analíticas para compreender a política externa de um país.

Essa teoria busca entender a tomada de decisão pela perspectiva de quem a toma. Ela dá ênfase nos agentes, sem ignorar que eles são limitados pela estrutura. Postula que os modelos teóricos devem levar em conta simultaneamente as capacidades estatais e as percepções dos tomadores de decisão, que trazem suas próprias pré-concepções, ideias e ideais para o processo de formulação da política externa. Em outras palavras, as concepções dos *policy-makers* sobre o papel nacional do Estado no cenário global influenciam o seu comportamento de política externa (BREUNING, 2019).

Mas quando se fala em *role* o que isso quer dizer exatamente? Para explicar esse conceito, é necessário fazer uma distinção entre prescrição de papel (*role prescription*) e a performance do papel (*role performance*). A primeira se refere a um conjunto coerente de normas e expectativas de comportamento que culturas, sociedades, instituições ou grupos atribuem a posições particulares. Em outras palavras, cada posição social traz consigo um conjunto de expectativas sobre como se deve agir. Já a performance do papel se refere ao comportamento real desempenhado em situações específicas. Em suma, prescrição de papel é um conceito normativo que define as expectativas sobre como as pessoas devem agir, enquanto a performance do papel se refere à forma como essas expectativas são de fato cumpridas, ou seja, as ações desempenhadas (HOSLTI, 1970).

Essa teoria, portanto, enfatiza a interação entre a prescrição do papel pelo Outro e a performance do papel do ocupante de uma posição (Eu)¹³. Nessa relação, entre a expectativa e a ação, existe a própria concepção do Eu de sua posição e funções, e o comportamento apropriado a elas, o que a RT chama de concepção de papel (*role conception*). As percepções, valores e atitudes do ator que ocupa uma posição compõem essa concepção, que orientam a performance (HOLSTI, 1970). Nesse sentido, a RT se relaciona intimamente com a noção de identidade com base na dicotomia Eu-Outro explorada pelo construtivismo, conferindo a capacidade de agência que faltava ao caráter ideacional, sendo assim a ponte que liga a identidade com a ação (GUIMARÃES, 2021).

Transcrevendo as ideias explicadas acima para o campo da política externa, a RT apresenta os seguintes conceitos-chave: (1) Performance de Política Externa, que são as ações ou decisões estatais no que concerne a política externa; (2) Status Nacional, a posição que um Estado ocupa na hierarquia do sistema internacional; (3) Prescrição de Papel pelo Outro, as expectativas de outros atores sobre o papel do referente; e (4) Concepção de Papel Nacional¹⁴ (NRC), que diz respeito à percepção dos tomadores de decisão sobre a posição de seu Estado e qual papel ele deve assumir no sistema internacional (SILVA; LABRIOLA, 2020). Dessa forma, a identidade da política externa de um país e, conseqüentemente, sua performance são o resultado da interação entre a NRC e as expectativas dos outros atores dentro do sistema (HOLSTI, 1970).

Uma NRC inclui as próprias definições dos formuladores de políticas dos tipos gerais de decisões, compromissos, regras e ações adequadas ao seu Estado e das funções que este

¹³ Os termos específicos para se referir ao Eu e ao Outro por Holsti (1970) são, no original, *ego* e *alter*, respectivamente.

¹⁴ Do original, respectivamente, *Foreign Policy Performance, National Status, Alter Role Prescriptions e National Role Conception*.

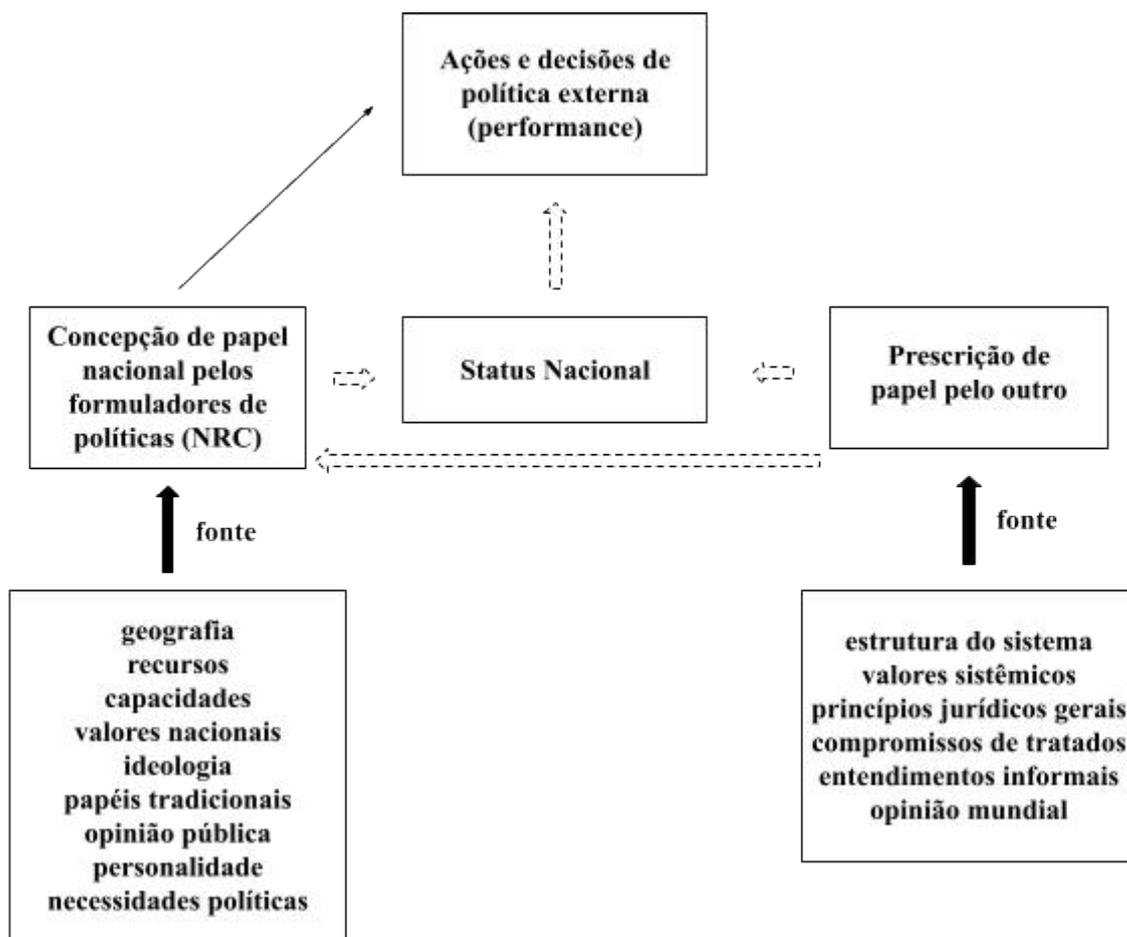
deve desempenhar de forma contínua no sistema internacional. Ela constitui assim um aspecto importante do contexto no qual decisões corriqueiras de política externa são tomadas. Vários fatores influenciam as NRC adotadas pelos atores estatais, tais como: identidade nacional, geografia, recursos, capacidades materiais, valores políticos, interesses estratégicos, percepções de ameaças e oportunidades, opinião pública e personalidade ou interesse das principais lideranças políticas (HOLSTI, 1970).

Importante frisar que as decisões de política externa não derivam somente das concepções de papel dos formuladores de políticas, mas também levam em conta demandas domésticas, eventos críticos e tendências no cenário externo. Segundo Holsti (1970), a *Análise de Política Externa* tende a enfatizar as autoconcepções dos formuladores de políticas como determinantes do interesse nacional e geralmente negligencia as prescrições de papel pelo Outro, ou seja, dos demais Estados no sistema internacional. NRCs também se relacionam ou são reforçados pelas prescrições de papéis oriundas do ambiente externo. As fontes dessas prescrições incluiriam a estrutura do sistema internacional, princípios jurídicos gerais, costumes, tratados e compromissos e entendimentos informais ou implícitos.

A extensão com que essas prescrições de papéis externos se tornam significativas no desenvolvimento de NRCs varia consideravelmente de Estado para Estado e em diferentes situações. Não obstante, Holsti (1970) admite que a NRC tem prevalência sobre a prescrição pelo Outro no momento de se traduzir em performance de papel. Isso se explica com o fato das normas expressas por meio de costumes ou tratados, bem como as sanções disponíveis para aplicá-las, serem mal definidas, flexíveis ou fracas. Assim, quando há incompatibilidade entre interesses nacionais e normas de previsão de conduta, o primeiro acaba por se sobressair. É precisamente no contexto de conflito internacional que NRCs mostram ter precedência sobre as prescrições de papéis derivadas externamente.

Os fundamentos da RT na *Análise de Política Externa* como propostos por Holsti (1970) podem ser ilustradas no esquema abaixo:

Figura 1 - Esquematização das categorias da Role Theory



Fonte: elaborado a partir de Holsti, 1970, p. 245.

Em síntese, a RT transposta para o contexto da política internacional oferece uma estrutura analítica que permite descrever o comportamento de um Estado com base na NRC, explorando as fontes dessas concepções nacionais. Compreender como os atores estatais percebem seu papel no sistema internacional é fundamental para entender suas políticas e ações. Tal comportamento de política externa se dá pela interação entre a percepção do papel nacional de cada um dos líderes, sendo esses responsáveis pela orientação de política externa nos respectivos países, e as expectativas do Outro. As decisões e ações de política externa feitas por um ator podem ser vistas como tentativas de legitimar determinada NRC. (HOLSTI, 1970).

Inobstante, cabe salientar que não se deve pensar na NRC como um atributo fixo que leva a ações consistentes em todas as áreas temáticas e relações por parte de um governo. Estados tendem a adotar ações e respostas baseadas em diferentes NRCs, a depender da circunstância em questão. É necessário compreender que as concepções de papel nacional

podem variar e se adaptar de acordo com as diferentes situações, contextos e desafios enfrentados pelos governos (HOLSTI, 1970).

Guimarães (2021) argumenta que para cada papel desempenhado existe um contra-papel explícito ou implícito executado pelo Outro, além de um público que observa a interação entre os dois primeiros. Isso ocorre pois, em qualquer interação, um indivíduo encontra-se dentro de uma estrutura social específica, e ao localizar a posição do Eu e do Outro, o ator deve selecionar um papel apropriado para cada situação. Nesse processo de localização, os atores podem escolher papéis estrategicamente para atingir objetivos específicos.

Como os papéis são construídos socialmente, eles também podem mudar (*role change*). Esse processo pode ocorrer por uma simples adaptação na forma como um papel é interpretado (*role adaptation*), mudando estratégias e comportamentos sem afetar a essência do papel, pela aprendizagem de um novo conjunto de crenças sobre o seu papel (*role learning*), ou pela completa reconstrução de identidades e interesses, se transformando em um novo papel (*role transformation*). A mudança nos papéis desempenhados por um Estado ocorre em contextos de crises, quando o Eu se dissocia de sua prévia identidade e rompe com o papel anteriormente estabelecido (GUIMARÃES, 2021).

Dentre as contribuições da Role Theory tem-se que, no aspecto sistêmico, observar a modificação nas relações entre os Estados em função da mudança da NRC. Na esfera doméstica, a RT auxilia na compreensão de quais seriam os agentes, dotados de diferentes percepções do cenário internacional, capazes de elaborar e contestar os NRCs de seus países (SILVA; LABRIOLA, 2020). Com isso, é possível entender como indivíduos e ideologias são capazes de orientar a política externa de um determinado Estado. Nesses casos, a tomada de decisão no plano internacional não ocorre exclusivamente em uma racionalidade objetiva, com base no poder material, mas abarcando também uma compreensão intersubjetiva em que identidade e cultura têm destaque (GUIMARÃES, 2021).

Apesar do avanço proporcionado pelo artigo de Holsti (1970) para a forma de se pensar a política externa e a política internacional, sua obra ainda está marcadamente inserida no contexto bipolar da Guerra Fria. Nas décadas subsequentes, novas gerações de pesquisadores da RT proporcionaram importantes contribuições para a agenda de pesquisa, que passou a ir além da análise individual dos Estados para investigar a dinâmica sistêmica da mudança de papéis, e também a analisar múltiplos papéis desempenhados pelo mesmo ator

e a estabilidade desses conjuntos de papéis em função das mudanças na distribuição de poder e instituições após a Guerra Fria (HARNISH, 2011; BREUNING, 2019).

Partindo dos quatro conceitos-chave da RT, tem-se então a NRC como elemento basilar para compreender como a lógica populista passa do plano doméstico para a política externa. A estratégia populista de direita de distinguir o povo em oposição à elite para definir a *verdadeira nação* acaba por construir uma concepção de papel nacional. Logo, as NRCs expõem como líderes populistas concebem e apresentam as suas expectativas sobre os deveres e funções do seu Estado no sistema internacional, oferecendo uma perspectiva para compreender a formulação de preferências populistas de política externa (PERINI, 2023).

A aplicação da RT no estudo do populismo também ajuda a explicar como governos populistas de direita tendem a se comportar de forma mais apegada à identidade nas relações com seus pares, já que outro país governado pela mesma ideologia é visto como um potencial parceiro com expectativas sobre o comportamento do referente, as quais são levadas com maior consideração (GUIMARÃES; SILVA, 2021). Os autores argumentam que a identidade de política externa de governos populistas de direita é marcada por três NRCs inter-relacionadas: um papel anti-globalista, que visa se opor às instituições internacionais; um papel nacionalista pró-soberania; e um papel anti-inimigo baseado na dicotomia amigo-inimigo.

Vale citar que em seu trabalho, Holsti (1970) já identifica diferentes papéis específicos exercidos pelos Estados em suas relações exteriores, dando nome a cada um deles. Dentre os listados existe o papel intitulado *defensor da fé*, que diz respeito a governos cujos objetivos e compromissos de política externa estão em função da defesa de sistemas de valores, ao invés de proteção territorial, assumindo responsabilidades especiais para garantir a pureza ideológica de um grupo de outros Estados. As fontes da NRC de defensor da fé são a percepção de ameaças, princípios ideológicos e papel tradicional desempenhado pelo país. A ideia de um país que se porta em prol da defesa de valores no plano internacional se encaixa com os preceitos do nacionalismo cristão, em especial o de que o poder público deve salvaguardar os valores cristãos tradicionais.

Portanto, a RT se mostra como uma ferramenta analítica útil para o estudo da política externa. Esse modelo teórico nos permite visualizar as múltiplas dimensões dos processos de construção de identidade, ao mesmo tempo que compreende esses processos de uma forma interacional entre os diferentes atores dentro das estruturas da comunidade (GUIMARÃES, 2021). Ela também supre o déficit de agência que há quando se somente a noção de

identidade para analisar a política internacional. Uma vez que os papéis são o elo entre identidade, contexto social, autopercepção e comportamento, uma abordagem construtivista baseada na Role Theory demonstra que tanto o agente quanto a estrutura dentro da qual ele está inserido são importantes na interação internacional (MCCOURT, 2010).

Em conclusão, Wehner (2018, p. 5) sintetiza os principais benefícios da Role Theory na produção científica sob diferentes ângulos:

O valor descritivo da role theory baseia-se no seu rico vocabulário conceitual, enquanto o seu valor organizacional reside na sua capacidade não só de perpassar diferentes níveis de análise (pessoas, Estado e sistema), mas também de os unir. Finalmente, o valor explicativo da role theory deriva da sua capacidade de adaptação e de incorporação a outras abordagens teóricas.¹⁵

2.3 Análise de discurso

Nesta pesquisa de dissertação, a análise de discurso é adotada como metodologia central para investigar e compreender a relação entre os atos discursivos e a política externa nos governos de Jair Bolsonaro e de Viktor Orbán. A escolha dessa abordagem metodológica se deve à sua capacidade de desvelar os significados e as ideologias presentes nos discursos oficiais das lideranças, permitindo uma análise aprofundada das estratégias retóricas utilizadas para moldar a política externa. Por meio dessa análise, serão examinados os discursos dos chefes de Estado e governo, bem como dos ministros de relações exteriores, em fóruns internacionais, reuniões bilaterais e datas de relevância nacional. Essa metodologia nos proporcionará *insights* sobre como a religião, em particular o nacionalismo cristão, desempenha uma função na NRC, de forma a orientar a política externa desses governos populistas de direita.

Wendt (1999) argumenta que as interações entre Estados derivam de processos de relações sociais fundamentadas em significados intersubjetivos que ocorrem por meio de estruturas discursivas. Por outro lado, Zehfuss (2004) critica a ausência dos conceitos de linguagem e discurso na teoria de Wendt (1999) e afirma que essas relações sociais não podem transmitir ou possuir tais significados a menos que estejam respaldadas por um veículo linguístico compreendido por todos os participantes da interação (ZEHFUSS, 2004; PEDROSA, 2022). O discurso constitui a cultura, que consiste nos significados que seus sujeitos produzem e reproduzem (NABERS, 2011).

¹⁵ Tradução livre. Do original: *The descriptive value of role theory is based on its rich conceptual vocabulary, while its organisational value lies in its ability to not only cross different levels of analysis (people, state and system) but also to bridge them. Finally, role theory's explanatory value derives from its capacity to adapt and be incorporated into other theoretical approaches.*

A análise de discurso assume uma relação dialética entre determinados atos discursivos e as situações, instituições e estruturas sociais em que estão inseridos. Nesse sentido, os contextos situacionais, institucionais e sociais moldam e afetam o discurso e, por sua vez, os discursos moldam a realidade social e política. Em outras palavras, o discurso constitui a prática social e é ao mesmo tempo constituído por ela. Se o discurso produz a realidade, então é através dele que os atores sociais constituem objetos de conhecimento, situações e papéis sociais, bem como identidades e relações interpessoais entre diferentes grupos sociais e aqueles com quem interagem (WODAK *et al*, 2009).

Dada a importância da linguagem, interpretação e subjetividade no processo de construção da realidade, a análise de discurso nos permite observar a capacidade que atos discursivos têm de criar oposições binárias, isto é, “estruturas linguísticas que estabelecem relações de poder dentro da qual um dos elementos da binaridade é privilegiado” (PEDROSA, 2022, p. 59). Portanto, a dicotomia Eu-Outro, que caracteriza tanto a formação da identidade estatal quanto a interpretação de papéis na política internacional, se realiza por atos de fala. Identidades nacionais, como formas especiais de identidades sociais, são produzidas e reproduzidas, bem como transformadas ou desconstruídas, discursivamente (WODAK *et al*, 2009).

Entretanto, a identidade é fraca como argumento, devido ao fato dela não ser estável por si só. Para que a identidade adquira significado e relevância, ela deve ser reconhecida e aceita pelos outros atores no cenário internacional. Esse processo de validação e aceitação ocorre em meio à dualidade entre o Eu e o não-Eu, onde a identidade se define e se mantém. Em outras palavras, a identidade de um ator estatal depende inteiramente da interpretação que os demais atores fazem dela. É através das percepções e entendimentos coletivos dos outros que a identidade ganha substância e se torna uma força significativa na política internacional (MURRAY, 2019).

A interseção entre identidade e percepção alheia pode ser compreendida por meio da análise de discurso. Ao examinar os discursos proferidos por atores estatais e políticos, o método permite desvelar não apenas a forma como esses atores definem a própria identidade, mas também como eles tentam moldar e influenciar a percepção que outros têm deles (ORAN, 2022). Através dessa abordagem, é possível examinar como as palavras escolhidas, as narrativas construídas e os símbolos evocados são utilizados estrategicamente para comunicar uma identidade específica para um público mais amplo. Ao entender como a identidade é comunicada e percebida através do discurso, os analistas podem explorar as dinâmicas complexas entre autoimagem e imagem projetada (ZEHFUSS, 2004).

Tendo isso em vista, se o discurso é capaz de estruturar a realidade, de forma com que os atores sociais organizam seus interesses em relação à percepção de seus pares, o mesmo pode ser dito sobre a política externa, que passaria então a ser entendida como processo de produção de diferenças através da alteridade, onde as fronteiras entre o Eu e o Outro seriam demarcadas. A partir disso, os Estados interagem com seus pares através de sua política externa, a qual é firmada nas cadeias de significados discursivos e entendimentos intersubjetivos (PEDROSA, 2022).

Como o discurso desempenha um papel significativo na transformação de significados, a análise do discurso é vista como uma ferramenta adequada para alavancar os estudos sobre papéis na política internacional (NABERS, 2011). Em seu artigo fundamental sobre a Role Theory, Holsti (1970) já apontava para a utilidade da análise de discurso para identificar a NRC que as lideranças têm de seus Estados. Ele orienta sua pesquisa pelos seguintes parâmetros:

Primeiro, apenas foram utilizadas declarações dos decisores políticos de mais alto nível. Elas refletem os pensamentos de política externa e as concepções de papel dos presidentes, primeiros-ministros ou ministros de relações exteriores. A única exceção era quando um embaixador ou outro funcionário fazia um discurso ou declaração que refletia obviamente as opiniões da liderança superior. Isto incluiria análises gerais da política externa feitas no início das sessões anuais da Assembleia Geral [...] A segunda regra era que, para obter uma amostra representativa das concepções do papel nacional para cada estado, um mínimo de dez fontes teria que estar disponível¹⁶ (HOLSTI, 1970, p. 256).

Todas as fontes pelas quais o autor obteve evidências de NRC foram declarações gerais de política externa, não incluindo declarações referentes a questões específicas. Dessa forma, o procedimento de pesquisa envolveu a leitura de um grande número de fontes que incluíram textos parciais ou completos de discursos dos funcionários de alto escalão da política externa e observando os pontos que dão evidência da presença de concepções de papéis nacionais (HOLSTI, 1970).

Autores posteriores da Role Theory também destacam a importância metodológica da análise de discurso na agenda de pesquisa do campo. Wehner (2018; 2020) expressa que uma NRC se origina nas narrativas dominantes adotadas pelos formuladores de política externa para adotar uma posição sobre determinada conjuntura e estabelecer diretrizes para o futuro, reconhecendo a análise de discurso como um dos métodos adequados para realizar a

¹⁶ Tradução livre. Do original: *First, only statements from the highest-level policymakers were used. They reflect the foreign policy thoughts and role conceptions of presidents, prime ministers, or foreign ministers. The only exception was where an ambassador or other official made a speech or statement that obviously reflected the views of the top leadership. This would include general foreign policy reviews made at the beginning of the annual sessions of the General Assembly [...] The second rule was that to obtain a representative sample of national role conceptions for each state, a minimum of ten sources would have to be available.*

investigação sobre essas narrativas, também citando o *process tracing* e a análise de narrativas como potenciais ferramentas.

O fator discursivo é fundamental para a construção de sentidos e a legitimação política na lógica populista, na qual se inclui a formulação de uma NRC. O próprio populismo pode ser entendido como uma série de medidas discursivas capaz de ser aplicada de diferentes maneiras (LIPÍŃSK, 2017). Dentro do campo das abordagens discursivas, reconhece-se que a noção populista do povo não representa apenas uma concepção, mas também uma subjetividade construída e perpetuada através do discurso na política externa. Essa perspectiva entende o populismo tanto como uma estratégia política quanto uma narrativa que é articulada e reforçada pelas interações discursivas (WOJCZEWSKI, 2020).

Como definido no capítulo anterior, o populismo consiste na formulação de uma narrativa do povo contra a elite com o propósito de alcançar uma nação ideal que seja a expressão da vontade geral. Nessa mesma lógica, os líderes populistas criam narrativas sobre o tipo de ator internacional que pretendem que o seus Estados sejam, seguindo princípios e atribuindo papéis que os ajudem a alcançar os seus objetivos de política externa (WEHNER; THIES, 2020). Portanto, a literatura enfatiza a importância do discurso ao analisar a política externa populista, destacando que a retórica e as representações simbólicas desempenham um papel fundamental na construção da identidade populista e em moldar as percepções populares, influenciando assim a formulação da política externa e a consolidação do poder político (WEHNER; THIES, 2020; WOJCZEWSKI, 2020; PERINI, 2023).

O mesmo pode ser dito da vantagem da análise de discurso para o estudo nacionalismo. De acordo com Oran (2002, p. 61):

Nesta abordagem discursiva, o nacionalismo é uma maneira de ver, interpretar e estruturar o mundo em que vivemos, que pode ser construído ou representado de várias maneiras diferentes por vários agentes sociais, estruturas e relações de poder. Isso significa que, assim como o mundo social é fundamentalmente dividido e estruturado de acordo com as relações de poder e as diferenças de perspectiva, existem diferentes imaginações nacionais e visões nacionalistas do mundo. Para ser aceito e institucionalizado, essas perspectivas nacionalistas competiriam para atuar como representante da nação e serviriam aos interesses da nação. (...) Isso significa que o nacionalismo não é apenas uma identidade política coletiva da sociedade moderna, mas também uma maneira particular de ver e pensar sobre o mundo através de um discurso nacionalista¹⁷.

¹⁷ Tradução livre. Do original: *In this discursive approach, nationalism is a way of seeing, interpreting and structuring the world we live in, which can be constructed or represented in several different ways by various social agents, structures and power relations. This means that just as the social world is fundamentally divided and structured according to power relations and perspective differences, there are different national imaginations and nationalist visions of the world. To be accepted and institutionalized, these nationalist perspectives would compete to act as a representative of the nation and serve the nation's interests. (...) It means*

Dado o exposto acima, a análise de discurso se mostra como uma metodologia adequada para os objetivos desta pesquisa, uma vez que se alinha com os preceitos da RT e permite identificar as concepções de papel nacional que os líderes possuem dos seus Estados. O método também é útil para compreender a estratégia populista. O estudo dos significados e da linguagem utilizada pelos líderes em seu discurso de política externa nos permitirá identificar como eles enxergam os papéis de seus Estados no sistema internacional e quais as relações com noções de povo, religião, objetivos e parcerias.

2.4 Política Comparada

Esta pesquisa se vale de estudos de casos comparados entre o Brasil e a Hungria. A seguir iremos explicar por que essa forma de política comparada irá compor a metodologia de pesquisa em conjunto com a análise de discurso. A metodologia do estudo de caso é notavelmente centrada na investigação aprofundada, caracterizada pela extensa quantidade de observações relacionadas a um fenômeno específico. Sob esse enfoque, o caso refere-se à unidade de estudo, ou seja, o fenômeno em questão, enquanto as observações representam as variáveis que oferecem informações sobre aspectos pertinentes dessa unidade investigada (COLLIER; BRADY; SEAWRIGHT, 2004).

O estudo de caso não significa necessariamente o estudo de um único caso, mas sim o estudo de um número pequeno deles. Isso implica que ao abordar o estudo de caso estamos tratando de pesquisas que analisam intensivamente um conjunto limitado, representado por um N pequeno. Esse tipo de análise intensiva só é viável em amostras reduzidas, ou seja, só é possível realizar uma grande quantidade de observações em um número relativamente pequeno de casos (COLLIER; BRADY; SEAWRIGHT, 2004; GERRING, 2007).

Segundo Gerring (2007), o estudo de caso mantém relevância na produção científica em Ciência Política, sobretudo quando o objeto ou fenômeno estudado é pouco conhecido, sendo abordado pela primeira vez ou considerado a partir de uma nova perspectiva. A análise intensiva possibilita a identificação de elementos inesperados, a formulação de hipóteses e o desenvolvimento de novas teorias. A sua eficácia ao estudar objetos pouco conhecidos ou singulares reside principalmente na capacidade de o estudo de caso permitir ao pesquisador compreender não apenas as relações de causalidade, mas também os processos de interação e

that nationalism is not just a collective political identity of modern society, but also a particular way of seeing and thinking about the world through a nationalist discourse.

como diversos elementos se conectam para produzir resultados específicos. Tal método oferece uma análise mais aprofundada dos fenômenos, identificando elos causais que podem ter sido negligenciados em estudos mais amplos e generalistas. Suas conclusões, no entanto, possibilitam uma compreensão de unidades semelhantes e a formulação de teorias de baixo a médio alcance (GERRING, 2007).

A principal limitação do método de estudo de caso reside na impossibilidade de generalização dos resultados obtidos. Embora outras limitações possam ser superadas ou contornadas por meio de procedimentos metodológicos, a questão crucial sobre a possibilidade de aplicar os resultados derivados de um estudo intensivo de um caso específico para explicar outro caso, mesmo que semelhante, representa uma barreira à produção científica com essa abordagem. No entanto, os estudos de caso desempenham um papel significativo ao orientar a produção de outras pesquisas sobre o fenômeno, auxiliando na identificação de casos relevantes e na construção de tipologias. Além disso, por meio de replicação, caso seus achados sejam confirmados, é possível a construção de teorias de alcance mais amplo (YIN, 2003).

Assim como os estudos qualitativos, a comparação de poucos casos possibilita uma análise intensiva, fortalecendo a validade interna da pesquisa. Isso evita o estiramento conceitual típico dos estudos de N grande, isto é, a aplicação conceitual a um número maior de casos do que o conceito permite. Por outro lado, a comparação de poucos casos aumenta a sua capacidade de validação externa em relação aos estudos de caso único. Portanto, o método comparativo apresenta algumas vantagens em relação tanto aos estudos de casos, quanto aos estudos quantitativos de N grande (SARTORI, 1994).

Para Sartori (1994), a comparação é um método de controle para possibilitar generalizações mais confiáveis. Na mesma direção, Lijphart (1971) argumenta que uma das formas de resolver o problema “muitas variáveis, N pequeno” do método comparativo é focando a análise em casos onde há um grande número de variáveis similares que podem se manter constantes. Para tanto, a seleção da amostra se mostra como elemento crucial na pesquisa comparativa de poucos casos. A escolha dos casos na pesquisa comparativa deve ser deliberada. É essencial selecionar casos que sejam comparáveis, ou seja, que não sejam idênticos em todos os aspectos, mas também não sejam completamente diferentes em tudo. Portanto, ao optar pelos casos, o pesquisador precisa considerar cuidadosamente quais aspectos são passíveis de comparação (LIJPHART, 1971; SARTORI, 1994).

A seleção de casos comparáveis proporciona o controle adequado de variáveis para estabelecer relações causais. No entanto, se por um lado a pesquisa comparativa de poucos casos garante a possibilidade de produção de inferência causal por meio do controle de variáveis e comparação sistemática, ela ainda pode sofrer de viés de seleção. Apesar das suas limitações, esse tipo de pesquisa, quando bem executada, pode proporcionar grandes contribuições para a produção científica. Se por um lado, a análise comparativa de poucos casos não possibilita grandes generalizações, ela possibilita testar teorias, alavancar validade interna, além de inferir causalidade para uma amostra intermediária de casos. Portanto, a análise comparativa de poucos casos constitui um dos principais desenhos de pesquisa para a produção de inferências válidas na Ciência Política (LIJPHART, 1971; SARTORI, 1994).

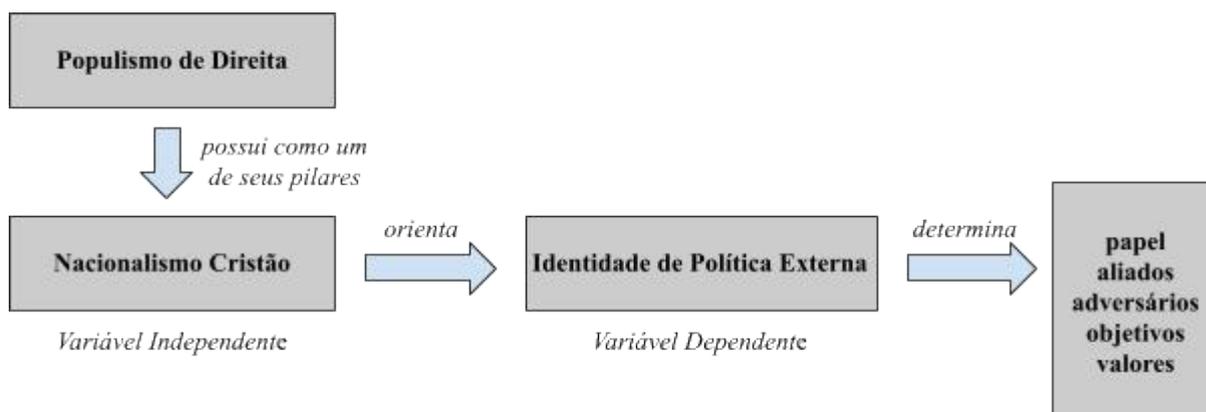
Os dois casos selecionados para esta pesquisa configuram o que Lijphart (1971) chama de “estudo de caso interpretativo”. Essa categoria de estudo de caso diz respeito a quando os casos são selecionados para análise mais em função de um interesse no caso do que pelo interesse na formulação de uma teoria geral, pois também faz uso explícito de proposições teóricas estabelecidas. Nestes estudos interpretativos, uma generalização é aplicada a um caso específico com o objetivo de esclarecer o caso, ao invés de tentar aperfeiçoar a generalização. Dado que não pretendem contribuir para generalizações empíricas, o seu valor em termos de construção de teorias é nulo. Não obstante, é precisamente o propósito dos modelos teóricos tornar possíveis tais estudos de caso interpretativos a nível empírico (LIJPHART, 1971).

A escolha dos casos Orbán e Bolsonaro para estabelecer relações empíricas sobre os governos populistas de direita se deve à maior semelhança entre os dois, tanto em termos individuais, como duas figuras políticas de caráter populista, quanto institucionais, dadas as capacidades materiais dos países e o fato do chefe de governo ser o principal *policy-maker* no que diz respeito à política exterior. A escolha deliberada de focar em apenas dois casos específicos, em vez de uma abordagem mais ampla e diversificada, é fundamentada em princípios metodológicos que visam aprofundar a compreensão das nuances e dinâmicas inerentes a cada contexto nacional. Ao direcionar a atenção para o Brasil e a Hungria, busca-se estabelecer uma análise mais detalhada e minuciosa, explorando as particularidades políticas, culturais e sociais dos dois Estados, permitindo assim uma investigação mais aprofundada sobre como o nacionalismo cristão se manifesta no discurso de política externa desses dois governos populistas de direita.

2.5 Desenho de pesquisa

O desenho de pesquisa proposto é do tipo qualitativo e de caráter descritivo, se valendo da análise e comparação de discursos de política externa dos dois governos elencados. A investigação científica pretende observar como cada país concebe seu papel no âmbito internacional, mobilizando recursos e padrões argumentativos para justificar a identidade nacional, seus valores e objetivos de política externa. Através dos discursos, será averiguada de que forma ideias centrais ao nacionalismo cristão como religião, cristianismo, Deus, nação, tradição, defesa da vida e liberdade são trabalhadas para legitimar e/ou determinar os papéis e condutas a serem tomadas internacionalmente.

Figura 2 - Variáveis presentes no desenho de pesquisa



Fonte: elaboração própria do autor.

Orientada pela utilização da RT, a hipótese desta pesquisa é a de que o nacionalismo cristão teria sido mobilizado discursivamente na política externa dos governos populistas Bolsonaro e Orbán como um NRC. Se os responsáveis pela formulação da respectiva política exterior de cada um desses países concebem a identidade nacional como cristã, logo isso lhes atribuiria o papel de defender as pautas comuns do nacionalismo cristão no plano internacional. Nesse sentido, ações, objetivos e até a relação de aliados e inimigos seria orientada por uma identidade de política externa pautada no nacionalismo cristão.

Elenco como hipóteses rivais a possibilidade de que o discurso religioso não seja significativo na formulação de orientações de política externa, aparecendo com poucas menções nos discursos e sem grande impacto, ou que outros marcadores de identidade - como

etnia, região - sejam mais expressivos para definir essas orientações. Ou também que o viés religioso do discurso seja mais presente em alguns membros dos governos do que em outros.

O procedimento empírico da análise de discurso será feito por meio da utilização do *software* Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). Esse programa, baseado na linguagem de programação R, é capaz de processar grandes volumes de texto de maneira útil para pesquisas qualitativas. Ele permite a importação e a organização de uma variedade de dados textuais, como discursos políticos, debates parlamentares, decisões jurídicas, e transcrições de entrevistas. A partir desses documentos, o Iramuteq extrai informações como palavras-chave, frequências de termos e coocorrências, que são fundamentais para uma análise de discurso aprofundada. Além disso, o Iramuteq oferece recursos avançados de análise estatística e visualização de dados, permitindo que os pesquisadores identifiquem tendências, padrões e relações entre os discursos políticos (CAMARGO; JUSTO, 2013; GÓES *et al*, 2021). Isso é particularmente útil para explorar como as representações e as narrativas políticas evoluem ao longo do tempo, bem como para identificar diferenças significativas entre diferentes atores ou contextos.

Dentre os mecanismos de processamento e visualização de dados fornecidos pelo Iramuteq, temos primeiro a análise estatística, que apresenta a relação entre a frequência e o número de unidades lexicais, que nesta pesquisa serão chamadas de *termos*. Em segundo, há a nuvem de palavras, que visualiza termos organizados em formato de nuvem, variando em tamanho, onde as palavras maiores indicam maior frequência de repetição no corpus textual, indicando sua relevância. Dessa forma, com base na frequência, é possível identificar os termos mais proeminentes, que se destacam das demais em tamanho e centralidade. Também há a análise de similitude, baseada na teoria dos grafos, que permite visualizar além das ocorrências dos termos, as conexões (elos) entre elas, o que auxilia na identificação da estrutura do conteúdo lexical. Dessa forma, o grafo avança na compreensão das ramificações das palavras centrais para outras palavras que se conectam, o que permite visualizar as interconexões semânticas entre os elementos textuais e os tópicos presentes em diferentes partes do discurso (GÓES *et al*, 2021).

Outros recursos muito úteis para os fins desta pesquisa são os dendrogramas e os gráficos de dispersão. Dendrograma é um tipo de gráfico em forma de árvore que representa a estrutura de agrupamento hierárquico de dados, onde os elementos semelhantes são agrupados em *clusters* (ou classes) com base em suas características compartilhadas. O

Iramuteq produz dendrogramas classificando os segmentos de texto em função dos seus respectivos vocabulários, obtendo dessa forma classes que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si, e vocabulário diferente das outras classes. Duas ou mais classes podem estar em uma mesma ramificação, ilustrando as relações entre elas. A utilidade de um dendrograma na análise de discurso reside principalmente em sua capacidade de visualizar padrões de similaridade e agrupamento de palavras, termos ou elementos textuais (CAMARGO; JUSTO, 2013). O gráfico de dispersão realiza uma classificação parecida, mas também mostra como as classes se distanciam, se aproximam ou mesmo se interseccionam, demonstrando correlações positivas ou negativas (GÓES *et al*, 2021).

Após essa breve explicação sobre a funcionalidade do Iramuteq para a pesquisa, passamos para como isso será feito na prática. Em primeiro lugar, há a preparação e codificação do corpus textual elaborado pela coleta de discursos de política externa dos atores envolvidos, em seguida ocorre o tratamento dos dados textuais no *software* e por fim a interpretação dos resultados obtidos. Para realizar essa última etapa do processo investigatório, a análise de discurso seguirá o modelo proposto por Husar (2016), que estabelece uma série de categorias para identificar as estratégias argumentativas utilizadas para legitimar uma determinada *National Role Conception*. Segundo o autor,

As demandas políticas (aqui a adoção de uma concepção de papel específico) são defendidas por referência a (1) objetivos, que são apoiados com base em (2) avaliações da situação. Tais avaliações, por sua vez, são apresentadas como deduções de (3) dados sobre a situação e/ou (4) princípios. Finalmente, (5) a ação política, bem como (6) as consequências dos dados situacionais e/ou da ação política são utilizadas como apoio adicional para demandas específicas¹⁸ (HUSAR, 2016, p. 59).

Adaptando-a para os objetivos deste trabalho, chegamos a seis categorias que procuraremos observar nos resultados apresentados pela análise computacional do Iramuteq. Essas categorias estão definidas no quadro de análise:

Tabela 1 - Categorias de análise elencadas para a análise de discurso

Categoria de análise	Significado
----------------------	-------------

¹⁸ Tradução livre. Do original: *Political demands (here the enactment of a specific role conception) are argued for by reference to (1) objectives, which are supported on the basis of (2) evaluations of the situation. Such evaluations in turn are presented as deductions from (3) data about the situation and/or (4) principles. Finally, (5) political action as well as (6) consequences of situational data and/or political action are used as additional support for specific demands.*

Valores	Princípios, valores e normas que regem a ação estatal no plano internacional
Objetivos	O que se almeja alcançar para o Estado, seu povo e a comunidade internacional
Situação	Um contexto que é visto como um problema a ser enfrentado
Parcerias	Os atores vistos como potenciais aliados que podem cooperar de forma a alcançar seus objetivos e/ou solucionar uma situação-problema
Obstáculos	Atores, ideologias ou valores contrários ao do Estado, que se opõem diretamente àquilo que esse almeja ser e defender
Ação política	Quais medidas o Estado pretende adotar para alcançar seus objetivos e/ou solucionar uma situação-problema

Fonte: elaboração própria, baseada nas categorias propostas por Husar (2016).

O quadro de análise acima será utilizado para observar nos discursos individuais do corpus textual como os recursos retóricos empregados se enquadram ou não nas categorias podendo assim responder não apenas se os países se vinculam a uma concepção de papel cristã, mas também como isso ocorre no plano discursivo e com que frequência isso é feito em relação a outras possíveis concepções que informam a prática da política externa (HUSAR, 2016). Logo, o procedimento investigativo será realizado por meio da seleção de discursos, para em seguida identificar em seu conteúdo os trechos que se encaixam nas categorias propostas e por fim constatar se ela atribui ao país uma NRC relacionada ao nacionalismo cristão.

Assim, no plano discursivo a lógica que se busca identificar seria aproximadamente a seguinte: *Nós (país) somos uma nação cristã, logo defendemos os seguintes (valores) e somos contrários aos (obstáculos) e por isso iremos realizar determinada (ação política) para solucionar a seguinte (situação) e alcançar determinado (objetivo) com o apoio das seguintes (parcerias).*

Os materiais selecionados para compor o corpus textual foram discursos em matéria de política externa proferidos pelos respectivos chefes de governo, chefe de Estado (no caso da Hungria) e ministros de relações exteriores de cada país, por serem as principais autoridades no que tange à formulação de política externa, no recorte temporal de cada mandato até 2022. A análise de discursos por indivíduos se alinha ao exposto por Holsit (1970) de que as NRCs são concebidas pelos tomadores de decisão de cada país. Averiguar se, no mesmo governo, diferentes autoridades possuem a mesma NRC que orienta a política externa de sua nação, dará maior consistência à hipótese. Em caso de conflito de NRC, buscou-se compreender se há uma explicação ou se isso enfraquece a hipótese.

Assim, os indivíduos cujos discursos serão selecionados são:

Tabela 2 - Seleção de discursos

País	Indivíduo	Cargo	Marco temporal
Brasil	Jair Bolsonaro	Presidente	2019-2022
	Ernesto Araújo	Ministro das Relações Exteriores	2019-2021
	Carlos França	Ministro das Relações Exteriores	2021-2022
Hungria	Viktor Orbán	Primeiro-Ministro	2010-2022
	Pál Schmitt	Presidente	2010-2012
	János Áder	Presidente	2012-2022
	Katalin Novák	Presidente	2022
	János Martonyi	Ministro de Relações Exteriores	2010-2014
	Tibor Navracsecs	Ministro de Relações Exteriores	2014

	Péter Szijjártó	Ministro de Relações Exteriores	2014-2022
--	-----------------	------------------------------------	-----------

Fonte: elaboração própria do autor.

Qualquer discurso público em matéria internacional, como, por exemplo, reuniões bilaterais, será considerado, mas uma ênfase maior será dada aos discursos proferidos perante organizações ou fóruns internacionais, por acreditar esse ser o *locus* onde os Estados se apresentam para o resto do mundo e expõem seus valores e objetivos. Optou-se por não delimitar alguma arena internacional específica, pois, em virtude dos diferentes sistemas de governo de cada país - presidencialismo no Brasil e parlamentarismo na Hungria - e dos diferentes organismos regionais, isso excluiria importantes espaços como o G20 no caso do Brasil e toda o sistema da União Europeia (UE) no caso Hungria, arenas essas em que o discurso de política externa apresentam um peso mais elevado para o público doméstico e internacional. Alguns dos espaços institucionais que serão utilizados são: as já mencionadas G20 e UE, além de discursos na Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), Fórum Econômico Mundial, Mercosul e CPAC - Conservative Political Action Conference.

Também foram incluídos discursos de caráter mais doméstico em momentos de grande repercussão, como discursos de posse, estado da nação¹⁹ e feriados nacionais, como o da independência. Essa escolha foi feita por acreditar que são momentos em que a identidade nacional é mais posta em pauta durante o discurso político, propiciando uma visão abrangente do NRC que é defendido pelas lideranças de cada país, sendo dessa forma uma plataforma de projeção discursiva. Também foi levada em consideração a relação entre o doméstico e o externo, pois a política externa não ocorre em um vácuo, mas está intimamente ligada à política doméstica.

Quanto ao acesso às fontes, os discursos do presidente brasileiro e dos ministros se encontram na íntegra nos sites do Planalto e do Itamaraty. No caso da Hungria, existem fontes primárias com tradução oficial para o inglês nos sites abouthungary.hu e primeminister.hu, ambos administrados pelo governo húngaro.

Inicialmente, os dados textuais são submetidos à análise do Iramuteq, visando identificar a frequência de termos utilizados e as relações entre eles dentro das classes discursivas, além de possibilitar a visualização dos dados para compreender como

¹⁹ O estado da nação é um discurso realizado anualmente pelo primeiro-ministro ao parlamento no início dos trabalhos legislativos para prestar contas do que o governo já realizou e estabelecer prioridades para o novo ano (HUNGRIA, 2012). É similar ao que ocorre em outros governos como o *State of the Union* dos Estados Unidos.

determinados termos geram certos entendimentos pelos interlocutores. Posteriormente, foram selecionados trechos específicos dos discursos individuais, a fim de exemplificar as relações identificadas por meio da análise conduzida pelo Iramuteq.

Este capítulo visou estabelecer os parâmetros pelo qual nossa pesquisa se realizou. Por meio do construtivismo e da RT conseguimos compreender como o populismo de direita e o nacionalismo cristão orientam a política externa de governos tais como Bolsonaro e Orbán. A análise de discurso permite visualizar essas relações, mostrando como as identidades e papéis dos Estados são construídos através dos atos de fala. A política comparada revela as capacidades e limitações do nosso procedimento investigatório com base em estudos de caso. Por fim, o desenho da pesquisa esclareceu todos os procedimentos realizados nos capítulos três e quatro.

CAPÍTULO 3 - O BRASIL DE BOLSONARO: ESTUDO DE CASO

Este capítulo realiza um estudo de caso do governo de Jair Bolsonaro, à frente da presidência do Brasil entre 2019 e 2022. A primeira seção inicia com uma breve explicação acerca de sua vitória eleitoral em 2018 e apresenta algumas das principais características populistas que marcaram seu mandato, bem como a influência religiosa na agenda política e tomada de decisões. O segundo momento é específico para a análise dos discursos em matéria de política externa, de forma a observar se há de fato a presença do nacionalismo cristão na orientação da identidade e papéis do Brasil no plano internacional.

3.1 Características populistas

A eleição de Jair Bolsonaro como presidente da república em 2018 surpreendeu a muitos, por ser um tipo de resultado inédito na política nacional. Nicolau (2020) afirma que o sucesso da campanha eleitoral de Bolsonaro quebrou muitos paradigmas tidos como dados por estudiosos, tendo em vista que sua campanha contou com poucos recursos e o menor tempo de propaganda eleitoral. O autor buscou então compreender as causas para essa vitória, que vão desde mudanças na legislação eleitoral, fragilização dos partidos tradicionais em virtude da operação Lava Jato, em especial o Partido dos Trabalhadores (PT) após o impeachment de Dilma Rousseff e a prisão de Lula, e o uso maciço e coordenado das redes sociais e canais de comunicação digitais (NICOLAU, 2020).

Nos discursos de campanha de Bolsonaro em 2018, fica evidente a construção de uma narrativa populista, na qual ele utiliza uma retórica agressiva para se posicionar contra a oposição, em especial à esquerda e ao PT. Bolsonaro não apenas critica o governo do PT, mas o rotula abertamente como corrupto e ineficiente, acusando-o de disseminar uma ideologia prejudicial ao país. Essa abordagem é intensificada por meio de uma linguagem beligerante, que reforça uma visão maniqueísta da política, na qual não há espaço para meio-termo. Nessa lógica, Bolsonaro se refere ao PT como inimigo político e retrocesso, associando-o à corrupção, mentiras e desprezo pela família, chegando a mencionar a aproximação do partido com ditaduras como Cuba e Venezuela. Essa estratégia visou destacar uma distinção moral na qual o próprio Bolsonaro se coloca como o salvador do Brasil, um protetor da nação e defensor da família e dos valores tradicionais contra o que ele enxerga como uma ameaça representada pelos seus opositores (TAMAKI; FUKS, 2020).

É interessante notar que, em seus discursos, Bolsonaro evita utilizar termos como *povo*, provavelmente associando-os à esquerda e ao PT. O elemento central dos discursos do ex-presidente acaba por ser o Estado nacional. Termos como “Brasil”, “nossa bandeira” e “nação” aparecem repetidamente, deixando menos espaço para o “povo”. Expressões como “nós” e “o povo” podem ser utilizadas de forma intercambiável com referência à “nação”. Essa escolha linguística é uma estratégia para se distanciar da oposição e reforçar a ideia de que ele é o verdadeiro representante dos interesses do país. Assim, o repertório político de Bolsonaro se construiu em torno de uma retórica populista, na qual a polarização e a demonização da oposição são elementos-chave para mobilizar apoio e consolidar sua imagem como líder capaz de combater os ditos inimigos do Brasil (TAMAKI; FUKS, 2020).

A campanha presidencial de Bolsonaro em 2018 marcou um ponto de inflexão no cenário político brasileiro, reconfigurando as identidades e alinhamentos eleitorais. Segundo Tanscheit (2023), clivagens demográficas como raça, gênero e religião, que anteriormente desempenhavam papéis menos centrais na política brasileira, passaram a ser fatores preponderantes na escolha dos eleitores. Essa mudança revela como a campanha de Bolsonaro conseguiu polarizar e mobilizar segmentos específicos da sociedade, especialmente ao apelar para grupos que se identificavam com ideais conservadores, seja na dimensão da religiosidade, seja em aspectos socioculturais.

Além disso, o fenômeno do antipetismo, que já era uma força política reconhecida, adquiriu novas dimensões durante as eleições. Inicialmente centrado na rejeição ao PT e associado a escândalos de corrupção e insatisfação com políticas anteriores, esse sentimento se expandiu e transformou-se em um antipartidarismo mais amplo. A evolução do antipetismo para um sentimento generalizado contra os partidos políticos tradicionais reflete um descontentamento mais profundo com o sistema político como um todo. Isso indicou uma crescente desconfiança nas instituições e uma busca por figuras consideradas *outsiders* ou *anti-establishment*, característica que Bolsonaro soube explorar para consolidar sua base eleitoral, ainda que ele mesmo fosse um parlamentar de longa data. A campanha de Bolsonaro, portanto, não apenas capitalizou sobre essas tendências existentes, mas também as ampliou e as integrou em sua narrativa, construindo uma plataforma que ressoava com os anseios e as frustrações de uma parcela significativa do eleitorado (TANSCHHEIT, 2023).

A seguir iremos ver como os três elementos principais dos regimes populistas de direita – populismo, nativismo e autoritarismo – foram trabalhados pelo governo Bolsonaro. A começar pelo populismo propriamente dito, tem-se que, no caso brasileiro, o antagonismo essencial para a difusão da base ideológica do populismo de direita é relacionado ao

antipetismo. Dado os treze anos de governo petista entre a posse de Lula e o impeachment de Dilma, e a relevância do partido no cenário político nacional, o PT se tornou sinônimo de esquerda para os seus opositores, e o antipetismo se tornou uma identidade política relevante para fins eleitorais. Dessa forma, o antipetismo acaba por ser parte fundamental do antagonismo entre *o povo puro* e *a elite corrupta* essencial ao populismo bolsonarista (TANSCHHEIT, 2023).

O *povo puro* é definido na visão de Bolsonaro como um povo patriota e cristão, como denotam o slogan da campanha presidencial “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” e o slogan do governo “Pátria amada Brasil”. Tamaki e Fuks (2020) destacam que esse ideal é construído sob uma perspectiva sociocultural, enfatizando valores religiosos e tradicionais, culminando naquilo que Bolsonaro chama em sua retórica de “cidadão de bem”. Por sua vez, Tanscheit (2023) alega que a *elite corrupta* integra todo o discurso programático de Bolsonaro e é representada por dois grupos principais. O primeiro grupo é o PT, sempre associado a termos como “corrupção”, “bandidos” e “prisão”, e Bolsonaro estaria em oposição ao partido por não se envolver em esquemas criminosos. Neste contexto, o antipetismo é um análogo da *elite corrupta* e uma base do manifesto eleitoral e dos discursos de campanha de Bolsonaro. O segundo grupo, no qual o PT também está inserido, é o *establishment*, num contexto onde os líderes e partidos predominantes no Brasil seriam intrinsecamente corruptos. Tendo o discurso anticorrupção como carro-chefe de sua campanha eleitoral, Bolsonaro conseguiu associar esses dois grupos à *elite corrupta* que agiria contra a *vontade geral*.

Já na dicotomia nós-eles, o grupo interno (*nós*) coincide com o *povo puro* como a população patriota e cristã, mas é menos enfatizado no discurso de Bolsonaro. O grupo externo (*eles*) é mais enfatizado e inclui, além dos petistas, outros dois grupos. O primeiro é composto por ativistas de grupos minoritários, como os movimentos LGBTQI+ ou feministas. Para Bolsonaro, esses movimentos visam destruir os valores familiares tradicionais para perpetuar a esquerda no poder, sendo o cristianismo o front de defesa desses valores. O segundo grupo é o progressismo cultural, formado por artistas e intelectuais, responsáveis pela difusão de valores cosmopolitas e multiculturais que na visão bolsonarista seriam incompatíveis com os valores brasileiros (TANSCHHEIT, 2023).

É relevante ressaltar, como Barros e Largo (2022) apontam, que a elite que Bolsonaro se propõe a combater é essencialmente a administrativa, a cívica e a intelectual. Não existe nenhuma oposição às elites econômicas, em especial à burguesia financeira e agrícola, bem como às lideranças eclesiásticas. Bolsonaro defende os empresários como aqueles que geram

empregos e fazem o país crescer, sendo esses os verdadeiros trabalhadores que não seriam defendidos pelo PT. Já a *elite* que ele constrói discursivamente em uma imagem negativa são as da burocracia estatal, das organizações da sociedade civil, da imprensa e da classe artística, que impedem o progresso do país.

Apesar de já ter ocupado cargos políticos desde a redemocratização, sendo deputado federal por 28 anos, Bolsonaro sempre mudou de filiação partidária ao longo de seus mandatos. Essa ausência de vínculo sólido com o *establishment* permitiu-lhe exercer o discurso moral do populismo que enxerga o mundo como uma luta maniqueísta entre o *bem* e o *mal*. Outra característica do populismo marcante em Bolsonaro é o caráter transgressivo da figura do líder, manifestada pela forma como ele se veste, trocando o terno completo por camisas de futebol e as vezes chinelo; pelo seu estilo de vida, como se alimentar na rua; e pelo linguajar marcado por coloquialismos e linguagem chula. Essas quebras de tabus servem para reforçar o apelo popular e simples do líder (BARROS; LARGO, 2022).

O nativismo no contexto brasileiro nega ou minimiza as desigualdades históricas e estruturais enfrentadas por populações negras e indígenas. Ao desconsiderar essas desigualdades, o nativismo contribui para a perpetuação de um sistema que favorece desproporcionalmente a população branca, mantendo assim as disparidades sociais e econômicas. Além disso, o nativismo se opõe à proteção constitucional de grupos minoritários, manifestando isso na forma de resistência a políticas de ação afirmativa, como cotas raciais e étnicas em universidades e no setor público, ou na oposição a demarcações de terras indígenas. Bolsonaro em falas e ações desde seu período como deputado federal já se manifestava contra as cotas raciais e a proteção de terras indígenas, além de minimizar o legado do racismo e do colonialismo na formação do país (TANSCHKEIT, 2023).

O autoritarismo na direita populista brasileira deve ser entendido em duas dimensões. Primeiro, como uma preferência por políticas de lei e ordem baseadas no uso da força e em respostas punitivas do Estado para combater o crime e lograr melhores índices de segurança. Em segundo lugar, como um conservadorismo moral pautado nos valores tradicionais, na manutenção da família tradicional heterossexual e patriarcal e o papel das instituições religiosas no Estado e na sociedade em geral. No que diz respeito à preferência pelas políticas de lei e ordem, o então presidente defendeu em suas promessas de campanha diretrizes mais rígidas para combater a criminalidade, o fim das saídas temporárias dos presídios, a redução da maioria penal para 16 anos e o acesso ao porte de armas de fogo como forma de garantir o direito à legítima defesa. Bolsonaro também expressou um apoio irrestrito às ações das forças policiais, mesmo em casos de letalidade cometidos pela polícia. Sobre o

conservadorismo moral, de cunho fortemente religioso, Bolsonaro declarou o compromisso em defesa da família, da inocência das crianças na sala de aula, da liberdade religiosa, e em contrariedade ao aborto e à legalização das drogas. Em adendo, a população LGBTQI+ foi excluída da Política Nacional de Direitos Humanos (TANSCHHEIT, 2023).

O autoritarismo também se manifestou no governo Bolsonaro na forma do desprezo pelas instituições políticas tradicionais, em especial a hostilidade para com a separação de poderes. Ele se valeu constantemente de ataques aos poderes Legislativo e Judiciário, sob a justificativa de que ambos o impediam de governar. A perspectiva do presidente é que, tendo sido eleito pela maioria, tem a prerrogativa de executar seu programa político, o qual enfrentou resistência tanto do Congresso quanto do Supremo Tribunal Federal. Diante de decisões desfavoráveis do STF, Bolsonaro ameaçou diversas vezes descumpri-las (BARROS; LARGO, 2022).

Um outro elemento presente nas *práxis* do populismo de direita brasileiro diz respeito ao negacionismo climático. O mandato de Bolsonaro foi marcado por uma série de políticas e declarações que representaram uma reversão significativa em relação aos compromissos ambientais anteriormente assumidos pelo Brasil. Dentre as ações realizadas pelo governo, houve a abertura da Amazônia à exploração ilegal da indústria mineira e madeireira. Também ocorreu uma das maiores ondas de incêndios florestais do país. Questionado, o então presidente culpou organizações não-governamentais pelas queimadas para prejudicar seu governo. O negacionismo climático de Bolsonaro não foi apenas uma questão de ignorar as evidências científicas sobre as mudanças climáticas e seus impactos, mas também uma estratégia política deliberada, que visava atender aos interesses de determinados setores econômicos, como o agronegócio e a indústria de mineração, que se beneficiaram das políticas de relaxamento das regulamentações ambientais (TANSCHHEIT, 2023).

3.2 Uso político da religião

As eleições de 2018 foram marcadas por grande mobilização de lideranças religiosas em favor de Bolsonaro. Isso consegue ser explicado pelo aumento expressivo da população evangélica, que compõe atualmente cerca de um terço da população, fazendo com que seu voto tenha impacto nos resultados eleitorais. Antes de 2018 a religião não era uma variável relevante para distinguir o voto, até Bolsonaro ter vencido de maneira expressiva entre os evangélicos. Ele venceu em todos os grupos religiosos, que seguiram a proporção do voto

geral, exceto entre os evangélicos cujo resultado foi desproporcional, 70% em comparação com o resultado geral de 55% no segundo turno (NICOLAU, 2020).

Essa aproximação com o eleitorado evangélico foi possível devido à afinidade ideológica a partir de 2011, quando Bolsonaro começou a publicamente adotar posicionamentos conservadores e se projetar como “defensor da família e bons costumes”, o que o aproximou da Frente Parlamentar Evangélica. Ele também passou a ser visto com bons olhos por indivíduos de segmentos cristãos que começaram a se sentir representados pelas suas posições, enxergando Bolsonaro como um porta-voz da moralidade cristã. Episódios como o batismo no Rio Jordão e a luta contra um suposto *kit gay* fortaleceram essa visão, conquistando assim o apoio de lideranças religiosas como cabos eleitorais, inclusive no púlpito, o que contribuiu muito para mobilização dos evangélicos no pleito de 2018 e também para a construção da imagem messiânica de Bolsonaro (NICOLAU, 2020).

Após assumir a presidência, o elemento religioso continuou muito presente. O slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” não se restringiu à corrida eleitoral e foi reiterado diversas vezes como lema de governo, combinando elementos de supremacia religiosa e populismo nacionalista (BARBOSA; CASARÕES, 2023). Líderes e organizações ligadas à grupos cristãos passaram a ter presença no governo federal, seja como grupo de pressão nas arenas institucionais, seja com cargos oficiais, como foi o caso da ministra Damares Alves, pastora evangélica e fundadora da Associação Nacional de Juristas Evangélicos (ANAJURE) para chefiar a pasta de direitos humanos (MONTE; HERNANDEZ, 2022), e também indivíduos ligados ao conservadorismo católico do ideólogo Olavo de carvalho, tais como o ex-chanceler Ernesto Araújo e o assessor para assuntos internacionais Filipe Martins. Não se pode também deixar de mencionar a indicação do então ministro da justiça André Mendonça para uma vaga no Supremo Tribunal Federal, cumprindo a promessa de campanha de indicar um ministro “terrivelmente evangélico” para a corte (BARBOSA; CASARÕES, 2023).

Barbosa e Casarões (2023) argumentam que o nacionalismo cristão de Bolsonaro se coaduna com o elemento do nativismo presente no populismo de direita. Segundo os autores, a retórica do então presidente transmite o entendimento do cristianismo como parte de um legado positivo da colonização portuguesa em oposição às populações de origem indígena ou africana, que, na sua opinião, não ofereceram qualquer contribuição para a sociedade brasileira. Isso se alinha ao descrito anteriormente por Kaltwasser e Zanotti (2023) de que o nativismo dos populistas de direita sul-americanos não é direcionado contra um grupo externo, mas contra um grupo interno não-branco. O discurso nativista de Bolsonaro não é

construído exclusivamente por uma lógica racial, mas contém elementos de nacionalismo cristão, assumindo a fé como único caminho de assimilação para populações não-brancas (BARBOSA; CASARÕES, 2023).

A religião também serviu para reafirmar o elemento autoritário do populismo de direita por Bolsonaro. Primeiro, Bolsonaro defendeu diversas vezes que o Brasil deveria ser governado pelas crenças cristãs e que o secularismo era um plano deliberado da esquerda para destruir as tradições religiosas do Brasil e doutrinar estudantes para que apoiassem causas progressistas. Além disso, cabe destacar a importância dada por Bolsonaro ao versículo bíblico João 8:32 “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Essa passagem foi citada exaustivamente nas campanhas de 2018 e 2022, bem como ao longo dos quatro anos de governo. Com isso, ele buscava reivindicar o monopólio da verdade, justificando vários de seus ataques a oponentes políticos e à mídia (BARBOSA; CASARÕES, 2023).

A política externa do governo Bolsonaro segue os princípios do populismo de direita em assuntos internacionais, somando-se também o nacionalismo cristão e ao anticomunismo, que por muitas vezes se mistura e confunde como antiglobalismo (CASARÕES; FARIAS, 2021). De acordo com Monte e Hernandez (2022), ela pode ser considerada como disruptiva, pois

A partir dessa nova perspectiva, sob o governo Bolsonaro, as relações internacionais brasileiras começaram a ser pautadas por uma crítica ao multilateralismo, principalmente, contra as instituições e organizações cuja agenda conflita com valores tradicionais, conservadores e religiosos do eleitorado mais leal ao presidente (MONTE; HERNANDEZ, 2022, s.p.).

A manifestação do nacionalismo cristão em matéria de política externa pelo governo Bolsonaro é definida por Jung, Abreu e Keil (2022) como “diplomacia eclesial”, em que a moral cristã é a legitimação ontológica da inserção internacional do Brasil. Já Guimarães *et al* (2023) a chamam de “modelo de política externa evangélica”, guiado por orientações de caráter religioso. Segundo esses últimos, tal modelo segue quatro eixos principais: (1) o relacionamento com Israel; (2) a formação da Aliança Internacional de Liberdade Religiosa ou Crença contra a perseguição cristã; (3) a formação do Consenso de Genebra antiaborto em 2020; e (4) a defesa das missões de evangelização brasileiras na África,

O primeiro deles é a aproximação com Israel, defendida pessoalmente pelo presidente Bolsonaro. Em 2019, Bolsonaro mudou a postura histórica do Brasil no Conselho de Direitos Humanos da ONU, votando contra a Palestina e a favor de Israel. Em seguida, o presidente

anunciou que o Brasil mudaria a sua embaixada de Tel Aviv para Jerusalém, no mesmo sentido de medida semelhante realizada por Donald Trump. No entanto, essa mudança não se concretizou em função da pressão de produtores rurais que exportam carne aviária para países árabes, que ameaçaram boicotar o produto brasileiro caso a embaixada fosse transferida. Apesar do plano fracassado de transferir a embaixada para Jerusalém, o país continuou a manter uma relação estreita com Israel, sendo considerada um aliado estratégico do Brasil (GUIMARÃES *et al*, 2023).

A simpatia dos evangélicos para com o Estado de Israel não é meramente política e sim teológica. Apesar das diferentes abordagens e ênfases, todas as denominações evangélicas concordam que é dever de qualquer verdadeiro cristão defender o direito de Israel existir, como forma de preparar a segunda vinda de Jesus Cristo. Além das orientações teológicas, alguns evangélicos conservadores e muitos políticos de direita tendem a ter uma visão romantizada dos judeus, em que eles são vistos como parte de uma civilização judaico-cristã ocidental e branca que precisa ser defendida de uma ameaça mulçumana (GUIMARÃES *et al*, 2023).

O segundo eixo é sobre uma coligação internacional para proteger os cristãos contra a perseguição religiosa. Em 2019, o governo brasileiro participou oficialmente de um evento realizado em Budapeste sob iniciativa do regime de Viktor Orbán para discutir a perseguição aos cristãos em Estados não-cristãos, matéria que é muito cara aos evangélicos e à direita cristã em geral. A conferência incluiu, entre outros, representantes de governos conservadores como a Polônia e os EUA. A delegação brasileira defendeu não apenas uma política contra a perseguição religiosa, mas também liberdade absoluta para missões de conversão aos sem religião. Nesse contexto, Ernesto Araújo e Jair Bolsonaro cunharam o termo “cristofobia” para se referir à perseguição aos cristãos (GUIMARÃES *et al*, 2023).

O terceiro eixo é sobre a política internacional antiaborto do Brasil, que além das demais lideranças do serviço exterior, teve na figura da ministra Damares Alves uma voz importante. Em 2020, a ministra foi enviada à Polônia para participar da Conferência sobre os Direitos da Mulher. Nessa visita, Brasil, Polônia, Hungria e Estados Unidos se tornaram membros fundadores da Parceria para as Famílias, um fórum criado para promover princípios conservadores, incluindo perspectivas antiaborto. No ano seguinte, durante uma participação de Damares Alves em reunião virtual do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, o Brasil se posicionou firmemente em defesa da família e da vida “desde a concepção” (GUIMARÃES *et al*, 2023).

O Brasil também foi copatrocinador do estabelecimento do Consenso de Genebra, uma iniciativa antiaborto semelhante à Parceria para as Famílias. A declaração também foi patrocinada pelos Estados Unidos, Egito, Indonésia, Hungria e Uganda e assinada por 34 países. O Consenso tinha como objetivo oficial promover a saúde da mulher e fortalecer as famílias, reafirmando-as como unidade principal da sociedade. Entretanto, o documento foi redigido com base em um entendimento conservador, religioso e heteronormativo de família, o que o tornava mais um manifesto diplomático pró-vida com o intuito de bloquear iniciativas internacionais que pudessem garantir o direito ao aborto (MONTE; HERNANDEZ, 2022).

Por fim, a doutrina cristã de espalhar o evangelho pelos quatro cantos do mundo é a base para a ideia de um evangelismo internacional no continente africano. Líderes evangélicos pressionaram Bolsonaro para que o Itamaraty agisse em prol de expandir as missões brasileiras na África. Isso tornou-se mais nítido em 2021, quando membros da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) foram obrigados a deixar Angola depois do governo local ter denunciado o seu envolvimento em esquemas de corrupção. Membros da Frente Parlamentar Evangélica no Congresso e o próprio líder da IURD, Edir Macedo, solicitaram a interferência oficial de Bolsonaro, que enviou o vice-presidente Hamilton Mourão para tentar resolver o embrolho. O governo angolano não voltou atrás em sua decisão, o que fez Bolsonaro indicar o ex-prefeito do Rio de Janeiro e pastor da IURD Marcelo Crivella para o posto de embaixador na África do Sul, como forma de atenuar as relações com a bancada evangélica, o que também não obteve sucesso (GUIMARÃES *et al*, 2023).

Há de se citar o papel do ex-ministro das relações exteriores Ernesto Araújo na formulação e condução da política externa bolsonarista. O chanceler buscou reconfigurar a abordagem da diplomacia brasileira, visando uma coalizão internacional caracterizada por princípios liberais na esfera econômica e conservadores nos valores. Seus posicionamentos eram marcados por uma luta contra o globalismo supostamente promovido pela diplomacia tradicional e as instituições internacionais, se aproximando de governos conservadores como os de Israel, Hungria, Arábia Saudita e Polônia (MONTE; HERNANDEZ, 2022). Em seu repertório, a lógica subjacente da civilização ocidental é o nacionalismo cristão. Seria para ele necessário, portanto, colocar Deus no centro das relações internacionais para garantir a verdadeira independência do Brasil (BARBOSA; CASARÕES, 2023). Criticado pelo isolamento diplomático que estaria se resultando dessa nova política externa, Araújo reforçou a posição, dizendo que se fosse preciso que o país fosse um pária, que continuasse assim. O ministro eventualmente foi deposto no início de 2021 por conta de pressões do Senado Federal e foi substituído pelo embaixador Carlos França (MONTE; HERNANDEZ, 2022).

Casarões e Farias (2021) argumentam que o antagonismo de Bolsonaro em relação à ordem internacional liberal vigente se situa na tentativa de construção de uma nova identidade nacional. A proposta constitui uma ruptura com os 35 anos de democracia que sucederam a ditadura militar, um período descrito pela ala mais radical do governo como dominado por uma elite comunista, globalista e totalitária. Adicionalmente, os autores destacam que a transformação na política externa brasileira foi alcançada por meio de uma fusão estratégica de antiglobalismo, anticomunismo e nacionalismo religioso, ideologias que compartilham uma desconfiança comum pela ordem internacional liberal e aspiram subvertê-la.

De forma bastante crítica, Jung, Abreu e Keil (2022) definem a política externa bolsonarista como um abandono do materialismo pautado na busca pelo desenvolvimento em prol de um idealismo, que visa a formação de uma identidade moral cristã comum, rompendo com a prática diplomática tradicional. Nesse sentido, a cooperação internacional pragmática foi substituída pela formação de alianças ideológicas com base no nacionalismo cristão.

3.3 Análise dos discursos

Começando a análise dos dados obtidos para o caso brasileiro, a pesquisa empírica teve início com os discursos do presidente Bolsonaro. A figura abaixo mostra quais foram as palavras mais utilizadas pelo mandatário em seus quatro anos de mandato.

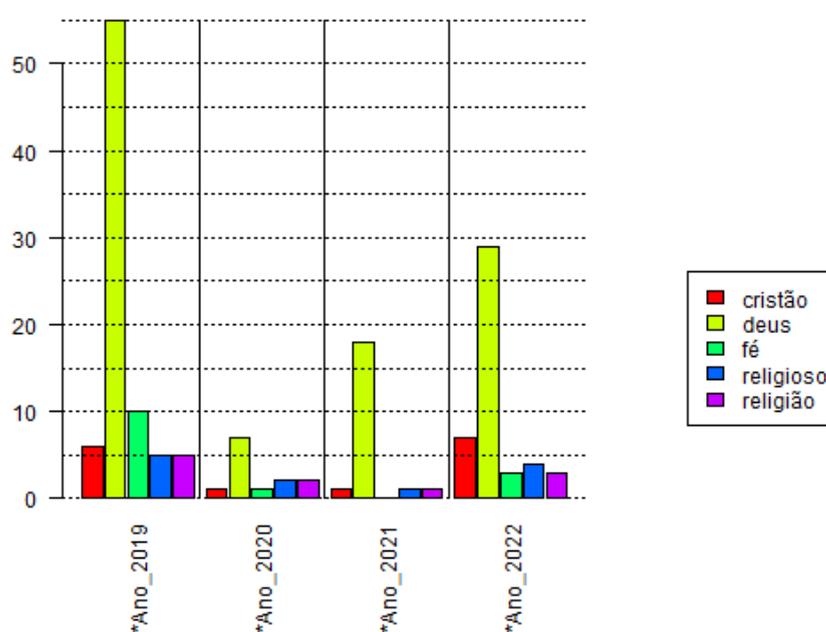
Figura 3 - Nuvem de palavras dos discursos de Jair Bolsonaro



Fonte: Elaboração própria com o uso do Iramuteq.

Na nuvem de palavras podemos ver os termos mais frequentemente utilizados pelo então presidente. Destaca-se a palavra “Deus” que apareceu 109 vezes em seus discursos durante todo o período. Outros termos de caráter religioso como a palavra “cristão” também aparecem na nuvem. De forma a enxergar como a utilização desses termos variou ao longo dos quatro anos de mandato, tem-se o gráfico abaixo:

Figura 4 - Frequência do uso de termos religioso ao longo dos anos nos discursos de Jair Bolsonaro

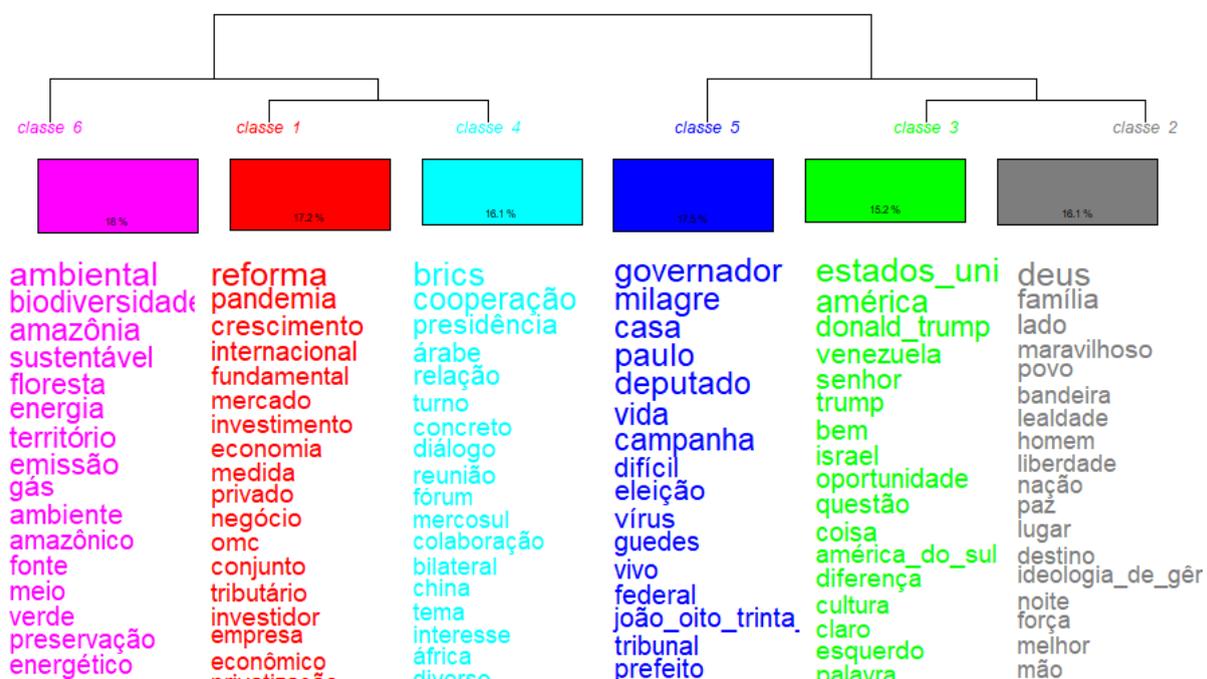


Fonte: Elaboração própria com o uso do Iramuteq.

Como é possível ver, o uso de termos religiosos por parte do presidente era bastante frequente em 2019, tendo se reduzido bastante no ano seguinte, e retomado em 2021, até que em 2022 alcançou novamente uma frequência alta, ainda que menor do que no primeiro ano de mandato. Acredita-se que essa variação ocorre primeiramente por momentos de grande comoção nacional, como a inauguração de um novo governo e eleições polarizadas, o que explica a alta incidência em 2019 e 2022. Para 2020 o número de discursos de política externa foi bastante reduzido em função da pandemia, que prejudicou muitas reuniões internacionais, gradualmente retornando no ano seguinte.

Para ver como os termos empregados se relacionam com outros, vide a figura a seguir,

Figura 5 - Dendrograma dos discursos de Jair Bolsonaro



Fonte: Elaboração própria com o uso do Iramuteq.

A análise proporcionada pelo Iramuteq expôs cinco classes, na forma de clusters, para os discursos de Bolsonaro. Os *clusters* por sua vez estão agrupados em duas famílias, no qual em uma delas se identifica a ligação entre termos religiosos como “Deus” e “cristão” a termos relacionados com a identidade nacional. Também é perceptível nesse *cluster* que países aliados e adversários aparecem, como Israel e Estados Unidos de um lado e Venezuela de outro. Em uma delas também aparece o versículo bíblico João 8:32, usado frequentemente por Bolsonaro em seus discursos públicos. Isso demonstra que em seu discurso Bolsonaro mobiliza termos religiosos e para identificar o que o Brasil é, além de deixar claro quem são os seus parceiros e adversários no plano internacional. Os termos religiosos também estão ligados com as palavras “liberdade”, “vida” e “família”, identificando que esse são os valores que o governo Bolsonaro visa defender e proteger em suas relações exteriores.

Nas outras ramificações do dendrograma podemos ver os demais eixos de atuação da política externa bolsonarista. Elas perpassam questões comerciais relacionados ao Mercosul, ao BRICS, e à OMC e também questões relacionadas ao meio-ambiente e a preservação da Amazônia e questões sobre o envolvimento do Brasil na Organização das Nações Unidas como as operações paz e a participação como membro não-permanente no Conselho de

O Brasil é um país cristão e conservador e tem na família sua base (BOLSONARO, 2020, s.p.).

Vivemos num país cristão, um país que é temente a Deus, de um povo gentil, ordeiro e trabalhador. Um país que no passado já se livrou de outras artimanhas daqueles que queriam roubar a nossa liberdade (BOLSONARO, 2022, s.p.).

Fica clara a frequente associação entre a raiz cristã do Brasil com valores de liberdade, conservadorismo e família, em detrimento de tudo que possa ser considerado ideológico, que na visão bolsonarista seria inerente à esquerda.

Já no que tange os parceiros e adversários do Brasil em nível internacional:

o povo brasileiro, muito parecido com o povo americano, um povo conservador, temente a Deus, portanto, cristão. E que não aceitava mais lá, diferentemente daqui nesse aspecto, o crescimento da esquerda e o exemplo negativo da Venezuela (BOLSONARO, 2019, s.p.).

O que nos une a Israel é muito mais do que acontece hoje em dia. São os nossos laços, a nossa cultura judaico-cristã (BOLSONARO, 2019, s.p.).

O regime ditatorial venezuelano faz parte de uma coligação internacional, conhecida como Foro de São Paulo, que esteve próximo de conquistar o poder em toda América Latina. Pela via democrática, nos livramos desse projeto no Brasil. Encerro dizendo, que o Brasil e os Estados Unidos também estão emanados na garantia das liberdades no respeito à família tradicional, no temor a Deus, nosso Criador, contra ideologia de gênero, o politicamente correto e as Fake News (BOLSONARO, 2019, s.p.).

Nos trechos acima, a herança cristã é usada como fator de aproximação do governo Bolsonaro com outros governos populistas de direita, o de Donald Trump nos Estados Unidos e de Benjamin Netanyahu em Israel. A associação entre conservadorismo e cristianismo criaria, no entendimento dele, uma rejeição a ideais associados com a esquerda política, como o politicamente correto e a dita ideologia de gênero, bem como a países como a Venezuela, constantemente tratada como principal antítese do seu projeto de país.

Nos quatro discursos que Bolsonaro proferiu para abrir os debates da Assembleia Geral das Nações Unidas, a questão da perseguição aos cristãos foi latente. Em 2020, ele inclusive chegou a citar pela primeira vez o termo “cristofobia”, e, em 2021, denunciou a perseguição religiosa promovida pelo regime da Nicarágua.

É inadmissível que, em pleno Século XXI, com tantos instrumentos, tratados e organismos com a finalidade de resguardar direitos de todo tipo e de toda sorte, ainda haja milhões de cristãos e pessoas de outras religiões que perdem sua vida ou sua liberdade em razão de sua fé (BOLSONARO, 2019, s.p.).

A liberdade é o bem maior da humanidade. Faço um apelo a toda a comunidade internacional pela liberdade religiosa e pelo combate à cristofobia (BOLSONARO, 2020, s.p.).

O futuro do Afeganistão também nos causa profunda apreensão. Concederemos visto humanitário para cristãos, mulheres, crianças e juizes afegãos (BOLSONARO, 2021, s.p.).

Além disso, no meu governo, o Brasil tem trabalhado para trazer o direito à liberdade de religião para o centro da agenda internacional de direitos humanos. É essencial garantir que todos tenham o direito de professar e praticar livremente sua orientação religiosa, sem discriminação. Quero aqui anunciar que o Brasil abre suas portas para acolher os padres e freiras católicos que têm sofrido perseguição do regime ditatorial da Nicarágua. O Brasil repudia a perseguição religiosa em qualquer lugar do mundo. Outros valores fundamentais para a sociedade brasileira, com reflexo na pauta dos direitos humanos, são a defesa da família, do direito à vida desde a concepção, à legítima defesa e o repúdio à ideologia de gênero (BOLSONARO, 2022, s.p.).

Em seus discursos focados para uma audiência evangélica doméstica, o populismo religioso de Bolsonaro é apresentado de forma ainda mais intensa, por vezes citando ameaças externas:

Um presidente que acredita e valoriza a família. Um presidente, a exemplo do governador daqui também, vai respeitar a inocência das crianças em sala de aula. Não existe essa conversinha de ideologia de gênero. Isso é coisa do capeta (BOLSONARO, 2019, s.p.).

A todo momento, a gente ouve essa esquerdalha, PT, PCdoB, PSOL, essa esquerdalha nojenta, falar que o Estado é laico. O Estado é laico, mas eu, Johnny Bravo, sou cristão. Aqui nesse carro e nesse pátio, nós somos cristãos. Respeitamos todas as religiões e até quem não tem religião. Mas a grande maioria do povo brasileiro é cristão. Ponto final (BOLSONARO, 2019, s.p.).

Não aceitamos o comunismo ou o socialismo. Nós daremos a nossa vida pela nossa liberdade. Repudiamos todos aqueles que, por ocasião da pandemia, fecharam igrejas e templos. O respeito à religião, à liberdade de expressão e à nossa liberdade maior não tem preço (BOLSONARO, 2022, s.p.).

Não estamos do lado da Venezuela, tampouco do lado da Nicarágua, que prende padre, expulsa feiras e fecha rádios e televisões católicas (BOLSONARO, 2022, s.p.).

Finalizamos aqui destacando a fala do presidente após se encontrar com Viktor Orbán em 2022, ressaltando a consonância de valores entre os dois países:

Prezado Orbán, é uma satisfação muito grande estar na Hungria. Considero o seu país o nosso pequeno grande irmão. Pequeno se levarmos em conta as nossas diferenças nas respectivas extensões territoriais e grande pelos valores que nós representamos, que podem ser resumidos em quatro palavras: Deus, Pátria, família e liberdade. Comungamos, também, na defesa da família com muita ênfase. Uma família bem estruturada faz com que a sua respectiva sociedade seja sadia e não devemos perder este foco (BOLSONARO, 2022, s.p.).

Percebe-se então pelos discursos do então presidente Bolsonaro como ele interpreta o Brasil como um país de maioria cristã e conservadora, que coaduna com valores referentes à defesa ampla da liberdade, da proteção das famílias e do repúdio a qualquer ideologia associada com a esquerda política. Esse discurso de caráter doméstico se reproduz no plano internacional ao se aliar com países também governados por regimes populistas de direita cristãos, reforçar a defesa da família e da liberdade religiosa em escala global e repudiar países socialistas principalmente no continente latino-americano.

Passando agora para os incumbentes da chefia do Itamaraty, temos primeiro o ministro Ernesto Araújo, que ocupou o cargo de janeiro de 2019 até março de 2021, cujo uso de elementos religiosos nas retórica política é o mais frequente em todo o governo Bolsonaro. Como se pode ver pela tabela abaixo, que relaciona a frequência com que temos relacionados ao nacionalismo cristão são utilizados pelo ex-chanceler:

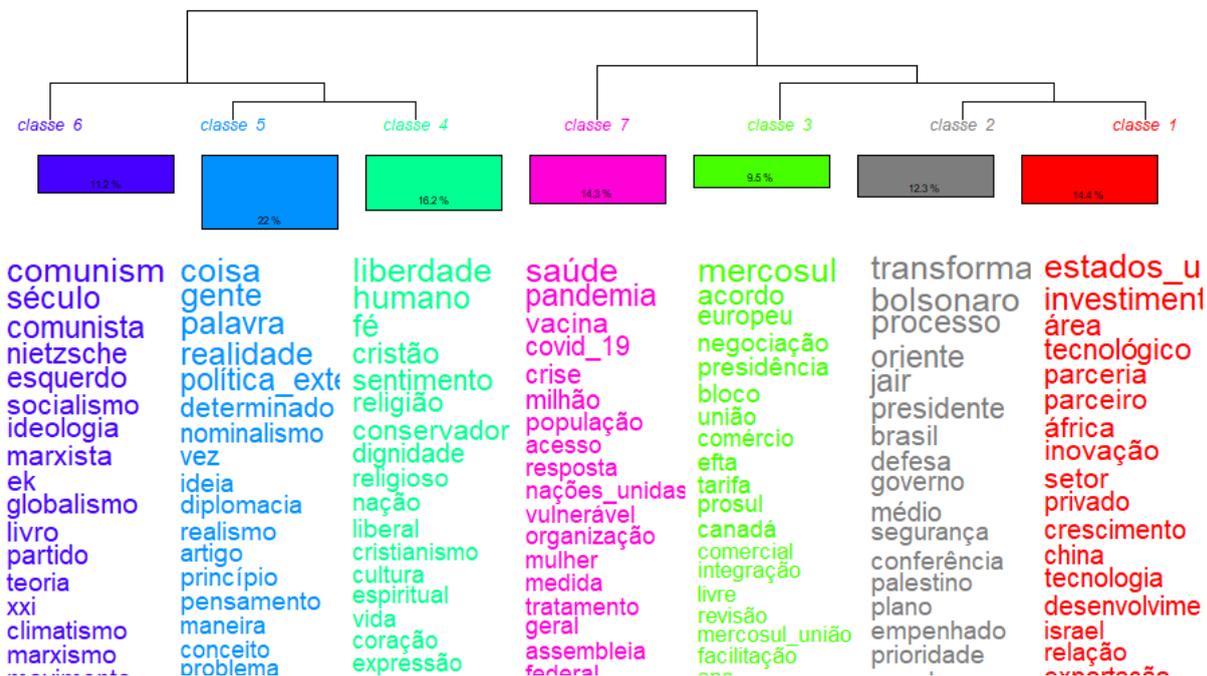
Tabela 3 - Termos de cunho religioso utilizados por Ernesto Araújo

Termo	Quantidade de vezes em que aparece
Deus	140
Cristianismo	22
Cristã(o)(s)	108
Religião	79
Liberdade religiosa	56
Fé	100
Igreja	21
TOTAL	526

Fonte: elaboração própria, com base nos dados de Araújo (2020; 2021).

Em um total de 92 discursos entre 2019 e sua queda em abril de 2021, Ernesto Araújo utilizou termos relacionados ao cristianismo 526 vezes, uma média de 5,7 por discurso. Não obstante a frequência, cabe também averiguar como esses termos são mobilizados dentro do raciocínio discursivo. Conforme a análise dos dados textuais pelo Iramuteq:

Figura 7 - Dendrograma dos discursos de Ernesto Araújo



Fonte: Elaboração própria com o uso do Iramuteq.

Notável o número de classes maior que o dos discursos presidenciais, devido ao escopo maior de atuação do chefe do corpo diplomático nas mais variadas searas que permeiam a política externa brasileira. Já quanto a dispersão dos termos, temos:

presidente quanto do ministro, demonstrando que ela é na visão deles o símbolo de tudo aquilo que o Brasil não pode se tornar.

Destacarei aqui alguns dos trechos que mais saltam aos olhos:

Meus detratores me chamaram de louco por acreditar em Deus e por acreditar que Deus age na história – mas eu não me importo. Deus está de volta, e a nação está de volta: uma nação com Deus; Deus através da nação. No Brasil (pelo menos), o nacionalismo tornou-se o veículo da fé, a fé tornou-se a catalisadora do nacionalismo, e ambos desencadearam uma estimulante onda de liberdade e de novas possibilidades (ARAÚJO, 2020, p. 56).

O lema do Presidente Bolsonaro – “Brasil acima de tudo, e Deus acima de todos” – contém em si mesmo um projeto político e uma concepção de mundo. São um projeto e uma concepção que correspondem aos sentimentos profundos do povo brasileiro (ARAÚJO, 2020, p. 135).

o povo brasileiro, como no poema de João Cabral de Melo Neto, acordou e conseguiu olhar para fora, para fora daquela vida apodrecida. Configurou uma esperança e encontrou um líder, que é o nosso Presidente, que conhece e ama esse povo e nos ensina a conhecer e amar esse povo. Esse povo que sofre, mas que crê em Deus, que crê sobretudo no Deus incarnado que sofre e, pelo sofrimento, liberta. Esse povo que é cristão e conservador. Severinos e Severinas que são cristãos e conservadores (ARAÚJO, 2021, p. 503).

Nos trechos acima fica nítido o nacionalismo cristão e o populismo religioso da retórica de Ernesto Araújo. Em sua concepção, o “verdadeiro povo brasileiro” tem a ideia de Deus enraizada no projeto político que almeja para o país. A fé e o nacionalismo seriam duas forças que se movem em conjunto, e Bolsonaro o líder carismático capaz de liderar o povo, uma massa cristã e conservadora.

Acho que nas democracias liberais, Deus nunca morreu, nunca inteiramente, justamente porque nessas democracias, havia/há liberdade. E contrariamente ao que se fala, onde há liberdade acaba sempre havendo lugar para Deus. Sendo ssi o conceito de liberdade é absolutamente central ao cristianismo. A liberdade e o verbo libertar aparecem dezenas de vezes no Novo Testamento. No corpo das democracias liberais continuava a bater um coração conservador, onde continuava a fluir a fé, a concepção vertical do ser humano, a concepção da transcendência (ARAÚJO, 2020, p. 276-277).

O Presidente caracteriza (a meu ver corretamente, claro; é aquilo em que eu acredito profundamente) o Brasil como um país cristão e conservador. Isso tem um significado que vai além, porém, da esfera dos valores (...) Conservadorismo significa não só valores de família, por exemplo, mas também menos Estado, mais liberdade econômica, acreditar no indivíduo, acreditar numa sociedade construída de baixo para cima e não de cima para baixo, não do Estado para a sociedade (...) Essa identificação cristã e conservadora nos dá uma alma, nos dá uma identidade, e a partir dessa identidade é que podemos construir, finalmente, acredito, uma economia próspera e aberta, eficiente (ARAÚJO, 2021, p. 452-453).

Nos dois trechos destacados acima, que tratam dos valores que regem a política externa bolsonarista, a ideia de liberdade é descrita como indissociável de Deus e pilar do cristianismo. Ela é colocada lado-a-lado com a noção de conservadorismo, relacionando-a não só como um valor moral, mas como diretriz para o poder público. Dessa forma, articula-se o conceito de liberdade para justificar uma orientação *conservadora nos costumes e liberal na economia* defendida pelo governo Bolsonaro.

deveria preocupar-nos, também, cada vez mais, a teofobia, o ódio contra Deus. Há uma teofobia horrenda, gritante, na nossa cultura. Não só no Brasil, em todo o mundo. Um ódio contra Deus, proveniente sabe-se lá de onde, canalizado por todos os códigos de pensamento e de não pensamento que perfazem a agenda global. Para destruir a humanidade é preciso acabar com as nações e afastar o homem de Deus, e é isso que estão tentando, e é contra isso que nos insurgimos (ARAÚJO, 2020, p. 26).

Aqui, o diplomata brasileiro argumenta contra o que veio a ser chamado de globalismo, uma suposta conspiração que visa afastar as pessoas de Deus e destruir o Estado-nação em prol de um governo mundial. O uso do globalismo como inimigo abstrato perpassa toda construção intelectual do ex-chanceler.

O governo Bolsonaro, ao qual sirvo como Ministro das Relações Exteriores, não liga para o que dizem os comentaristas ou para o que os incomoda: eles não entendem nada de quem Deus é, ou de quem o povo brasileiro é e quer ser. A preocupação deles é a de uma elite que está prestes a ser destituída. Eles têm medo porque não controlam mais o debate público, já não podem mais ditar os limites do que diz o Presidente ou quem quer que seja. A última barreira foi rompida: nós agora podemos falar de Deus em público. Quem poderia imaginar uma coisa dessas? (ARAÚJO, 2020, p. 51).

Acima fica notadamente caracterizado o discurso populista, ao estabelecer a dicotomia povo-elite. No caso, ele argumenta que as elites até então controlavam o debate público, o que foi removido pelo novo governo Bolsonaro, que poderia representar de fato o povo, podendo até falar sobre Deus, o que antes não seria aceitável. A fé de Bolsonaro seria algo fundamental para as mudanças políticas em curso.

o Presidente Bolsonaro, em seu discurso na abertura da Assembleia Geral, falou sobre uma ideologia que tentou expulsar Deus da alma humana, e vemos que a mesma ideologia que tentou afastar Deus da alma humana também tentou afastar nações do sistema internacional e do sistema multilateral, e agora vejo aqui que são nações básicas que estão assumindo essa questão de liberdade religiosa e da luta contra a perseguição de cristãos, então vejo que – talvez não por coincidência, certamente não por coincidência – há uma inversão daquela tendência, e pode-se ver que Deus está voltando às nossas discussões, e que as nações estão voltando ao centro do sistema multilateral (ARAÚJO, 2020, p. 421)

Aqui a ideia de Deus é usada como associação a uma dinâmica internacional marcada pela predominância das nações como entes absolutamente soberanos, em detrimento do multilateralismo e valorização das organizações internacionais.

Ao mesmo tempo, a agenda de esquerda tomou a sociedade brasileira. A promoção da ideologia de gênero; o avivamento artificial de tensões raciais; a substituição dos pais pelo governo como provedor de “valores” para as crianças; a infiltração na mídia; o deslocamento do “centro” do debate para muito longe no campo da esquerda; a humilhação dos cristãos e a tomada da Igreja Católica pela ideologia marxista (e a conseqüente promoção do controle de natalidade); e assim por diante – esses foram os resultados das políticas do novo governo (ARAÚJO, 2020, p. 53).

Nesse trecho, o ex-ministro elenca aquilo que sua visão sobre política considera obstáculos ou inimigos. Uma suposta agenda de esquerda do *marxismo cultural*, pautada pela degradação moral, corrupção de menores, controle da mídia, ideologia de gênero e até a infiltração na Igreja.

Perseguição aos cristãos, que, mesmo em países de maioria muçulmana, os governos estão preocupadíssimos, porque não querem isso. Então, a gente pode, de alguma maneira, cooperar com isso, tentando quebrar os fluxos de narcotráfico que partem da América do Sul e que, em alguns casos, alimentam esses movimentos. As pessoas têm que se dar conta desse mapa da criminalidade mundial, também (ARAÚJO, 2021, p. 95).

Nenhuma fé está a salvo da intolerância e da perseguição, e os cristãos estão entre suas principais vítimas. Infelizmente, temos visto episódios contínuos de ódio e violência contra os cristãos em todos os hemisférios e continentes. De acordo com pesquisas recentes, oito cristãos são mortos diariamente em todo o mundo devido a sua fé (ARAÚJO, 2021, p. 582).

Ao mesmo tempo, também reconhecemos nossa fé religiosa predominante, o cristianismo, como fundamento e pilar de nossa identidade nacional. Discursando na Assembleia Geral das Nações Unidas em setembro passado, o Presidente Bolsonaro apelou à comunidade internacional para proteger a liberdade religiosa e combater a cristofobia. Não temos vergonha de nossa identidade e não daremos as costas à situação dos cristãos, que são, segundo muitos relatos, um dos grupos religiosos mais perseguidos do mundo (ARAÚJO, 2021, p. 589).

Nos trechos destacados, Araújo reforça o problema da perseguição aos cristãos, a minoria mais perseguida do mundo, segundo ele. Um fato grave que ocorre em países de maioria muçulmana, mas que também estaria ocorrendo no Ocidente - que na sua visão inclui o Brasil - e que ações devem ser tomadas para resolver a situação. Também inclui uma crítica ao distanciamento do Itamaraty com pautas populares. Ainda nesse tema, ele conclama uma ação conjunta dos países da América do Sul, estabelecendo umnexo entre o narcotráfico da região com essa intolerância religiosa do outro lado do globo. Também reforça o pedido de

Bolsonaro para que a comunidade internacional como um todo aja em favor da liberdade religiosa.

É possível concluir então que os discursos do então ministro se coadunam com os de Jair Bolsonaro, por apresentar o mesmo projeto de Estado-nação, mas também expandem o seu escopo de interpretação, ao tocar com profundidade em temas pertinentes à esfera da política exterior. Esse aspecto corrobora a ideia de que Araújo, por fazer parte da chamada ala ideológica do governo, edificou as bases do pensamento intelectual bolsonarista no que concerne aos assuntos internacionais.

Tendo esgotado o conjunto de discursos de Ernesto Araújo, passamos para o seu sucessor Carlos França, que ocupou a função de março de 2021 até o fim do mandato presidencial. Conforme feito com os demais, apresentamos o dendrograma de todos os discursos feitos por ele até o término do mandato de Jair Bolsonaro.

Figura 9 - Dendrograma dos discursos de Carlos França



Fonte: Elaboração própria com o uso do Iramuteq.

No caso do ministro Carlos França, foi obtido um resultado contrário daqueles identificados no Presidente Bolsonaro e do Ministro Araújo. Percebe-se que ele possui um discurso mais voltado para cooperação internacional, combate à pandemia de covid-19, obtenção de vacinas e comércio internacional, onde não aparece nenhum elemento de teor religioso. De fato, a palavra “Deus” aparece apenas duas vezes em todos os discursos, e em ambos o caso foi dentro da fala popular de “se Deus quiser” e nenhuma outro termo como “cristão”, “cristianismo” ou “religião” aparece.

Essa divergência pode ser explicada pelos motivos que levaram Carlos França a ascender ao cargo de chanceler, tendo em vista que o caráter ideológico do seu antecessor causou rugas com o Senado Federal principalmente no que envolvia a obtenção de vacinas para a covid-19, o que levou na sua queda e eventual troca de chefia no Itamaraty. Nesse contexto, Carlos França aparece com um aspecto muito mais pragmático e focado em resultados concretos para a política exterior do governo. Questões ideológicas, de identidade nacional ou do papel do Brasil no sistema internacional não eram sua preocupação.

3.4 Resultados obtidos

Tendo em vista a visualização dos dados textuais e a leitura dos discursos, retomamos os conceitos da Role Theory para averiguar como eles se aplicam ao governo Bolsonaro. A concepção de papel nacional defendida por Jair Bolsonaro e compartilhada por muitos de seus correligionários, especialmente o ex-chanceler Ernesto Araújo, é a de que o Brasil é um país ocidental e cristão, fundamentada no nacionalismo cristão, que defende uma ideia de “brasileiro de bem” devoto, honesto e trabalhador em oposição à corrupção, imoralidade, diversidade e irreligiosidade da esquerda. Dessa percepção, discorrem certas atribuições do Brasil no plano internacional, como a defesa da luta antiaborto, a proteção aos cristãos perseguidos, defesa do *homeschooling*, dentre outros valores associados ao conservadorismo cristão.

O status nacional do Brasil é a de um país sul-americano, emergente e em conformidade com a ordem internacional liberal, além de grande promotor do multilateralismo. Isso faz com que haja uma prescrição de papel do Outro na qual os demais países esperam que o Brasil cumpra com seus acordos internacionais e com sua posição diplomática histórica de defesa do multilateralismo e dos direitos humanos, promoção da justiça social e luta contra a desigualdade. A política externa preconizada no governo Bolsonaro vai no sentido contrário dessa prescrição, ao fazer uma crítica ao multilateralismo,

oposição à diversidade e manutenção de hierarquias de poder. A concepção adotada por Bolsonaro é fortemente religiosa, porém esse caráter se mostra ainda mais presente no caso do ministro Ernesto Araújo, que em apenas dois anos de gestão consolidou uma ideia de política externa intrinsecamente cristã. Araújo reforça muito a herança europeia e católica do Brasil, ressaltando assim sua posição como nação ocidental, o que não é muito bem trabalhada por Bolsonaro.

Entretanto, a performance de política externa não é sempre orientada pela NRC do nacionalismo cristão. A concepção depende muito da audiência para a qual se é realizado o discurso de política externa. No caso de reuniões de órgãos econômicos ou de organismos regionais, a presença da religião raramente se manifesta. Porém, para audiências mais amplas, como no âmbito da ONU ou quando um discurso, mesmo que em reunião internacional, seja voltado para o público doméstico, ou ainda em temas mais sensíveis, o componente cristão se manifesta intensamente. Esse apelo doméstico da política externa se dá principalmente para acenar à base de apoio e cabo eleitoral de Bolsonaro que é a população cristã, católica ou evangélica.

No caso do ministro Carlos França, a ausência da NRC cristã em sua gestão pode ser explicadas tanto pelo contexto que levaram à sua ascensão ao cargo quanto ao insulamento burocrático típico do Itamaraty, que detém certa autonomia nas decisões de política externa, protegendo-se das pressões políticas internas e das mudanças frequentes no cenário político (FARIA, 2012). Neste sentido, como Carlos França desde sua nomeação buscou passar a imagem de um diplomata de carreira padrão, ele se portou como tal, evitando os excessos ideológicos. A NRC adotada por ele é mais condizente com as prescrições de papel dadas pela comunidade internacional.

Com base nas categorias de análise previamente listadas, é possível identificar os elementos correspondentes no discurso populista e nacionalista cristão do governo Bolsonaro, como ilustra a tabela abaixo:

Tabela 4 - Categorias de análise de acordo com os discursos do Governo Bolsonaro

Categoria de análise	Significado
Valores	Defesa da vida, da família e da propriedade Defesa da liberdade com ênfase na liberdade religiosa

Objetivos	Favorecer a população local; proteger cristãos perseguidos; proteger a família tradicional; preservar a cultura nacional
Situação	Perseguição religiosa contra cristãos ('cristofobia'); liberação do aborto; liberdade sexual e de gênero; doutrinação ideológica nas escolas
Parcerias	Outros Estados cristãos com governos conservadores, como Hungria, Israel e os Estados Unidos de Donald Trump
Obstáculos	Estados socialistas como Venezuela e Nicarágua; ideologia de gênero; marxismo cultural e o globalismo
Ação política	Liberalismo econômico; restrições ao aborto e à comunidade LGBTQI+; medidas de proteção e refúgios a cristãos perseguidos; combater ideologias no ambiente escolar

Fonte: Elaboração própria, baseada nos conteúdos de Araújo (2020; 2021) e Bolsonaro (2019; 2020; 2021; 2022).

Concluimos este estudo de caso demonstrando que o governo de Bolsonaro exibiu todas as principais características do populismo de direita: nativismo, autoritarismo e populismo marcaram tanto a retórica quanto a prática durante seus quatro anos de mandato. A religião foi instrumentalizada politicamente para diversas finalidades – apoio parlamentar, captação eleitoral, formação de gabinete e construção de um discurso identitário. É evidente um viés de nacionalismo cristão na visão de mundo e na definição de agenda pelo alto escalão governamental, com discursos que reforçam a ideia de um Estado brasileiro intrinsecamente cristão, compelido a agir dessa forma tanto no plano doméstico quanto no internacional.

CAPÍTULO 4 - A HUNGRIA DE ORBÁN: ESTUDO DE CASO

Seguindo os mesmos procedimentos do capítulo anterior, o atual realiza um estudo de caso sobre o governo de Viktor Orbán na Hungria, no intervalo de tempo que vai de 2010 até 2022. Da mesma forma, iniciamos com um breve histórico, explicando como o primeiro-ministro ascendeu ao poder, passando então para as políticas adotadas pelo seu governo, com o intuito de realçar o caráter populista e religioso delas. Em seguida, analisamos os discursos selecionados para verificar como o nacionalismo cristão se faz presente na condução da política externa do governo húngaro.

4.1 Características populistas

Convém, antes de falar propriamente do governo de Viktor Orbán, fazer uma breve introdução sobre sua trajetória política e a de seu partido, o Fidesz. Nascido em 1963, Viktor Mihály Orbán desempenhou um papel significativo na mudança de regime da Hungria na década de 1990, por ser o representante mais jovem de uma geração inconformada com o regime comunista vigente. Em 1988 foi um dos fundadores do Fidesz²⁰, que começou como um partido liberal composto principalmente por jovens contrários ao regime comunista. Após as primeiras eleições livres em 1990, o Fidesz foi eleito para a Assembleia Nacional, tendo Orbán como um dos parlamentares, e atuou como parte da oposição liberal ao governo nacional-democrático. A partir de 1992, o partido mudou-se para a centro-direita, emergindo gradualmente como o líder do bloco de direita e oposição à coalizão socialista-liberal que governou por quatro anos até a vitória do Fidesz nas eleições de 1998. Durante o primeiro mandato de Orbán como primeiro-ministro, entre 1998 e 2002, o Fidesz tomou o papel de principal partido conservador nacional. Apesar disso, perdeu as eleições legislativas de 2002, resultando na formação de um novo governo socialista-liberal (BOCSKOR, 2018; MÁTÉ-TÓTH; RAKOVICS, 2023).

Ao longo de oito anos na oposição, Viktor Orbán reconfigurou o Fidesz em um partido de amplo alcance popular, mesclando retórica nacionalista com populismo, dando maior ênfase para questões sociais e preocupações cotidianas, embora mantendo uma definição excludente do povo com base em critérios de etnicidade. Simultaneamente, o governo socialista enfrentava um declínio no apoio popular devido a escândalos e a uma crise

²⁰ Acrônimo de *Fiatal Demokraták Szövetsége*, Aliança de Jovens Democratas.

econômica severa agravada pela crise financeira global de 2008. O Fidesz, sob Orbán, aproveitou essa conjuntura, promovendo uma campanha populista que prometia esperança e mudança, referindo-se a seus apoiadores como o "lado nacional/patriótico" e, por contraste, apontando os oponentes como "não-nacionalistas" ou "não-patrióticos". Isso tudo culminou na expressiva vitória eleitoral do Fidez em 2010, cujo bloco obteve uma maioria parlamentar de dois terços, a chamada *supermaioria*, capaz de aprovar grandes reformas sem impedimentos (BOCSKOR, 2018; VISNOVITZ; JENNE, 2021).

De volta ao poder como primeiro-ministro, Orbán fez uso da sua supermaioria, conquistada graças à coalizão com o partido democrata-cristão KDNP, para implementar grandes mudanças a nível constitucional no sistema político húngaro. A mais significativa delas foi a adoção de uma nova Lei Fundamental – isto é, a constituição – no país, cuja visão da Hungria se alinha com a visão ideológica do Fidesz. Entre 2010 e 2014, o governo Orbán alterou as principais leis que regulamentavam a estrutura jurídico-institucional húngara, incluindo aquelas relativas às eleições e à mídia. Instituições anteriormente independentes, como o Tribunal Constitucional, o Ministério Público, a Presidência da República, o Conselho de Comunicação Social e o Gabinete de Auditoria do Estado foram transformadas em órgãos subservientes à vontade do partido governante (KREKÓ; ENYEDI, 2018).

Durante seus mandatos subsequentes, o Fidesz seguiu uma estratégia institucional tripla: assumir o controle de instituições públicas pré-existentes; criar e apoiar grupos de comunicação e *think tanks* alinhados à direita; e promover a marginalização econômica de entidades consideradas de esquerda. Uma das primeiras ações foi consolidar o controle governamental sobre os meios de comunicação estatais, tanto em termos de conteúdo quanto de pessoal, o que posteriormente facilitou a expansão da influência das elites empresariais pró-governo no setor de mídia privado. Esse processo criou um cenário midiático altamente desequilibrado, com um forte domínio da direita (BOCSKOR, 2018).

Os resultados dessa estratégia institucional garantiram com que Orbán e o seu partido mantivessem um controle sobre os três poderes do Estado húngaro e também dominassem praticamente todas as esferas da vida pública, incluindo o comércio, a educação, as artes e as igrejas (KREKÓ; ENYEDI, 2018). Tais desenvolvimentos levaram muitos analistas a sugerir que a Hungria está em transição de uma democracia liberal para um regime autocrático. Orbán, em 2014, chegou a orgulhosamente descrever a Hungria como um "Estado iliberal", apresentando-o como uma alternativa ao "declínio" observado no Ocidente, atribuído ao politicamente correto, ao multiculturalismo e às políticas liberais de migração (BOCSKOR, 2018).

A política externa húngara também sofreu mudanças desde o retorno do Fidesz ao poder. A Lei Fundamental da Hungria estabelece que a chefia de Estado é exercida pelo presidente da república, cargo eleito indiretamente pelo parlamento para um mandato de cinco anos com possibilidade de uma única reeleição. Ao presidente competem as funções diplomáticas como a representação internacional do país, assinar tratados, indicar e receber embaixadores (HUNGRIA, 2012). Entretanto, Orbán aumentou o poder do gabinete do primeiro-ministro ao assumir importantes competências de política externa, fazendo o Ministério das Relações Exteriores responder diretamente a ele e transferindo algumas das principais pastas da chancelaria para o seu gabinete, incluindo assuntos relacionados à União Europeia (VISNOVITZ; JENNE, 2021).

Também foram realizadas grandes mudanças na composição do serviço diplomático húngaro. Após a nomeação de Peter Szijjártó, até então porta-voz pessoal de Viktor Orbán, como ministro das relações exteriores em 2014, muitos funcionários foram demitidos e embaixadores removidos, sendo subsequentemente substituídos por indivíduos leais ao partido. O argumento governista para justificar essas medidas foi o de que uma nova doutrina de política externa era necessária para assegurar uma Hungria independente e soberana, o que não seria possível com burocratas alheios à vontade popular, sendo preciso substituir diplomatas de carreira por nomeações políticas que dão prioridade aos interesses do povo (VISNOVITZ; JENNE, 2021).

Sob a liderança de Orbán, a Hungria deliberadamente se engajou em disputas diplomáticas significativas com parceiros ocidentais, marcando uma ruptura com a sua orientação tradicional pró-Occidente. Orbán encerrou a atividade do Fundo Monetário Internacional no país, o qual fora crucial durante a crise econômica, contestou a ONU sobre suas políticas de migração e passou a recorrer com frequência ao poder de veto dentro de organizações internacionais como forma de barganha política. Junto da Polônia, também governada por populistas de direita, ameaçou bloquear o orçamento da UE como forma de impedir um mecanismo de Estado de direito considerado indesejado por esses regimes, além de vetar declarações da UE considerados favoráveis à migração. Budapeste também começou a vetar resoluções ou decisões conjuntas da UE ou da OTAN consideradas prejudiciais para os seus novos aliados internacionais China, Rússia e Turquia. Em suma, Orbán passou a ter uma posição de clara desconfiança e hostilidade em relação a organizações multilaterais como a UE e a ONU, acionando estrategicamente os direitos de veto da Hungria para promover uma política externa combativa (VISNOVITZ; JENNE, 2021).

O principal inimigo da Hungria segundo a retórica orbanista é George Soros, bilionário e filantropo húngaro residente nos Estados Unidos e fundador da Open Society Foundations. Soros é apontado pela imprensa governista como financiador do afluxo de migrantes que destruirão o modo de vida húngaro, cristão e europeu, e descrito como o chefe de uma vasta conspiração que une ONGs, partidos da oposição, meios de comunicação críticos e organizações internacionais. Em vários países, incluindo outros no espaço pós-soviético, Soros tem sido tratado como um símbolo da imposição de uma agenda global de cunho liberal, mas somente na Hungria ele se tornou o inimigo público número um, sendo nominalmente citado em discursos oficiais e peças do governo (KREKÓ; ENYEDI, 2018).

Conforme pode-se perceber nos parágrafos anteriores, a questão da migração é um dos pontos centrais da retórica populista do governo Orbán. Apesar de raramente aparecer no discurso político húngaro pré-2015, a crise dos refugiados oriundos do Oriente Médio e norte da África desencadeou uma forte reação pelo governo do Fidesz e se tornou ponto central no antagonismo com a UE (BOCSKOR, 2018). Orbán chegou a afirmar que, caso a Europa Ocidental falhasse em proteger o continente, a Hungria assumiria a responsabilidade de proteger suas fronteiras, inclusive com a construção de cercas. Orbán posicionou a Hungria como o defensor da fronteira sul da zona Schengen – isto é, a área de livre trânsito europeu –, reforçando a histórica imagem do país como bastião da Europa, em referência às guerras contra o avanço otomano nos séculos XVI e XVII. Nessa narrativa, o primeiro-ministro não somente propõe medidas físicas para deter a migração, mas também estabelece uma distinção entre a soberania húngara e a solidariedade europeia, delineando assim um contraste entre a abordagem nacional e os valores regionais mais amplos (BODA; RAKOVICS, 2022).

Um elemento constante da retórica governista anti-imigração é como as palavras “refugiado” (*menekült*), “imigrante” (*bevándorló*) e “requerente de asilo” (*menedékkérő*), que geralmente expressam solidariedade, foram substituídas e aglutinadas pelo termo “migrante” (*migráns*), um estrangeirismo com conotações negativas (BOCSKOR, 2018; BODA; RAKOVICS, 2022). O governo evitou deliberadamente o termo “refugiado”, argumentando que aqueles que se deslocavam para além do “primeiro país seguro” já não estavam “fugindo para salvar as suas vidas” e, portanto, não se enquadram na definição de refugiados, mas sim de “migrantes econômicos”. Esse discurso intencionalmente confunde requerentes de asilo com migrantes econômicos, sem fazer distinção entre migração regular e irregular. Além disso, a mídia ocasionalmente veiculava reportagens sobre “fluxos incontrolláveis” de refugiados, em um esforço para influenciar a percepção pública sobre o tema (BOCSKOR, 2018, p. 558).

Boda e Rakovics (2022), em pesquisa que analisou os discursos de Orbán sobre migração entre 2010 e 2020, observaram uma evolução no vocabulário utilizado. Embora a menção à “imigração” fosse predominante até 2015, a partir de 2016, o termo “migração” passou a ser mais frequente em suas falas. A análise indica que, desde 2014, coincidindo com o início da crise de refugiados, o uso de “refugiado” aumentou, alcançando um pico em 2015, juntamente com “imigrante”. No entanto, em 2016, houve um declínio acentuado na referência a “refugiados” e “imigrantes”, enquanto “migrante” ganhou prevalência. Esse padrão sugere uma estratégia de comunicação intencional de Orbán, substituindo termos que evocam uma carga emocional pré-condicionada como “refugiado” pelo mais neutro “migrante”.

No estudo também foi observado a associação feita da questão migratória com Bruxelas e George Soros, entendidos nos discursos de Orbán como os responsáveis pela crise de refugiados, pressionando os países europeus a se tornarem sociedades multiculturais. O termo "cultura" ganha destaque nos discursos do primeiro-ministro a partir de 2015, aludindo à "cultura cristã húngara milenar" que está em risco de se desintegrar em função da chegada de estrangeiros. A ideia de "economia" também ocupou um espaço significativo na narrativa política de Viktor Orbán ao longo do período estudado. De acordo com o estadista, a batalha pela independência econômica travada pela Hungria até 2010 se tornou uma luta contra as consequências econômicas da migração (BODA; RAKOVICS, 2022).

Uma consulta nacional foi anunciada em fevereiro de 2015 para que a população decidisse quais políticas deveriam ser adotadas sobre a questão migratória. A ideia de consultas nacionais é um instrumento político que se tornou recorrente desde o retorno ao poder do Fidesz. O objetivo declarado de tais consultas é discutir assuntos importantes com o público, enviando questionários a todos os potenciais eleitores, que são então incentivados a preenchê-los e devolvê-los. Críticos, no entanto, apontam que os questionários são enviesados, contêm perguntas sugestivas e são utilizados para endossar decisões previamente estabelecidas pelo governo. Apesar dessas críticas, os resultados dessas consultas são frequentemente citados pela comunicação oficial do governo como base para a implementação de suas políticas (BOCSKOR, 2018).

A campanha anti-imigração da Hungria se fundamentou nos seguintes pontos: (1) a imigração e o terrorismo são inseparáveis; (2) o afluxo de imigrantes resulta em perda de postos de trabalho; (3) os imigrantes aumentam as taxas de criminalidade. Na consulta nacional de 2015, essa narrativa se aprofunda, estabelecendo uma ligação direta entre imigração e ameaças terroristas, transferindo características negativas, como brutalidade e

irracionalidade, dos terroristas para os imigrantes de forma generalizada. O questionário critica abertamente a União Europeia, rotulando-a de incompetente e vinculando a imigração à incapacidade da UE de prevenir ataques terroristas, como o ocorrido em Paris. Utiliza-se da metáfora da invasão para descrever o aumento dos pedidos de asilo, marcando os imigrantes como criminosos que abusam do direito internacional e do sistema de seguridade social húngaro, ao mesmo tempo em que ameaçam os empregos dos cidadãos locais. Essa retórica cria uma divisão clara entre *nós* (húngaros) e *eles* (imigrantes), atribuindo características negativas aos últimos enquanto implicitamente elogia as qualidades dos cidadãos húngaros (BOCSKOR, 2018).

Corroborando a crítica da oposição, as perguntas presentes na consulta nacional forneciam apenas o ponto de vista do governo e, na verdade, não ofereciam alternativas ao leitor. Os conceitos e a terminologia adotados no questionário, bem como a forma com que as perguntas foram formuladas, já continham as respostas de algumas das questões. Não obstante, os resultados da consulta nacional mostraram que a esmagadora maioria dos respondentes apoiou a posição do governo, mas foram respondidas apenas por 1.058.227 pessoas, cerca de 13% do eleitorado total (BOCSKOR, 2018).

Outro assunto que se tornou alvo do populismo de Viktor Orbán é o da população LGBTQI+. O primeiro-ministro e seus apoiadores por vezes afirmaram que as crianças húngaras devem ser protegidas do que chamam de "promoção da homossexualidade", reforçando a ideia de que esse grupo representa uma ameaça aos valores tradicionais. Essa visão culminou na aprovação de uma lei em junho de 2021 que impede a representação de pessoas LGBTQI+ em materiais educativos e de entretenimento destinados a menores. Em julho do mesmo ano, o governo propôs um referendo sobre o assunto, argumentando se tratar de uma questão de proteção infantil e que os húngaros deveriam expressar sua opinião sobre a "propaganda sexual" nas escolas. O referendo foi declarado inválido devido à baixa participação eleitoral (GERA, 2023).

Ao se referir à população LGBTQI+, Orbán estabelece uma divisão entre essa comunidade e a população em geral, utilizando o pronome "eles" que é sempre posto em oposição a "nós". A estratégia retórica também inclui o uso do termo "99 por cento" para denotar que esse grupo representaria uma minoria que deseja impor um estilo de vida contrário ao adotado pela maioria absoluta. Essa escolha de palavras ostraciza a comunidade LGBTQI+ do grupo interno, negando-os a qualidade de pertencer ao povo húngaro como os demais cidadãos. Tal abordagem também ecoa a narrativa anti-imigração do Fidesz, que opõe os cidadãos húngaros (*nós*) aos refugiados não-europeus (*os outros*). (GERA, 2023).

Em sua campanha anti-LGBTQI+, Orbán mobilizou a ideia de declínio do Ocidente, dessa vez ao associar a diversidade sexual e de gênero com um modo de vida incompatível que tenta ser normalizado e imposto pela Europa Ocidental. Ao integrar a oposição aos direitos LGBTQI+ em uma crítica mais ampla ao Ocidente, ele amplifica a percepção negativa sobre essa comunidade, inserindo-a em um quadro de referência que muitos de seus apoiadores já veem com suspeita ou hostilidade. Ele sugere que aceitar a diversidade é parte de uma agenda ocidental que visa subverter os valores tradicionais húngaros. Esse tipo de posição ressalta a construção de identidade da Hungria no plano regional como parte da Europa Central, que está tanto em oposição à Ocidental (liberal) e à Oriental (socialista) (GERA, 2023).

É relevante destacar que Viktor Orbán não limita sua retórica a retratar a comunidade LGBTQI+ apenas como uma ameaça à segurança das crianças. Ele estabelece uma conexão direta entre essas comunidades e os defensores de uma sociedade cosmopolita e aberta para a migração, sugerindo que agora existe um esforço conjunto para moldar a identidade das crianças. Ao fazer isso, ele alega que tanto a nação quanto as crianças estão sob ataque simultâneo, evocando um espectro mais amplo de temores e anseios na população e amplificando a urgência e a gravidade de sua mensagem. Dessa maneira, lutar contra a diversidade sexual e de gênero seria também defender o Estado nacional de ameaças externas (GERA, 2023).

Dessa forma, o elemento nativista do populismo de direita do governo Orbán se caracteriza por uma distinção do povo húngaro de *outros externos*, como imigrantes, quanto de *outros internos*, como as minorias sexuais e de gênero, ao mesmo tempo em que associa ambos os grupos a um projeto das elites para solapar a soberania da Hungria, essas que por sua vez são normalmente associados à figura da União Europeia ou de George Soros. Por meio da promoção de uma visão de uma nação húngara homogênea, ancorada em valores étnicos, religiosos e culturais específicos, o líder do Fidesz redefine as fronteiras do que constitui a *nação*, excluindo assim qualquer forma de não-natividade, o que contribuiu para as atitudes hostis tanto em relação aos estrangeiros como aos outros internos, por exemplo o povo Romani, pejorativamente chamados de ciganos, que são frequentemente retratados como criminosos por parte da mídia e de setores da sociedade civil (BOCSKOR, 2018).

4.2 Uso político da religião

Orbán tem feito da religião um tema cada vez mais central para o Fidesz desde 2010, apontando o partido como um defensor da democracia cristã em oposição à democracia liberal. Pessoalmente, Orbán é um protestante calvinista em um país onde cerca de 50% da população se considera católica, seguido de perto por aqueles sem religião, com cerca de 45%. Ainda assim, ele apoia publicamente o catolicismo, especialmente os seus elementos mais conservadores (SIGURDSON, 2023). Para Orbán o cristianismo é uma característica civilizacional, não apenas marcando a identidade comum da Hungria, mas da Europa como um todo. As políticas públicas de Orbán e o seu cristianismo são fundamentalmente de construção nacional, ou seja, de promoção do nacionalismo cristão (MÁTÉ-TÓTH; RAKOVICS, 2023).

A Lei Fundamental da Hungria, elaborada em 2011 pela Assembleia Nacional controlada pelo Fidesz, em seu preâmbulo já afirma o caráter cristão da nação húngara. Ela louva a fundação do país pelo rei Santo Estevão, que a fez parte da Europa cristã, e reconhece o papel do cristianismo para a preservação da nacionalidade magiar. Também afirma a necessidade permanente de “renovação espiritual e intelectual” face ao que chama de “estado de decadência moral” ocorrido durante o século XX (HUNGRIA, 2012, p. 3). Uma disposição da sétima emenda constitucional ainda versa que “a proteção da identidade constitucional e da cultura cristã da Hungria será uma obrigação de todos os órgãos estatais”²¹ (HUNGRIA, 2012, p. 6).

O texto constitucional faz uma associação direta entre a identidade húngara e a cultura cristã, portanto é uma disposição que trata do nacionalismo e não da religião. Ocorre assim uma descrição da nação e do seu povo, limitando este último àqueles com herança cristã. Isso está de acordo com o preceito do nacionalismo cristão de que o Estado é e deve continuar a ser cristão. Definir a identidade húngara como cristã estreita o leque de pessoas que podem reconhecer-se como pertencentes a ela. Esse movimento gera a exclusão daqueles que não partilham da identidade hegemônica. Por essa lógica, as populações de herança húngara fora da Hungria ainda podem ser consideradas pertencentes ao grupo nacional com base em uma lógica de identidade étnica e religiosa, enquanto os cidadãos não-étnicos do Estado húngaro ainda são vistos como externos ao grupo nacional (SIGURDSON, 2023).

Lamour (2021) considera o cristianismo como um ponto nodal do discurso populista de direita de Viktor Orbán, pois é, primeiramente, um elemento central para moldar um antagonismo do grupo interno contra o grupo externo; também serve para sustentar os pilares

²¹ Tradução livre. Do original: *The protection of the constitutional identity and Christian culture of Hungary shall be an obligation of every organ of the State.*

de populismo, nativismo e autoritarismo; e por último é um componente chave para organizar a luta pela hegemonia do conceito de cristão na esfera pública. No entanto, essa abordagem religiosa é feita por meio de um ajuste estratégico, tendo em vista o processo de secularização no próprio país e na Europa em geral, o que significa o declínio da fé cristã. Consequentemente, o primeiro-ministro prefere usar o cristianismo como pano de fundo cultural em vez de marcador de fé para fundamentar a sua argumentação.

O populismo religioso articulado por Viktor Orbán não se limita ao tradicional confronto entre o povo e as elites, mas se expande para um âmbito internacional, onde ele posiciona seu discurso de nacionalismo cristão para envolver uma oposição entre um grupo interno europeu e um grupo externo vinculado ao Ocidente e às autoridades da UE, esses associados a uma elite transnacional que age contrariamente aos interesses dos povos europeu, cristão e húngaro. Orbán identifica migrantes e muçulmanos como antagonistas externos, enquanto critica os detentores do poder em Bruxelas por falharem em proteger o modo de vida europeu cristão (LAMOUR, 2021).

As menções ao cristianismo no horizonte discursivo do primeiro-ministro ocorrem principalmente em contextos de ameaça e defesa, mobilizando termos de cunho religioso para criar uma relação negatividade e antagonismo. Com isso ele delinea uma variedade de entidades que constituem o *nós* - incluindo partidos cristãos, húngaros, europeus e pessoas cristãs - em oposição aos *eles*, que abrangem partidos de esquerda e liberais, autoridades europeias, migrantes, ONGs, muçulmanos, intelectuais e meios de comunicação. Novamente, George Soros aparece como personificação dessa elite transnacional, e é sempre colocado em oposição à identidade cultural cristã preconizada por Orbán (LAMOUR, 2021).

A tendência crescente de secularização na Europa fez com que a centro-direita tradicional se afastasse de suas raízes e princípios ideológicos cristãos. Esse distanciamento criou um vácuo ideológico, o qual foi prontamente ocupado pelo discurso nacionalista cristão do Fidesz, mais alinhado com a direita populista, que assumiu uma posição de destaque e influência na definição do que significa ser cristão no âmbito político. Em um contexto onde o secularismo avança e questiona o papel das tradições e valores cristãos na sociedade contemporânea, Orbán e seu partido se posicionam como os guardiões desses valores, reivindicando para si a autoridade de definir e representar a identidade cristã na política, um movimento que não apenas lhes confere uma hegemonia na articulação dessa identidade, mas também lhes permite pautar o debate político e cultural (LAMOUR, 2021).

A seara onde os valores cristãos foram mais traduzidos em políticas públicas pelo Fidesz é a da família. Sob a liderança de Orbán, a identidade cristã da Hungria foi

complementada pela consagração dos direitos da família na constituição húngara. Esse ato visou assegurar a proteção da família, considerada pelo regime uma unidade fundamental e sagrada da sociedade, contra possíveis decisões judiciais adversas. Nesse contexto, o governo implementou diversas medidas para fornecer apoio econômico às famílias e incentivar um aumento na taxa de natalidade. As famílias beneficiam-se de incentivos fiscais, ampliação do acesso a creches, extensão das licenças-maternidade remuneradas, além de subsídios destinados a jovens casais para aquisição de moradias e veículos adequados para famílias grandes. Outra iniciativa é a oferta de um empréstimo para mães de primeira viagem, que é completamente perdoado após o nascimento do terceiro filho. Adicionalmente, mães de quatro ou mais filhos são isentas do imposto de renda pessoal vitaliciamente. Essas políticas são defendidas como estratégias para sustentar o crescimento populacional da nação sem depender da imigração, diferentemente do que é observado em outros países europeus (SIGURDSON, 2023).

A política familiar também se manifesta na forma de restrições. O aborto, apesar de legal na Hungria até a décima segunda semana, tem sido gradativamente restringido ou dificultado pelo governo Fidesz. Uma emenda constitucional garantiu o direito à vida desde a concepção, dando abertura para a legislação antiaborto. Mulheres que desejam abortar devem participar de duas reuniões obrigatórias com um serviço estatal. A primeira é para informá-las sobre alternativas, como adoção, a segunda tem por finalidade alertá-las sobre os perigos da cirurgia. Em 2022, foi aprovada uma lei polêmica que obriga mulheres a ouvir os batimentos cardíacos do feto antes de decidir seguir com o procedimento. Somado a isso, a fila para realizar a cirurgia é longa e demorada, o que faz muitas mulheres húngaras se deslocarem a um país vizinho para conseguir abortar (RUTAI, 2023).

Outra restrição é relativa às uniões fora do padrão heteronormativo. A definição do casamento como sendo exclusivamente heterossexual está consagrado na Lei Fundamental, que dá grande ênfase ao gênero com base no sexo biológico ao afirmar “a mãe será uma mulher, o pai será um homem”²² (HUNGRIA, 2012, p. 5). Uniões homossexuais não são reconhecidas como casamento e são categorizadas como outra forma de coabitação (GERA, 2023). A Lei Fundamental também estabelece o direito das crianças de terem sua identidade correspondente ao sexo atribuído ao nascer e de que elas tenham uma formação conforme os valores cristãos do país (HUNGRIA, 2012).

²² Tradução livre. Do original: *The mother shall be a woman, the father shall be a man.*

A questão da liberdade religiosa e proteção aos cristãos perseguidos se tornou prioridade do governo Orbán. Em 2016, foi criada a Subsecretaria de Estado para a Ajuda aos Cristãos Perseguidos, que em 2018 se tornou uma secretaria autônoma, com o objetivo de fornecer apoio direto às comunidades cristãs perseguidas, com foco no Oriente Médio e África subsaariana, e de aumentar a conscientização pública doméstica e internacional sobre a situação, alegando a escala da perseguição cristã. Em 2017 também foi fundado o programa Hungary Helps, uma iniciativa governamental que providencia auxílio à cristãos perseguidos e vítimas de catástrofes humanitárias. Essa assistência é feita diretamente nos locais afetados, no intuito de erradicar as causas da migração (HUNGRIA, 2019).

Em suma, o nacionalismo cristão age como um catalisador do populismo de direita de Orbán e seu partido. Nas palavras do primeiro-ministro, reforçar o que ele chama de democracia cristã é a forma de defender a vontade do povo contra a elite corrupta e antipatriótica, além de agir em prol da homogeneidade cultural e étnica. Ele também pontuou sobre como “a democracia cristã não é liberal. A democracia liberal é liberal, enquanto a democracia cristã não é, por definição, liberal: é, se quiser, iliberal”²³ (SIGURDSON, 2023, p. 11). Democracia cristã neste contexto deve ser entendida como sinônimo de direita, implicando uma ligação com as tendências políticas conservadoras. Esse termo é frequentemente utilizado por Orbán para definir sua ideologia, reforçando um significado hegemônico do posicionamento cristão na política, em detrimento dos partidos democratas-cristãos tradicionais da Europa (MÁTÉ-TÓTH; RAKOVICS, 2023).

4.3 Análise dos discursos

Para a análise do caso húngaro, foram selecionados todos os discursos de política externa proferidos pelo primeiro-ministro Viktor Orbán de 2010 até 2022. Por fazer parte da União Europeia e também por toda a dinâmica regional, o volume de discursos que citam relações exteriores é bem maior do que para o Brasil. Além disso, o fato do Fidesz estar no poder há mais de 12 anos contribuiu para um corpus textual muito maior por parte do governo Orbán. Os resultados obtidos se encontram a seguir, começando pela nuvem de palavras que destaca os termos mais utilizados nos total. Destaque para *Christian* que aparece 200 vezes, *family* que aparece 232 vezes e *migration* que aparece 250 vezes, indicando alguns dos principais pontos da política externa do governo húngaro.

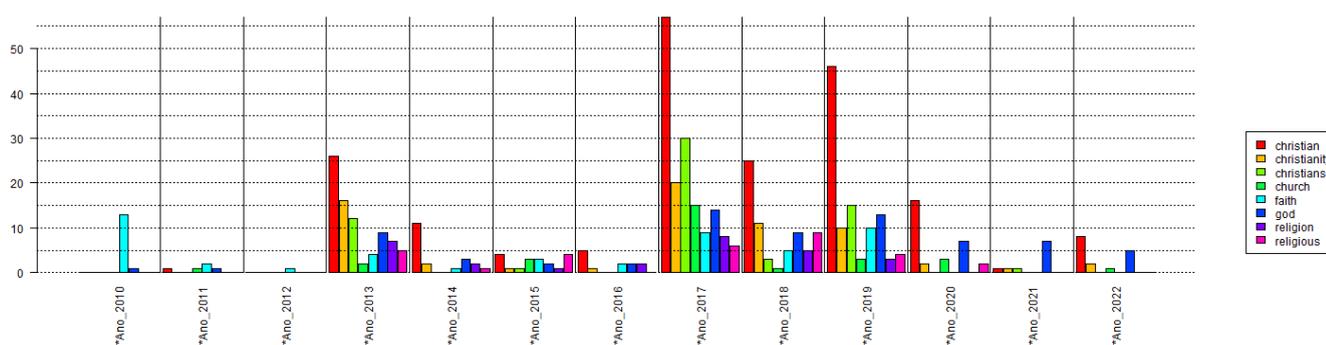
²³ Tradução livre. Do original: *Christian democracy is not liberal. Liberal democracy is liberal, while Christian democracy is, by definition, not liberal: it is, if you like, iliberal.*

TOTAL	539
--------------	-----

Fonte: elaboração própria, com base nos dados de Orbán (2010-2022).

539 recorrências em 12 anos de governo, uma frequência proporcionalmente bem menor do que nos discursos de Ernesto Araújo. Isso leva a crer que o emprego discursivo da religião em política externa é aplicado em contextos específicos. Devido a isso e também à larga extensão temporal do governo Orbán, cujos dados perpassam mais de uma década de discursos públicos, torna-se relevante averiguar com que frequência o uso de termos religiosos se alterou ao longo desse período. O gráfico abaixo ilustra esse ponto:

Figura 11 - Frequência do uso de termos religioso ao longo dos anos nos discursos de Viktor Orbán

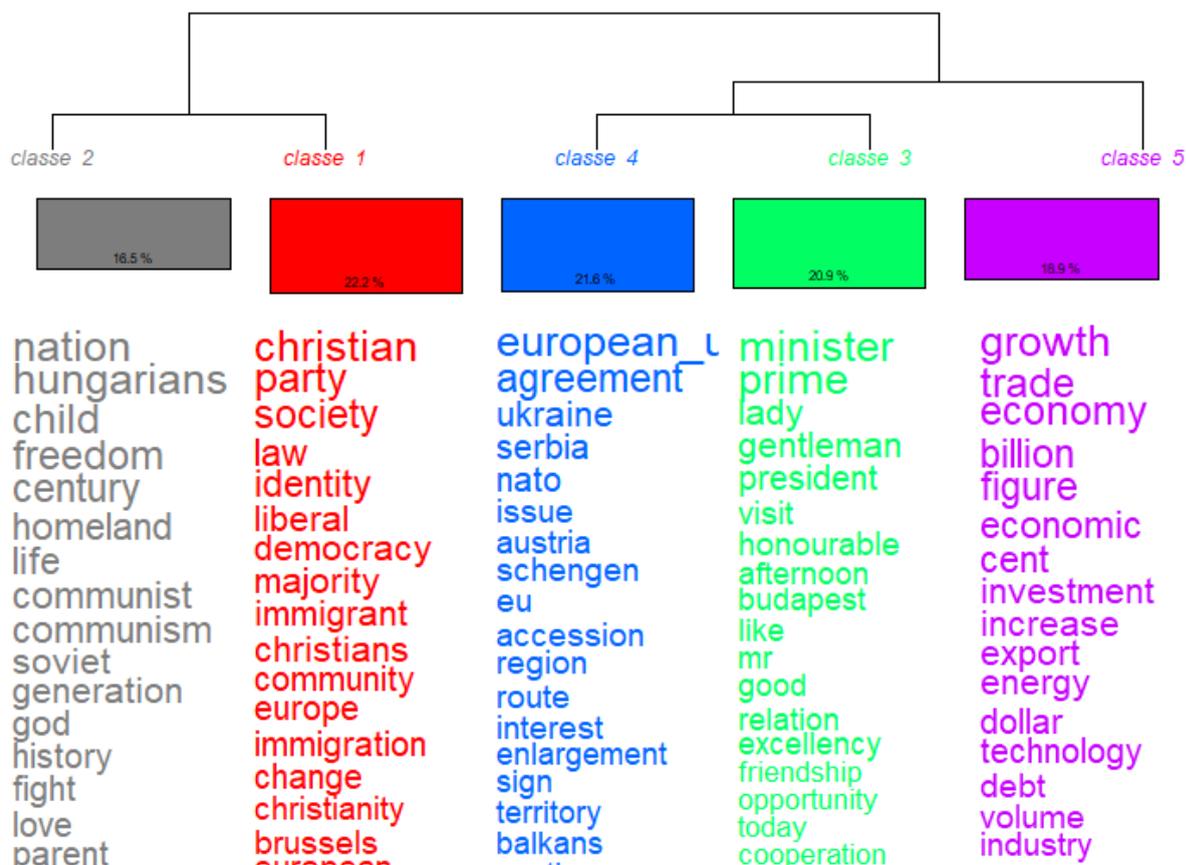


Fonte: Elaboração própria com o uso do Iramuteq.

Com base no gráfico, é perceptível que a frequência de termos de caráter religioso nos discursos de Viktor Orbán aumentou gradativamente a partir de 2017 e também, principalmente, depois de 2019, notadamente os anos em que, respectivamente, Donald Trump e Jair Bolsonaro ascenderam ao poder, o que pode significar uma ampliação do caráter religioso do discurso político, alinhando-se com tendências observadas em outros governos populistas de direita ao redor do mundo.

A relação entre os termos empregados dentro do arcabouço discursivo fica mais evidente quando vistos dentro das famílias e classes da análise textual, conforme o dendrograma a seguir.

Figura 12 - Dendrograma dos discursos de Viktor Orbán



Fonte: Elaboração própria com o uso do Iramuteq.

Assim como identificado nos discursos de Bolsonaro e Ernesto Araújo, a análise textual dos discursos de Orbán também demonstram uma íntima relação entre termos de cunho religioso como *God*, *Christian(s)* e *christianity* com a identidade nacional húngara, representada por termos como *homeland*, *hungarians*, *identity* e *nation*. Também se identifica uma oposição desses termos com aqueles que são vistos pelo estadista como ameaças que o país sofre no plano internacional, tais como *immigrants*, *Brussels*, *communism* e *liberal*. Isso fica ainda mais evidente no gráfico de dispersão.

quarto eixo trata das relações comerciais e econômicas do país no contexto do capitalismo globalizado.

Assim como feito anteriormente, vamos demonstrar por partes como os recursos discursivos são mobilizados pelo primeiro-ministro para atribuir à Hungria uma concepção de papel nacional inspirada no nacionalismo cristão. Em primeiro lugar, temos discursos de caráter doméstico em que o premiê reafirma a identidade da Hungria como a de uma nação cristã. Em um segundo momento, temos aqui discursos no contexto das relações com outros países e com a UE em que essa identidade e seus respectivos valores são reafirmadas no plano internacional. Terceiro, as atribuições práticas dessa identidade, em especial a proteção aos cristãos perseguidos em outros países pelo mundo. Depois temos a indicação de quais são os obstáculos que o país enfrenta, ou seja seus adversários, notadamente comunismo, marxismo e outras ideologias que são interpretadas como contrárias ao cristianismo.

Somos países cristãos e, portanto, sabemos quais imperativos morais surgem de nossos princípios²⁴ (ORBÁN, 2016, s. p.).

Mas, senhoras e senhores, realmente temos algo a defender: a coexistência das nações livres, cristãs e independentes da Europa; raízes compartilhadas, valores compartilhados, história compartilhada, interdependência geográfica e geopolítica; igualdade entre os sexos; liberdade e responsabilidade; concorrência justa e solidariedade; orgulho e humildade; justiça e misericórdia. Nós somos essas coisas: esta é a Europa. A Europa é Hellas, não a Pérsia; É Roma, não Cartago; é o cristianismo, não um califado²⁵ (ORBÁN, 2016, s. p.).

Para nós, a Europa é um continente cristão, e é assim que queremos mantê-la²⁶ (ORBÁN, 2017, s. p.).

Acredito que nós, húngaros, temos um futuro se permanecermos húngaros: se cultivamos a língua húngara, defendemos nossa cultura cristã e húngara e preservarmos a independência e a liberdade húngara²⁷ (ORBÁN, 2018, s. p.).

Ao afirmar que a Hungria é um país cristão em essência, Orbán expande esse entendimento para todo continente europeu. Em sua visão, a Europa tem como fundação o

²⁴ Tradução livre. Do original: *We are Christian countries, and so we know what moral imperatives spring from our principles.*

²⁵ Tradução livre. Do original: *But, Ladies and Gentlemen, we really do have something to defend: the co-existence of Europe's free, Christian and independent nations; shared roots, shared values, shared history, geographical and geopolitical interdependence; equality between the sexes; freedom and responsibility; fair competition and solidarity; pride and humility; justice and mercy. We are these things: this is Europe. Europe is Hellas, not Persia; it is Rome, not Carthage; it is Christianity, not a caliphate.*

²⁶ Tradução livre. Do original: *For us, Europe is a Christian continent, and this is how we want to keep it.*

²⁷ Tradução livre. Do original: *I believe that we Hungarians have a future if we remain Hungarian: if we cultivate the Hungarian language, defend our Christian and Hungarian culture, and preserve independence and Hungarian freedom.*

cristianismo, o que a distingue de outras civilizações e prescreve uma série de valores compartilhados e imperativos morais que devem ser seguidos pelos países da região. Também defende que a preservação desse caráter cristão é fundamental para a sobrevivência da Europa, como é possível ver abaixo:

Caro Congresso, a esquerda tem um plano de ação claro para transformar a Europa. Eles querem deixar milhões de muçulmanos entrarem. Eles querem deixar de lado a subsidiariedade. Eles querem forçar regras burocráticas em nossos mercados de trabalho. Eles querem aumentar impostos e, finalmente, os socialistas querem construir o socialismo na Europa. Isso seria fatal para a Europa. Perderíamos nossa identidade cristã, perderíamos nossa competitividade e perderíamos a esperança do pleno emprego²⁸ (ORBÁN, 2017, s. p.).

Eles querem que adotemos suas políticas: as políticas que os tornaram países imigrantes e que abriram caminho para o declínio da cultura cristã e a expansão do Islã (...) devemos claramente declarar que estamos em solidariedade com os europeus ocidentais e líderes que querem salvar suas pátrias e cultura cristã, e não temos solidariedade com aqueles que querem abandonar essas coisas²⁹ (ORBÁN, 2018, s. p.).

Também concordamos que em nossa prioridade do continente deve ser dada à cultura europeia com base nos valores cristãos. E concordamos que as fronteiras da Europa devem ser defendidas contra a invasão de migrantes; E não apenas falamos sobre isso, mas também tomamos medidas³⁰ (ORBÁN, 2019, s. p.).

Nos três trechos acima, os dois primeiros no discurso de estado da nação perante a Assembleia Nacional e o terceiro em uma reunião com Matteo Salvini, líder populista de direita italiano, Viktor Orbán expressa como as ondas de imigrações para o continente, particularmente de migrantes muçulmanos, é consequência de um projeto político de esquerda que terá como resultado a perda da identidade cristã da Europa. Ele defende então que ações sejam tomadas para coibir a chegada de mais refugiados.

Há muitos de nós na Europa que aderem ao conceito cristão de família. Não estamos dizendo que outras formas de coabitação não são possíveis; No entanto, temos que dizer que na Europa cristã a família é a união entre um homem e uma mulher. A maioria das pessoas na Europa respeita a família e não deseja aceitar a

²⁸ Tradução livre. Do original: *Dear Congress, the left-wing has a clear action plan to transform Europe. They want to let millions of Muslims in. They want to put aside subsidiarity. They want to force bureaucratic rules on our labour markets. They want to raise taxes, and ultimately, Socialists want to build socialism in Europe. This would be fatal for Europe. We would lose our Christian identity, lose our competitiveness, and lose the hope of full employment.*

²⁹ Tradução livre. Do original: *They want us to adopt their policies: the policies that made them immigrant countries and that opened the way for the decline of Christian culture and the expansion of Islam (...) We must clearly state that we stand in solidarity with those Western Europeans and leaders who want to save their homelands and Christian culture, and we have no solidarity with those who want to abandon those thing.*

³⁰ Tradução livre. Do original: *We also agreed that in our continent priority must be given to European culture based on Christian values. And we agree that Europe's borders must be defended against the migrant invasion; and we don't just talk about this, but we also take action.*

relativização ou expansão do conceito de família, que eu também apoio, que, como tal, diminui em significância e é por vezes ridicularizada. É também por isso que endossamos uma lei especial sobre a proteção das famílias na Hungria³¹ (ORBÁN, 2014, s. p.).

O fato é que homens e mulheres devem ser tratados igualmente, e é fácil para nós, porque é o nosso princípio. A única dificuldade é usar o termo "gênero" porque nós, cristãos, consideramos o gênero como uma expressão ideologicamente motivada cujo significado não é esclarecido. Você sabe, às vezes é algo entre homem e mulher. Portanto, não gostaríamos de misturar disputa ideológica com o forte compromisso de igualdade entre homens e mulheres. Portanto, sempre propomos, em vez de dizer igualdade de gênero, usar igualdade entre homens e mulheres. Mas é sempre rejeitado. Eles não gostam da abordagem cristã³² (ORBÁN, 2021, s. p.).

A questão da família no arranjo tradicional, assim como no governo Bolsonaro, é também entendida como algo de profunda importância para o governo da Hungria. No segundo discurso acima, realizado após negociações no Conselho Europeu, Viktor Orbán expressa como os valores cristãos orientam a política externa húngara em questões de gênero. Ele chega inclusive a afirmar que a União Europeia “não gosta da abordagem cristã” (2021, s.p.) ao se referir à forma com que as propostas do seu país são rejeitadas pelos demais membros da instituição.

Hoje não desejo falar sobre a perseguição aos cristãos na Europa. A perseguição aos cristãos na Europa opera com métodos sofisticados e refinados de natureza intelectual. É sem dúvida injusto, é discriminatório, às vezes é até doloroso; mas, embora tenha impactos negativos, é tolerável. Não pode ser comparado à brutal perseguição física que nossos irmãos e irmãs cristãos têm que suportar na África e no Oriente Médio³³ (ORBÁN, 2017, s. p.).

Decidimos fazer todo o possível para ajudar nossos irmãos e irmãs cristãos fora da Europa que são forçados a viver sob perseguição. (...) Nossa visão é que a melhor maneira de ajudar é canalizar recursos diretamente para as igrejas de comunidades

³¹ Tradução livre. Do original: *There are many of us in Europe that adhere to the Christian concept of the family. We are not saying that other forms of co-habitation are not possible; however, we have to say that in Christian Europe the family is the union between a man and a woman. The majority of people in Europe respect the family and do not want to accept the relativisation, expansion of the concept of family, which I too support, which, as such, diminishes in significance and is even mocked at times. This is also why we endorsed a special law on the protection of families in Hungary.*

³² Tradução livre. Do original: *The fact is that men and women should be treated equally, and it is easy for us because it is our principle. The only difficulty is to use the term 'gender' because we, Christians consider gender as an ideological motivated expression which meaning is not clarified at all. You know, it is sometimes something between man and woman. So we would not like to be mixed up ideological dispute with the strong commitment equality between men and women. So we always propose instead of saying gender equality to use equality men and women. But it is always rejected. They don't like the Christian approach.*

³³ Tradução livre. Do original: *Today I do not wish to talk about the persecution of Christians in Europe. The persecution of Christians in Europe operates with sophisticated and refined methods of an intellectual nature. It is undoubtedly unfair, it is discriminatory, sometimes it is even painful; but although it has negative impacts, it is tolerable. It cannot be compared to the brutal physical persecution which our Christian brothers and sisters have to endure in Africa and the Middle East.*

perseguidas (...) e, como somos cristãos, ajudamos as igrejas cristãs e canalizamos esses recursos para eles³⁴ (ORBÁN, 2017, s. p.).

E nenhum de nós está disposto a aceitar a hipocrisia da política moderna, que negligencia o fato de que o cristianismo é a religião mais perseguida em todo o mundo. Estamos determinados a trabalhar juntos para ajudar as comunidades cristãs necessitadas onde quer que elas estejam no mundo³⁵ (ORBÁN, 2019, s. p.).

Os fatos são amplamente conhecidos: em todo o mundo, dos perseguidos por sua religião quatro em cada cinco são cristãos; Somente em 2018, 245 milhões de cristãos sofreram perseguição; 4.300 cristãos foram mortos por causa de sua fé e essas são as pessoas que conhecemos; 1.847 igrejas cristãs e outras instituições cristãs foram atacadas. No entanto, a Europa está em silêncio³⁶ (ORBÁN, 2019, s. p.).

A questão da perseguição sofrida por cristãos pelo mundo é tema central da política externa do governo Orbán, tendo ganhado mais destaque a partir de 2017. Conforme exposto acima, o líder do Fidesz alega se tratar de um problema negligenciado pela política hipócrita da Europa moderna, afirma categoricamente que o cristianismo é a religião mais perseguida do mundo, e clama a comunidade internacional a tomar medidas práticas para isso, como por exemplo canalizar recursos para as igrejas diretamente afetadas.

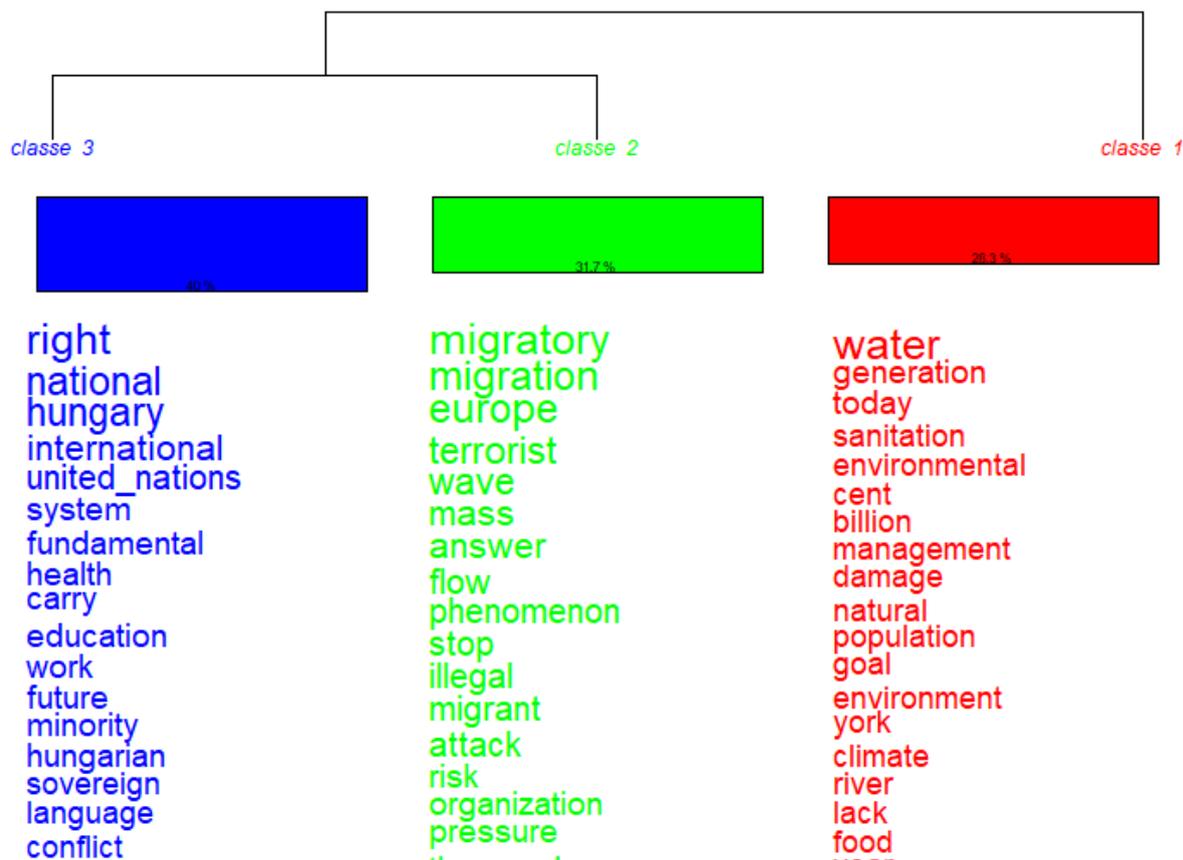
Para os discursos dos respectivos presidentes e ministros de relações exteriores os dados eram escassos, mesmo na língua original. Foram obtidos somente os discursos realizados no plenário da Assembleia Geral da ONU e optou-se então por agrupar todos no mesmo corpus, de forma a identificar como a Hungria se projeta para o sistema internacional como um todo para além da visão pessoal de Viktor Orbán. Os resultados são apresentados a seguir:

³⁴ Tradução livre. Do original: *We have decided to do all we can to help our Christian brothers and sisters outside Europe who are forced to live under persecution. (...) Our view is that the best way to help is to channel resources directly to the churches of persecuted communities (...) And as we are Christians, we help Christian churches and channel these resources to them.*

³⁵ Tradução livre. Do original: *And neither of us is willing to accept the hypocrisy of modern politics, which neglects the fact that Christianity is the most persecuted religion globally. We are determined to work together to help Christian communities in need wherever they live in the world.*

³⁶ Tradução livre. Do original: *The facts are widely known: around the world, of those persecuted for their religion four out of five are Christian; in 2018 alone, 245 million Christians suffered persecution; 4,300 Christians were killed because of their faith and these are the people we know about; 1,847 Christian churches and other Christian institutions were attacked. Yet Europe is silent.*

Figura 14 - Dendrograma dos discursos da missão permanente da Hungria na Assembleia Geral da ONU



Fonte: Elaboração própria com o uso do Iramuteq.

Ao contrário do aparato discursivo utilizado por Orbán, os presidentes e ministros de relações exteriores da Hungria em seus discursos nas Nações Unidas dão muito menos importância ao caráter identitário da religião. O termo *God* sequer aparece. Porém, questões caras ao nacionalismo cristão ainda se fizeram presentes, ainda que com menor intensidade, como se observa nos trechos abaixo:

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para informar a Assembleia que o Governo húngaro criou um secretariado de Estado que monitoriza a posição das comunidades cristãs em todo o mundo, determina se estão a ser perseguidas e organiza ajuda para essas comunidades sempre que necessário. Ao fazê-lo, esperamos evitar que crimes cometidos contra comunidades cristãs fiquem impunes³⁷ (HUNGRIA, 2016, s. p.).

³⁷ Tradução livre. Do original: *I would like to take this opportunity to inform the Assembly that the Hungarian Government has established a State secretariat that monitors the position of Christian communities all over the world, determines whether they are being persecuted and organizes help for those communities whenever necessary. By doing so, we hope to prevent crimes committed against Christian communities from going unpunished.*

Mas é claro que, como somos um país cristão, aceitamos a nossa responsabilidade de ajudar os necessitados. O princípio da Hungria é fornecer ajuda quando for necessário, e é por isso que ajudamos e assistimos as comunidades cristãs no Oriente Médio para que possam ficar ou regressar quando os conflitos terminarem.³⁸ (HUNGRIA, 2017, s. p.).

Temos orgulho de ser uma nação com uma forte herança cristã. Estamos orgulhosos do papel do Cristianismo na criação e manutenção do nosso Estado. E temos orgulho de sermos verdadeiros patriotas, para quem a Hungria está em primeiro lugar e para quem o interesse nacional serve de bússola (...) Através deste programa de ajuda às comunidades cristãs, queremos chamar a atenção da comunidade internacional para o fato que o Cristianismo é a religião mais perseguida em todo o mundo³⁹ (HUNGRIA, 2019, s. p.).

Logo, apesar do teor e da frequência serem bem menores em comparação com o primeiro-ministro, o serviço exterior da Hungria ainda frisa a identidade do país como sendo cristã, e com isso dotada do dever de proteger cristãos que sofrem perseguição religiosa ao redor do globo. Cabe ressaltar que a questão da migração aparece como uma problemática central nos discursos da delegação húngara, assim como é com o próprio Orbán, porém de forma menos ideologizada.

4.4 Resultados obtidos

Após a análise dos dados textuais, retomamos os conceitos da RT para averiguar como eles se aplicam ao governo Orbán. O primeiro-ministro e seus co-partidários atribuem à Hungria a concepção de papel nacional de um Estado centro-europeu e de tradição cristã. Essa NRC é oriunda de uma visão populista de direita atrelada ao nacionalismo cristão que enxerga na herança cristã da região as raízes do verdadeiro povo húngaro, que deve ser defendido no âmbito público, incluindo nas relações exteriores. O status nacional da Hungria é a de um pequeno país pós-soviético localizado na Europa Central, membro pleno da UE e OTAN. É dessa participação em organizações internacionais que surgem as principais prescrições de papel pelo Outro que conflitam com a NRC, tendo em vista que as iniciativas e decisões da UE estão diversas vezes em desacordo com os objetivos políticos de Orbán.

³⁸ Tradução livre. Do original: *But of course, as we are a Christian country, we accept our responsibility to help those in need. Hungary's principle is to provide help when it is needed, and that is why we help and assist Christian communities in the Middle East so that they can stay or return once conflicts are over.*

³⁹ Tradução livre. Do original: *We are proud to be a nation with a strong Christian heritage. We are proud of Christianity's role in creating and maintaining our statehood. And we are proud to be true patriots, for whom Hungary comes first and for whom the national interest serves as a compass (...) Through this programme of helping Christian communities, we wish to draw the attention of the international community to the fact that Christianity is the most persecuted religion the world over.*

Em virtude desse conflito de ideias sobre o papel da Hungria no plano internacional, a NRC não se manifesta em todos os momentos de política exterior, mas sim naqueles em que for mais necessário para a defesa dos valores atrelados ao nacionalismo cristão. Dessa forma, em muitos encontros bilaterais ou em reuniões multilaterais não há menções específicas ao cristianismo ou a questões atreladas à religião. Assuntos militares ou econômicos raramente possuem menções ao nacionalismo cristão, mas em assuntos que envolvem gênero ou migração o elemento religioso fica mais evidente. Nesses casos, há uma clara construção discursiva dos adversários por meio do emprego da religião, esses por sua vez estão em oposição ao projeto orbanista de nação.

Portanto, a performance de política externa varia em função do tema abordado, mas nos casos em que a NRC do nacionalismo cristão se manifesta mais fortemente, a performance é orientada por ela. Isso ocorre na forma de salvaguardar a identidade e valores cristãos do povo húngaro frente à ameaças externas bem como proteger os demais cristãos do mundo de ameaças similares. Um dos principais recursos utilizados pela Hungria para garantir isso é a oposição vocal e o uso do poder de veto no âmbito da UE. Imigração, diversidade sexual e de gênero e demais ideias progressistas não seriam apenas problemas de segurança pública ou seguridade social para a população, mas principalmente problemas de segurança ontológica para a Hungria e todo o continente europeu. A chegada de pessoas estrangeiras, de diferentes etnias e majoritariamente muçulmanas, ou então a normalização de modelos familiares até então marginalizados representariam o fim da identidade húngara, o que as colocam em oposição direta a uma concepção de papel nacional europeia e cristã.

Assim com feito no caso brasileiro, com base nas categorias de análise previamente listadas, podemos identificar os elementos correspondentes no discurso populista e nacionalista cristão do governo Orbán, como ilustra a tabela abaixo:

Tabela 6 - Categorias de análise de acordo com os discursos do Governo Orbán

Categoria de análise	Significado
Valores	Defesa da vida; da família; da nação; da Europa cristã Defesa da liberdade religiosa; amparo aos necessitados; liberdade e igualdade
Objetivos	proteger cristãos perseguidos; proteger a família tradicional;

	preservar a cultura nacional e europeia
Situação	Perseguição religiosa contra cristãos; extinção da cultura tradicional europeia; islamização da Europa; implantação de uma agenda global de viés esquerdista
Parcerias	Estados vizinhos da região da Europa Central, em especial Polônia; outros países conservadores como Turquia, Israel, Itália, Estados Unidos de Trump e Brasil de Bolsonaro
Obstáculos	As elites burocráticas de Bruxelas; liberais; imigrantes; comunismo; a esquerda; George Soros; os globalistas
Ação política	Investir nas igrejas e comunidades perseguidas; conter o fluxo de migração para dentro da Europa; iniciativas de fomento e preservação da cultura ocidental; incentivos para que famílias possam ter mais filhos

Fonte: Elaboração própria, baseada nos conteúdos de Orbán (2010-2022) e Hungria (2010-2022).

Concluimos este estudo de caso evidenciando que o governo Orbán exemplifica claramente as principais características do populismo de direita: nativismo, autoritarismo e populismo são fundamentais tanto em sua retórica quanto em suas ações governamentais ao longo dos anos, principalmente para delimitar os inimigos do povo. A religião, especialmente o cristianismo, é frequentemente utilizada como ferramenta política para promoção de uma identidade nacionalista e a legitimação de políticas públicas de teor conservador. Observa-se um marcado nacionalismo cristão na política orbanista, com discursos que promovem a visão de um Estado húngaro intrinsecamente cristão, parte integrante da cristandade europeia, compelido a agir de acordo com esses princípios tanto no cenário doméstico quanto no internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo observar como o nacionalismo cristão se manifesta na política externa de governos populistas de direita, com o Brasil e a Hungria sob a liderança respectivamente de Bolsonaro (2019-2022) e Orbán (2010-2022) servindo como casos ilustrativos desse processo. No capítulo um, discutimos os conceitos de populismo de direita e nacionalismo cristão, evidenciando que se trata de uma ideologia que, além da dicotomia entre povo e elite, busca legitimar uma visão autoritária, nativista e populista da vida social. Essa ideologia é frequentemente marcada por xenofobia, oposição à imigração e resistência à globalização, variando de acordo com o país. No caso brasileiro, a xenofobia é substituída por uma oposição a grupos que não se enquadram na visão idealizada de um *cidadão de bem*. Além disso, observamos como a religião é frequentemente utilizada nos discursos populistas como um marcador de identidade nacional. Assim, temos o nacionalismo cristão, que concebe a ideia de um Estado por e para os cristãos. Essa visão está muito presente no populismo de direita, como observado nos governos Bolsonaro e Orbán, onde uma visão de mundo cristã foi privilegiada em detrimento de outras, favorecendo seus ideais e apoiadores na condução das políticas públicas.

No segundo capítulo abordamos o arcabouço teórico e metodológico que nos permitiu realizar a investigação científica. O construtivismo das Relações Internacionais foi mobilizado para entender como a identidade de um Estado é socialmente construída em função da interação com seus pares no sistema internacional e que tal noção leva à formação de interesses e escolha de prerrogativas a serem aderidas. A Role Theory foi usada para complementar a ideia de identidade, garantindo um caráter de agência, que, por sua vez, gera os papéis que o Estado irá adotar em sua condução de política externa. Esses papéis levam a formação de alianças, adversários, objetivos, princípios e decisões comuns aos Estados que as adotarem. A análise de discurso foi escolhida como método para identificar a forma como líderes populistas de direita concebem a identidade e o papel dos seus respectivos Estados na condução de suas relações exteriores. A utilização do *software* Iramuteq garantiu a devida análise de um grande volume de dados textuais, permitindo visualizar as associações e relações entre formação de identidade, atribuição de papel e a visão nacionalista cristã do populismo.

Nos capítulos três e quatro, realizamos estudos de caso sobre Brasil e Hungria, respectivamente. Após abordar os principais pontos de populismo e uso da religião por cada

governo, e proceder com a análise dos discursos, evidenciamos que, para ambas as lideranças, o nacionalismo cristão se manifesta na política externa de maneira muito semelhante. A nossa hipótese, de que a política externa dos dois países é orientada conforme uma NRC cristã compartilhada por Bolsonaro e Orbán, foi respondida positivamente. A leitura dos discursos, bem como a visualização dos dados processados pelo Iramuteq, mostrou que as falas desses líderes sobre identidade nacional estão ligadas às ideias relacionadas ao cristianismo. Os papéis que eles atribuem a seus países no plano internacional também estão de acordo com essa concepção.

Sendo a religião cristã, e mais especificamente um cristianismo político conservador, elemento basilar da concepção de nação e povo instrumentalizada por Bolsonaro e Orbán⁴⁰, o nacionalismo cristão influencia a percepção sobre a identidade de seus países e os papéis que eles devem desempenhar no cenário internacional. Assim, Brasil e Hungria passam a ser entendidos como Estados cristãos, defensores da tradição ocidental e dos valores conservadores. Dessa forma, a política externa de cada país passa a ter contornos religiosos, tanto na escolha de prioridades quanto nas decisões tomadas.

A análise temporal dos dados, ilustrada nas figuras 4 e 11, mostra que, para ambos os governos, houve períodos em que a presença do discurso cristão foi mais ou menos intensa. Isso é perceptível nos momentos de grande clamor nacional ou durante episódios considerados ameaças à soberania, quando esses discursos se tornaram mais proeminentes. Em períodos politicamente mais tranquilos ou durante a pandemia de covid-19, esse teor religioso foi significativamente mais brando, indicando que, embora presente na política externa dos governos, há uma utilidade estratégica na variação de sua intensidade. Em um cálculo proporcional, é possível constatar que, pelo menos para fins de política externa, o emprego de termos religiosos foi muito mais acentuado no governo Bolsonaro, em especial no ex-ministro Araújo, ainda que o governo Orbán também tenha feito muito uso de termos semelhantes.

Podemos extrair dos resultados obtidos que a religião de fato importa na política internacional. O populismo de direita dos governos Bolsonaro e Orbán fez forte uso desse elemento em suas estratégias discursiva e decisória. Mesmo em países em que há um avanço da secularização, como no caso do continente europeu, a religião cristã ainda tem relevância no sentido de orientar a identidade e valores do país, dado que ela ainda constitui o tecido

⁴⁰ Neste sentido Lamour (2021); Sigurdson (2023); Barbosa e Casarões (2023).

cultural que funda a nação. Isso ecoa para além das fronteiras, afetando as relações internacionais.

Por possuírem valores, pautas e, inclusive, uma identidade comuns, a de nações ocidentais cristãs, os governos populistas de direita estudados acabaram apresentando uma agenda internacional compartilhada. Assim, esses países mobilizaram suas políticas exteriores em defesa de causas como a salvaguarda família tradicional frente à diversidade sexual e de gênero e contra os direitos reprodutivos das mulheres; a luta contra o marxismo cultural (sic) e o globalismo (sic); a liberdade de crença e ajuda aos cristãos perseguidos em regiões onde são minoria religiosa. Dessa forma, apesar do cerne dos discursos de política externa ser nacionalista, demonstramos que governos populistas conseguem criar uma narrativa internacional comum que norteia suas ações e também permite a cooperação entre eles (GUIMARÃES; SILVA, 2021).

Brasil e Hungria fizeram parte dessa *internacional populista* ao atuar conjuntamente em questões como pauta antiaborto e liberdade religiosa (GUIMARÃES *et al*, 2023). Essa aliança foi além do escopo governamental e atingiu o nível pessoal, ao ponto de Orbán ter publicamente apoiado a reeleição de Bolsonaro, e o episódio recente em que o ex-presidente se abrigou por dois dias na embaixada húngara em Brasília durante investigações da Polícia Federal (G1, 2024).

Por último, a análise feita neste trabalho deve ser entendida como uma amostra a fim de dar início a maiores discussões. Esperamos que os resultados desta pesquisa, ainda que parciais e limitados, possam contribuir para o debate sobre a interseção entre religião e política, principalmente no contexto do populismo. Ficam recomendados estudos adicionais, como a observação da presença ou não do nacionalismo cristão em outros governos populistas de direita não abordados nesta dissertação, bem como a análise de governos populistas que adotam um nacionalismo religioso não-cristão, como é o caso do governo Modi na Índia, as quais possibilitarão conclusões mais aprofundadas sobre o objeto em questão.

Concluir este estudo trouxe não apenas um entendimento acadêmico mais profundo sobre a relação entre política e religião na contemporaneidade, mas também uma percepção pessoal sobre o papel que o cristianismo desempenha e continuará desempenhando na política global, mesmo em países secularizados, pois sua função cultural transcende a religiosidade individual e até mesmo as fronteiras nacionais.

REFERÊNCIAS

Textos acadêmicos

BARBOSA, Ricardo; CASARÕES, Guilherme. Statecraft under God: Radical Right Populism meets Christian Nationalism in Bolsonaro's Brazil. **Millennium: Journal of International Studies**, 2023, v. 50 n. 3, p. 669-699.

BARROS, Thomás Z.; LAGO, Miguel. **Do que falamos quando falamos de populismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOCSKOR, Ákos. Anti-Immigration Discourses in Hungary during the 'Crisis' Year: The Orbán Government's 'National Consultation' Campaign of 2015. **Sociology**, v. 52, n. 3, 2018, p. 551– 568.

BRAUN, Benjamin; SCHINDLER, Sebastian; WILLE, Tobias. Rethinking Agency in International Relations: Performativity, Performances, and Actor-Networks. **Journal of International Relations and Development**, v. 22, n. 4, 2019, p. 787–807.

BREUNING, Marijke. Role Theory in Politics and International Relations. In: MINTZ, Alex; TERRIS, Lesley (org.). **The Oxford Handbook of Behavioral Political Science**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

BRUBAKER, Rogers. Between Nationalism and Civilizationism: The European Populist Moment in Comparative Perspective. **Ethnic and Racial Studies**, 2017, v. 40, n. 8, p. 1191–1226.

CAIANI, Manuela; CARVALHO, Tiago. The use of religion by populist parties: the case of Italy and its broader implications. **Religion, State and Society**, 2021, v. 49, n. 3, p. 211-230.

CAMARGO, Brígido V.; JUSTO, Ana M. IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, 2013, p. 513-518.

CANOVAN, Margaret. **The People**. Cambridge: Polity, 2005.

CASARÕES, Guilherme; FARIAS, Deborah B. L. Brazilian foreign policy under Jair Bolsonaro: far-right populism and the rejection of the liberal international order. **Cambridge Review of International Affairs**, v. 35, n. 5, 2021, p. 741-761.

COLLIER, David; BRADY, Henry; SEAWRIGHT, Jason. Sources of Leverage in Causal Inference: Toward an Alternative View of Methodology. In BRADY, Henry; COLLIER, David. (eds.). **Rethinking Social Inquiry: Diverse Tools, Shared Standards**. Toronto: Rowman & Littlefield Publishers, 2004.

CREMER, Tobias. **The Godless Crusade: Religion, Populism and Right-Wing Identity Politics in the West**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

FARIA, Carlos A. P. de. O Itamaraty e a Política Externa Brasileira: Do Insulamento à Busca de Coordenação dos Atores Governamentais e de Cooperação com os Agentes Societários. **Contexto Internacional**, v. 34, n. 1, jan/jun 2012, p. 311-355.

FERREIRA, Marcos A. S. V.; CARLETTI, Anna C. Religião no ensino e na pesquisa em Relações Internacionais do Brasil. **Meridiano 47 - Journal of Global Studies**, n. 19, 2018.

G1. **Bolsonaro na embaixada da Hungria: entenda a ligação do ex-presidente com Viktor Orbán, o primeiro-ministro húngaro.** 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/03/25/bolsonaro-na-embaixada-da-hungria-entenda-a-ligacao-do-ex-presidente-com-viktor-orban-o-primeiro-ministro-hungaro.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2024.

GERA, Marton. “Here, the Hungarian people will decide how to raise our children”: Populist rhetoric and social categorization in Viktor Orban's anti-LGBTQ campaign in Hungary. **New Perspectives**, v. 31, n. 2, 2023, p. 104–129.

GERRING, John. The Case Study: what it is and what it does. In: **The Oxford Handbook of Comparative Politics**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GÓES, Fernanda G.B. *et al.* Use of IRAMUTEQ software in qualitative research: an experience report. **Rev. Enferm. UFSM**, Santa Maria, v. 11, 2021, p. 1-21.

GUIMARÃES, Feliciano de S.; SILVA, Irma D. G. de O. Far-right populism and foreign policy identity: Jair Bolsonaro's ultra-conservatism and the new politics of alignment. **International Affairs**, v. 97, n. 2, 2021, p. 345–363.

GUIMARÃES, Feliciano de S. **A Theory of Master Role Transition: Small Powers Shaping Regional Hegemons**. Nova Iorque: Routledge, 2021.

GUIMARÃES, Feliciano de S. *et al.* The evangelical foreign policy model: Jair Bolsonaro and evangelicals in Brazil. **Third World Quarterly**, v. 44, n. 6, 2023, p. 1324-1344.

HARNISH, Sebastian. Role theory: Operationalization of key concepts. In: HARNISH, Sebastian; FRANK, Cornelia; MAULL, Hanns W. (eds.). **Role Theory in International Relations: Approaches and analyses**. Nova Iorque: Routledge, 2011.

HAYNES, Jeffrey. Right-wing nationalism, populism, and religion: what are the connections and why?. **Religion, State and Society**, 2021, v. 49, n. 3, p. 188-194.

HAYNES, Jeffrey. Right-Wing Populism and Religion in Europe and the USA. **Religions**, 2020, v. 11, n. 490.

HAYNES, Jeffrey (ed.). **Routledge Handbook of Religion and Politics**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2009.

HOLSTI, Kalevi J.. National Role Conceptions in the Study of Foreign Policy. **International Studies Quarterly**, v. 14, n. 3, 1970, p. 233–309.

HUNGRIA. **State Secretariat for the Aid of Persecuted Christians and for the Hungary Helps Program.** 2019. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/state-secretariat-for-the-aid-of-persecuted-christians-and-for-the-hungary-helps-program>. Acesso em: 10 mar. 2024.

HUNGRIA. **The Fundamental Law of Hungary**. Budapeste, 2012. Disponível em: <https://www.parlament.hu/documents/125505/138409/Fundamental+law/73811993-c377-428d-9808-ee03d6fb8178>. Acesso em: 01 mar. 2024.

HUNTINGTON, Samuel P. **The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order**. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1996.

HUSAR, Jörg. A Comparative Approach to Foreign Policy Discourse Analysis. In: HUSAR, Jörg. **Framing Foreign Policy in India, Brazil and South Africa: On the Like-Mindedness of the IBSA States**. Nova Iorque: Springer, 2016.

JUNG, João H. S.; ABREU, Vitória; KEIL, Lucas. O Fim de uma Era: a Diplomacia Eclesiástica na ruptura com o autonomismo da Política Externa Brasileira. **Opinião Filosófica**, v. 13, n. 1, 2022. p. 1-21.

KALTWASSER, Cristóbal R; ZANOTTI, Lisa. The Populist Radical Right Beyond Europe. **Journal of Language and Politics**, 2023, v. 22, n. 3, p. 285-305.

KREKÓ, Péter; ENYEDI, Zsolt. Orbán's Laboratory of Illiberalism. **Journal of Democracy**, v. 29, n. 3, jul. 2018, p. 39-51.

KREKÓ, Péter; HUNYADI, Bulcsú; SZICHERLE, Patrik. **Anti-Muslim populism in Hungary: From the margins to the mainstream**. 2019. Disponível em: <https://www.brookings.edu/research/anti-muslim-populism-in-hungary-from-the-margins-to-the-mainstream/>. Acesso: 04 dez. 2022.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LAMOUR, Christian. Orbán Urbi et Orbi: Christianity as a Nodal Point of Radical-right Populism. **Politics and Religion**, v. 15, n. 2, 2021, p. 317-343.

LEIDIG, Eviane; MUDDE, Cas. Bharatiya Janata Party (BJP): The overlooked populist radical right party. **Journal of Language and Politics**, 2023, v. 22, n. 3, p. 360–377.

LIJPHART, Arend. Comparative Politics and the Comparative Method. **American Political Science Review**, v. 65, n. 3, 1971, p. 682–693.

LIPÍŃSKI, Artur. Qualitative approaches in populism research. **Athenaeum: Polish Political Science Studies**, v. 56, 2017, p. 244-256.

LOPES, Dawisson B.; CARVALHO, Thales; SANTOS, Vinicius. Did the Far Right Breed a New Variety of Foreign Policy? The Case of Bolsonaro's "More-Bark-Than-Bite" Brazil. **Global Studies Quarterly**, 2022, v. 2, p. 1-14.

MÁTÉ-TÓTH, András; RAKOVICS, Zsófia. The Discourse of Christianity in Viktor Orbán's Rhetoric. **Religions**, v. 14, n. 8, 2023, p. 1-21.

MCCOURT, David M. Role-playing and identity affirmation in international politics: Britain's reinvasion of the Falklands, 1982. **Review of International Studies**, v. 37, n. 4, out. 2011, p. 1599 - 1621.

MIKENBERG, Michael. Religion and the Radical Right. In: RYDGREN, Jens (ed.). **The Oxford Handbook of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

MILLER, Paul D. **O que é nacionalismo cristão?**. 2021. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/2021/march-web-only/o-que-e-nacionalismo-cristao-pt.html>. Acesso em: 01 dez. 2022.

MINTZ, Alex. Behavioral IR as a Subfield of International Relations. **International Studies Review**, v. 9, n. 1, 2007, p. 157–172.

MONTE, Déborah S. do; HERNANDEZ, Matheus de C. “Terrivelmente cristã”: A política externa em direitos humanos do governo Bolsonaro, **SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 32, 2022. Disponível em: <https://sur.conectas.org/terrivelmente-crista/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MOUFFE, Chantal. **Por um populismo de esquerda**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal R. **Populism: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal R. Studying Populism in Comparative Perspective: Reflections on the Contemporary and Future Research Agenda. **Comparative Political Studies**, 2018, v. 51, n. 13, p. 1667–1693.

MUDDE, Cas. **A extrema direita hoje**. Rio de Janeiro: UERJ, 2022.

MURRAY, Michelle. **The Struggle for Recognition in International Relations: Status, Revisionism, and Rising Powers**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

NABERS, Dirk. Identity and role change in international politics. In: HARNISH, Sebastian; FRANK, Cornelia; MAULL, Hanns W. (eds.). **Role Theory in International Relations: Approaches and analyses**. Nova Iorque: Routledge, 2011.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. **Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. Trump and the Populist Authoritarian Parties: The Silent Revolution in Reverse. **Perspectives on Politics**, 2017, v. 15, n. 2, p. 443-454.

ORAN, Filiz C. **Religion, Nationalism and Foreign Policy: Discursive Construction of New Turkey's Identity**. Londres: Bloomsbury, 2022.

PEDROSA, Bruno C. de S. **BRICS como atores reformistas: como as declarações de cúpula constituem a identidade coletiva do grupo? (2009, 2011, 2014)**. Dissertação

(Mestrado em Segurança Internacional e Defesa) - Escola Superior de Guerra. Rio de Janeiro, 149 f., 2022.

PERINI, Pietro d. National role conceptions and populist parties in Europe between heterogeneity and convergence. **Comparative European Politics**, v. 21, 2023, p. 234–257.

PERMOSER, Julia M. **Trump, the Bible, and the Far Right's Use of Religion**. Berkley Center for Religion, Peace & World Affairs. 2020. Disponível em: <http://berkleycenter.georgetown.edu/posts/trump-the-bible-and-the-far-right-s-use-of-religion>. Acesso em: 26 ago. 2021.

REES, John A. Religion, populism, and the dynamics of nationalism. **Religion, State and Society**, 2021, v. 49, n. 3, p. 195-210.

ROSANVALLON, Pierre. **Le siècle du populisme: Histoire, théorie, critique**. Paris: Seuil, 2020.

RUTAI, Lile. **Dozens of Hungarian women travel to Austria for abortions every week, amid tightening laws**. Euronews, 2023. Disponível em: <https://www.euronews.com/my-europe/2023/08/16/dozens-of-hungarian-women-travel-to-austria-for-abortions-every-week-amid-tightening-laws>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SALOMÓN, Mónica; PINHEIRO, Leticia. Análise de Política Externa e Política Externa Brasileira: trajetória, desafios e possibilidades de um campo de estudos. **Rev. Bras. Polít. Int.**, v. 56, n. 1, 2013, p. 40-59.

SANAHUJA, José A.; BURIAN, Camilo L. La nueva extrema derecha neopatriota latinoamericana: el internacionalismo reaccionario y su desafío al orden liberal internacional. **Rev. Conj. Aust.**, v. 11, n. 55, jul./set. 2020, p. 22-34.

SANDAL, Nukhet A.; FOX, Jonathan. **Religion in International Relations Theory: Interactions and possibilities**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2013.

SARTORI, Giovanni. Comparación y método comparativo. In: SARTORI, Giovanni; MORLINO, Leonardo (eds.). **La comparación en las Ciencias Sociales**. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

SIGURDSON, Richard. **Christian Nationalism as a Trans-Atlantic Phenomenon**. In: 23th World Congress of Political Science, 2023, Buenos Aires.

SILVA, Irma D. G. de O. e.; LABRIOLA, Pedro. Role Theory como Terceira Via nas Relações Internacionais. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 8, n. 15, jan./jun. 2020, p. 73-102.

TAMAKI, Eduardo R.; FUKS, Mario. Populism in Brazil's 2018 General Elections: an analysis of Bolsonaro's campaign speeches. **Lua Nova**, v. 109, 2020, p. 103-127.

TANSCHKEIT, Talita. Jair Bolsonaro and the defining attributes of the populist radical right in Brazil. **Journal of Language and Politics**, 2023, v. 22, n. 3, p. 324-341.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Os Protocolos dos Sábios de Sião. **Enciclopédia do Holocausto**. S.d. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/protocols-of-the-elders-of-zion>. Acesso em: 12 abr. 2024.

URBINATI, Nadia. **Me, the people**. Cambridge: Harvard University Press, 2019.

VISKOVITZ, Péter; JENNE, Erin K. Populist argumentation in foreign policy: the case of Hungary under Viktor Orbán, 2010–2020. **Comparative European Politics**, v. 19, n. 6, 2021, p. 683-702.

WARNER, Carolyn M.; WALKER, Stephen G. Thinking about the Role of Religion in Foreign Policy: A Framework for Analysis. **Foreign Policy Analysis**, v. 7, 2011, p. 113–135.

WEHNER, Leslie E.; THIES, Cameron G. The nexus of populism and foreign policy: The case of Latin America. **International Relations**, 2020, p. 1-21.

WEHNER, Leslie E. The narration of roles in foreign policy analysis. **Journal of International Relations and Development**, v. 23, n. 2, 2018, p. 1–26.

WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WHITEHEAD, Andrew; PERRY, SAMUEL; BAKER, Joseph O. Make America Christian Again: Christian Nationalism and Voting for Donald Trump in the 2016 Presidential Election. **Sociology of Religion**, 2018, v. 79, n. 2, p. 147-171.

WHITEHEAD, Andrew; PERRY, SAMUEL. **Taking America Back for God: Christian Nationalism in the United States**. Nova York: Oxford University Press, 2020.

WODAK, Ruth *et al.* **The Discursive Construction of National Identity**. 2^a ed. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2009.

WOJCZEWSKI, Thorsten. Trump, populism, and american foreign policy. **Foreign Policy Analysis**, v. 16, n. 3, 2020, p. 292–311.

YIN, Robert K. **Case Study Research: Design and Methods**. Londres: Sage Publications, 2003.

ZEHFUSS, Maja. **Constructivism in International Relations: The politics of reality**. 2^a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ZSUZSANNA, Boda; RAKOVICS, Zsófia. Analysis of Viktor Orbán's speeches between 2010 and 2020: Investigating the issue of migration. **Szociológiai Szemle**, v. 32, n. 4, 2022, p. 46–69.

ZÚQUETE, José P. Populism and Religion. In: KALTWASSER, Cristóbal R. *et al* (eds.). **The Oxford Handbook of Populism**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

Discursos coletados

BOLSONARO, Jair. **Discurso na 74ª Assembleia Geral da ONU**. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-09/presidente-jair-bolsonaro-discurs-na-74a-assembleia-geral-da-onu>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na 75ª Assembleia Geral da ONU**. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-09/veja-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-75a-assembleia-geral-da-onu>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na 76ª Assembleia Geral da ONU**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2021/09/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-abertura-da-76deg-assembleia-geral-da-onu>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na 77ª Assembleia Geral da ONU**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/09/20/leia-a-integra-do-discurso-do-presidente-jair-bolsonaro-na-assembleia-geral-da-onu.ghtml>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante cerimônia de recebimento da faixa presidencial**. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/discorso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-recebimento-da-faixa-presidencial-brasilia-1-de-janeiro-de-2019>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante cerimônia de posse no Congresso Nacional**. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/discorso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional-brasilia-1-de-janeiro-de-2019>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso no Fórum Econômico Mundial**. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/discorso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-a-sessao-plenaria-do-forum-economico-mundial-davos-suica-22-de-janeiro-de-2019>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante cerimônia de formatura da turma do Instituto Rio Branco**. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/discorso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-formatura-da-turma-do-instituto-rio-branco-brasilia-3-de-maio-de-2019>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Sessão Plenária dos Chefes de Estado durante a LIV Cúpula do MERCOSUL.** 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-cupula-mercosul-santa-fe-argentina-17-7-2019>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Cúpula da Biodiversidade da Organização das Nações Unidas.** 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/palavras-do-senhor-presidente-da-republica-na-cupula-da-biodiversidade-da-organizacao-das-nacoes-unidas-brasilia-30-de-setembro-de-2020>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Cerimônia de Formatura dos alunos do Instituto Rio Branco e imposição de insígnias da Ordem de Rio Branco.** 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-formatura-dos-alunos-do-instituto-rio-branco-e-imposicao-de-insignias-da-ordem-de-rio-branco-brasilia-df>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Cerimônia de Cúpula de Líderes do BRICS (videoconferência).** 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-cupula-de-lideres-do-brics-videoconferencia-palacio-do-planalto>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Cúpula do G20 (videoconferência).** 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cupula-do-g20-videoconferencia-palacio-do-planalto>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na LVIII Cúpula de Chefes de Estado do MERCOSUL e Estados Associados (videoconferência).** 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-abertura-da-lviii-cupula-de-chefes-de-estado-do-mercosul-e-estados-associados-videoconferencia-palacio-do-planalto>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Cúpula da Democracia.** 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/discurso-do>

[senhor-presidente-da-republica-cupula-da-democracia-videoconferencia-9-e-10-de-dezembro-de-2021](#). Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Cúpula das Américas**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/veja-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cupula-das-americas/>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso no no “Brazil Day in Washington”**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-no-201cbrazil-day-in-washington201d-washington-eua>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Declaração à Imprensa após cerimônia de assinatura de Atos entre Brasil e Argentina**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/declaracao-a-imprensa-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-apos-cerimonia-de-assinatura-de-atos-entre-brasil-e-argentina-brasilia-df>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Conferência de Imprensa com o Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/declaracao-a-imprensa-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-conferencia-de-imprensa-com-o-presidente-dos-estados-unidos-donald-trump-washington-eua>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso em cerimônia de chegada a Israel**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cerimonia-oficial-de-chegada-a-israel-jerusalem-israel>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante comemoração do 71º aniversário do Estado de Israel**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-comemoracao-do-71o-aniversario-do-estado-de-israel-brasilia-df>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Declaração Conjunta à Imprensa em Buenos Aires, Argentina**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/declaracao-conjunta-a-imprensa-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-buenos-aires-argentina>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante Cerimônia de encerramento do Seminário de Indústria de Defesa**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-encerramento-do-seminario-de-industria-de-defesa-buenos-aires-argentina>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante a 27ª edição da Marcha para Jesus**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-a-27a-edicao-da-marcha-para-jesus-2019-sao-paulo-sp>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante abertura da Reunião Informal dos Líderes do BRICS**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-abertura-da-reuniao-informal-dos-lideres-do-brics-osaka-japao>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante coquetel de recepção para celebrar o 243º Aniversário da Independência dos Estados Unidos da América**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-coquetel-de-recepcao-para-celebrar-o-243o-aniversario-da-independencia-dos-estados-unidos-da-america-brasilia-df>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante a Marcha para Jesus pela Família e pelo Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-a-marcha-para-jesus-pela-familia-e-pelo-brasil-brasilia-df>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Declaração à imprensa após a Cerimônia de Assinatura de Atos no Palácio do Itamaraty**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/declaracao-a-imprensa-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-apos-a-cerimonia-de-assinatura-de-atos-palacio-itamaraty>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante reunião com o Presidente da República Popular da China, Xi Jinping**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-reuniao-com-o-presidente-da-republica-popular-da-china-xi-jinping-palacio-itamaraty>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante Cerimônia de Encerramento do Fórum Empresarial do BRICS**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-encerramento-do-forum-empresarial-do-brics-brasilia-df>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante abertura da Sessão Plenária da XI Cúpula de Líderes do BRICS**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/dis>

[curso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-abertura-da-sessao-plenaria-da-xi-cupula-de-lideres-do-brics-palacio-itamaraty](#). Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante encerramento do Diálogo dos Líderes com o Conselho Empresarial do BRICS e o Novo Banco de Desenvolvimento**. 2019. Disponível em:

<https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-encerramento-do-dialogo-dos-lideres-com-o-conselho-empresarial-do-brics-e-o-novo-banco-de-desenvolvimento-palacio-itamaraty>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante a abertura da Reunião Plenária da LV Cúpula de Chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados**. 2019. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-a-abertura-da-reuniao-plenaria-da-lv-cupula-de-chefes-de-estado-do-mercosul-e-estados-associados-bento-goncalves-rs>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante Sessão de Abertura da Conferência Internacional Brasil-Estados Unidos: um novo prisma nas relações de parceria e investimentos**. 2020. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-sessao-de-abertura-da-conferencia-internacional-brasil-estados-unidos-um-novo-prisma-nas-relacoes-de-parceria-e-investimentos-miami-fl-eua>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante a Sessão de Abertura de Seminário Empresarial Brasil-Estados Unidos na Flórida**. 2020. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-a-sessao-de-abertura-de-seminario-empresarial-brasil-estados-unidos-na-florida-miami-florida>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso durante a 2ª Cúpula Presidencial do Pacto de Letícia, por videoconferência**. 2020. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-a-2a-cupula-presidencial-do-pacto-d-e-leticia-por-videoconferencia-palacio-do-planalto>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Conferência US Brazil Connect Summit**. 2020. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-conferencia-us-brazil-connect-summit-2020>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso no Fórum Econômico Brasil-Países Árabes**. 2020. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/dis>

[curso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-no-forum-economico-brasil-paises-arabes](#).

Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na LVII Cúpula de Chefes de Estado do MERCOSUL e Estados Associados (videoconferência)**. 2020. Disponível em:

<https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-lvii-cupula-de-chefes-de-estado-do-merc-sul-e-estados-associados-videoconferencia-palacio-do-planalto>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na VI Reunião Extraordinária de Presidentes do PROSUL (videoconferência)**. 2021. Disponível em:

<https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-vi-reuniao-extraordinaria-de-presidentes-do-prosul-videoconferencia-palacio-do-planalto>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Cúpula do Mercosul por ocasião dos 30 anos do Tratado de Assunção (videoconferência)**. 2021. Disponível em:

<https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cupula-do-mercosul-por-ocasio-dos-30-anos-do-tratado-de-assuncao-videoconferencia-palacio-do-planalto>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Cúpula de Líderes sobre o Clima**. 2021. Disponível em:

<https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-200bcupula-de-lideres-sobre-o-clima-brasilia-df>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na 13º Cúpula do BRICS (Videoconferência)**. 2021. Disponível em:

<https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-13deg-cupula-do-brics-videoconferencia-palacio-do-planalto>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Cerimônia da 13º Cúpula do BRICS (Videoconferência)**. 2021. Disponível em:

<https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-da-13deg-cupula-do-brics-videoconferencia-palacio-do-planalto>. Acesso em: 01 jun. 2023

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Conferência Global 2021 - Millenium**. 2021. Disponível em:

<https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-conferencia-global-2021-millenium-brasil-df>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Mensagem na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas**. 2021. Disponível em:

<https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/me>

[nsagem-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-conferencia-das-nacoes-unidas-sobre-mudancas-climaticas-de-2021](#). Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na LIX Cúpula de Chefes de Estado do MERCOSUL e Estados Associados (videoconferência)**. 2022. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-lix-cupula-de-chefes-de-estado-do-merc-sul-e-estados-associados-videoconferencia>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Declaração à imprensa, em visita oficial à Rússia**. 2022. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/declaracao-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-a-imprensa-em-visita-oficial-a-russia>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Cerimônia de Troca de Atos Internacionais - Budapeste, Hungria**. 2022. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-troca-de-atos-internacionais-budapeste-hungria>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Marcha para Jesus, Curitiba**. 2022. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-marcha-para-jesus>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Marcha para Jesus, Manaus**. 2022. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-marcha-para-jesus-1>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na Marcha para Jesus, Camboriú**. 2022. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-marcha-para-jesus-2>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso no Encontro dos Presidentes Jair Bolsonaro e Joe Biden**. 2022. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-no-encontro-dos-presidentes-jair-bolsonaro-e-joe-biden>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na reunião por videoconferência, do BRICS Business Forum**. 2022. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-reuniao-por-videoconferencia-do-brics-business-forum-2022>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso na videoconferência da 14ª Cúpula do BRICS**. 2022. <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discorso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-videoconferencia-da-14a-cupula-do-brics>. Acesso em: 01 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Pronunciamento em 7 de setembro**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/07/bolsonaro-pronunciamento-7-setembro.htm>. Acesso em: 02 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso no ato de 7 de Setembro**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-no-ato-de-7-de-setembro-em-sao-paulo/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

BOLSONARO, Jair. **Discurso do 7 de Setembro no Rio de Janeiro**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/09/07/7-de-setembro-leia-na-integra-o-discurso-de-bolsonaro-no-rio.htm>. Acesso em: 02 jun. 2023.

ARAÚJO, Ernesto. **A nova política externa brasileira: seleção de discursos, artigos e entrevistas do Ministro das Relações Exteriores – 2019**. Brasília: FUNAG, 2020.

ARAÚJO, Ernesto. **Política externa: soberania, democracia e liberdade – Coletânea de discursos, artigos e entrevistas do Ministro das Relações Exteriores – 2020**. Brasília: FUNAG, 2021.

ARAÚJO, Ernesto. **Intervenção no painel "Redefinindo a Geopolítica", do Fórum Econômico Mundial de Davos**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/ernesto-araujo/intervencao-do-ministro-ernesto-araujo-no-painel-redefinindo-a-geopolitica-do-forum-economico-mundial-de-davos-29-01-2021>. Acesso em: 01 set. 2023.

ARAÚJO, Ernesto. **Intervenção em Reunião Ministerial Informal da OMC**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/ernesto-araujo/intervencao-do-ministro-ernesto-araujo-em-reuniao-ministerial-informal-da-omc-29-01-2021>. Acesso em: 01 set. 2023.

ARAÚJO, Ernesto. **Intervenção na 46ª Sessão do Conselho de Direitos Humanos da ONU**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/ernesto-araujo/intervencao-do-ministro-ernesto-araujo-na-46a-sexta-sessao-do-conselho-de-direitos-humanos-da-onu-22-02-2021>. Acesso em: 01 set. 2023.

ARAÚJO, Ernesto. **Discurso em representação do Presidente da República na V Reunião Extraordinária de Presidentes do PROSUL**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/ernesto-araujo/discorso-do-ministro-ernesto>

[araujo-em-representacao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-v-reuniao-extraordinaria-de-presidentes-do-prosul-25-02-2021](#). Acesso em: 01 set. 2023.

ARAÚJO, Ernesto. **Intervenção durante webinar do Conselho do Atlântico sobre os 30 anos do MERCOSUL**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/ernesto-araujo/intervencao-do-ministro-ernesto-araujo-durante-webinar-do-conselho-do-atlantico-sobre-os-30-anos-do-mercosul-12-03-2021>. Acesso em: 01 set. 2023.

ARAÚJO, Ernesto. **Intervenção na Videoconferência Ministerial do Grupo de Ottawa – Organização Mundial do Comércio (OMC)**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/ernesto-araujo/intervencao-do-ministro-de-estado-ernesto-araujo-na-videoconferencia-ministerial-do-grupo-de-ottawa-2013-organizacao-mundial-do-comercio-omc-2013-22-03-2021>. Acesso em: 01 set. 2023.

ARAÚJO, Ernesto. **Intervenções na XV Reunião Extraordinária do Conselho de Ministros do Exterior da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/ernesto-araujo/intervencoes-do-ministro-ernesto-araujo-na-xv-reuniao-extraordinaria-do-conselho-de-ministros-do-externo-da-comunidade-dos-paises-de-lingua-portuguesa-2013-cplp-2013-26-03-2021>. Acesso em: 01 set. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Discurso de posse**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/funag/pt-br/chdd/historia-diplomatica/ministros-de-estado-das-relacoes-exteriores/carlos-alberto-franco-franca-discurso-de-posse>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Discurso na cerimônia de lançamento do PAM Agro 2021-2023**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/discurso-do-ministro-carlos-franca-na-cerimonia-de-lancamento-do-pam-agro-2021-2023-brasilia-14-09-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Discurso por ocasião da abertura do II Ciclo de Conferências sobre a Política Externa da FUNAG - "A diplomacia da inovação"**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/discurso-do-ministro-carlos-franca-por-ocasio-da-abertura-do-ii-ciclo-de-conferencias-sobre-a-politica-externa-da-funag-a-diplomacia-da-inovacao-brasilia-10-09-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Discurso na formatura do Instituto Rio Branco**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/discurso-do-ministro-carlos-franca-na-formatura-do-instituto-rio-branco-2021>.

[nistro-carlos-franca-na-formatura-do-instituto-rio-branco-2013-brasilia-1deg-de-outubro-de-2021](#). Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção por ocasião da XXVI Reunião ordinária do Conselho de Ministros da CPLP.** 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-ministro-carlos-franca-por-ocasio-da-xxvi-reuniao-ordinaria-do-conselho-de-ministros-da-cplp-luanda-16-7-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção na Reunião de Ministros de Desenvolvimento do G20.** 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-ministro-carlos-franca-na-reuniao-de-ministros-de-desenvolvimento-do-g20-2013-italia-29-06-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção na primeira sessão de trabalho da Reunião de Chanceleres e Ministros de Desenvolvimento do G20: Multilateralismo e governança global.** 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-ministro-carlos-franca-na-primeira-sessao-de-trabalho-da-reuniao-de-chanceleres-e-ministros-de-desenvolvimento-do-g20-multilateralismo-e-governanca-global-2013-italia-29-06-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção na segunda sessão de trabalho da Reunião de Chanceleres e Ministros de Desenvolvimento do G20: Desenvolvimento sustentável do continente africano.** 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-ministro-carlos-franca-na-segunda-sessao-de-trabalho-da-reuniao-de-chanceleres-e-ministros-de-desenvolvimento-do-g20-desenvolvimento-sustentavel-do-continente-africano-2013-italia-29-06-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção na sessão conjunta de MREs e Ministros de Desenvolvimento do G20 - Fortalecendo a segurança alimentar e a nutrição e avançando rumo a um mundo sem fome em 2030.** 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-ministro-carlos-franca-na-sessao-conjunta-de-mres-e-ministros-de-desenvolvimento-do-g20-fortalecendo-a-seguranca-alimentar-e-a-nutricao-e-avancando-rumo-a-um-mundo-sem-fome-em-2030-italia-29-06-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Discurso no Diálogo de Alto Nível União Europeia-Brasil sobre Mudanças Climáticas, Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável.** 2021. Disponível em:

https://antigo.funag.gov.br/images/2021/00_Nova-Politica-Externa/Portugues/40_Mudancas-Climaticas.pdf. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção na Cerimônia de abertura do Brasil Investment Forum (BIF)**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-ministro-carlos-franca-na-cerimonia-de-abertura-do-brasil-investment-forum-bif-31-5-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção pela celebração do Dia da África**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-ministro-carlos-franca-pela-celebracao-do-dia-da-africa-brasilia-25-05-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção na Cúpula Mundial de Saúde do G20**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-ministro-carlos-franca-na-cupula-global-de-saude-21-05-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Exposição em audiência pública na Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional (CRE) do Senado Federal**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/exposicao-do-senhor-ministro-das-relacoes-exteriores-embaixador-carlos-alberto-franco-franca-em-audiencia-publica-na-comissao-de-relacoes-exteriores-e-de-defesa-nacional-cre-do-senado-federal-20-13-brasilia-6-5-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Exposição em audiência pública na Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional (CREDN) da Câmara dos Deputados**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/exposicao-do-ministro-das-relacoes-exteriores-embaixador-carlos-alberto-franco-franca-em-audiencia-na-cre-dn-da-camara-dos-deputados-brasilia-28-04-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Mensagem do Ministro de Estado das Relações Exteriores ao Itamaraty**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/mensagem-do-ministro-de-estado-das-relacoes-exteriores-ao-itamaraty-brasilia-06-04-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção por ocasião da Reunião Ordinária do CMC com Estados Partes e Bolívia**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas>

[s/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-senhor-ministro-de-estado-por-ocasio-da-reuniao-ordinaria-do-cmc-com-estados-partes-e-bo-livia-brasilia-07-07-2021](https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-senhor-ministro-de-estado-por-ocasio-da-reuniao-ordinaria-do-cmc-com-estados-partes-e-bo-livia-brasilia-07-07-2021). Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Discurso por ocasião do 30º Aniversário da ABACC**. 2021. Disponível em:

<https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/discurso-do-senhor-ministro-de-estado-por-ocasio-do-30o-aniversario-da-abacc-brasilia-19-7-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção no Fórum Internacional sobre Cooperação em Vacinas contra a COVID-19**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-senhor-ministro-de-estado-no-forum-internacional-sobre-cooperacao-em-vacinas-contra-a-covid-19-brasilia-05-08-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Reunião dos Ministros das Relações Exteriores/Relações Internacionais do BRICS – Palavras de abertura**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/reuniao-dos-ministros-das-relacoes-exteriores-relacoes-internacionais-do-brics-palavras-de-abertura-01-06-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Palavras por ocasião da cerimônia de posse do Senhor Secretário-Geral**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/palavras-do-senhor-ministro-de-estado-por-ocasio-da-cerimonia-de-posse-do-senhor-secretario-geral-04-06-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE) do Senado Federal**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-senhor-ministro-de-estado-na-comissao-de-relacoes-exteriores-e-defesa-nacional-cre-do-senado-federal-19-08-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção do senhor Ministro de Estado na Comissão de Relações Exteriores (CRE) do Senado Federal**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-senhor-ministro-de-estado-na-comissao-de-relacoes-exteriores-cre-do-senado-federal-23-08-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Cerimônia de inauguração da nova sede da Secretaria Permanente da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/cerimonia-de-inauguracao-da-nova-sede-da-secretaria-permanente-da-organizacao-do-tratado-de-cooperacao-amazonica-2013-brasilia-21-de-setembro-de-2021>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Discurso na Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional (CREDN) da Câmara dos Deputados**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/discurso-do-senhor-ministro-de-estado-na-comissao-de-relacoes-exteriores-e-defesa-nacional-credn-da-camara-dos-deputados-18-05-2022>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção na LX Reunião Ordinária do Conselho do Mercado Comum (CMC) com Estados Partes e Bolívia**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-senhor-ministro-de-estado-das-relacoes-exteriores-na-lx-reuniao-ordinaria-do-conselho-do-mercado-comum-cmc-com-estados-partes-e-bolivia-assuncao-20-de-julho-de-2022>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção em sessão de debates temáticos do Senado Federal**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-ministro-carlos-franca-em-sessao-de-debates-tematicos-do-senado-federal-2013-24-de-marco-de-2022>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Discurso na Cerimônia de abertura do período de sessões da Corte Interamericana de Direitos Humanos no Brasil**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/discurso-do-senhor-ministro-de-estado-cerimonia-de-abertura-do-periodo-de-sessoes-da-corte-interamericana-de-direitos-humanos-no-brasil-22-de-agosto-de-2022>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Saudação dirigida ao Corpo Diplomático na chegada do coração de D. Pedro I no Itamaraty**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/saudacao-do-senhor-ministro-de-estado-dirigida-ao-corpo-diplomatico-na-chegada-do-coracao-de-d-pedro-i-no-itamaraty-23-8-2022>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção no Diálogo de Alto Nível sobre Fluxos Migratórios Irregulares**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do>

[senhor-ministro-de-estado-no-dialogo-sobre-fluxos-migratorios-brasilia-11-08-2021](#). Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Palavras por ocasião do Dia do Diplomata**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/palavras-do-senhor-ministro-de-estado-por-ocasio-do-dia-do-diplomata-7-de-dezembro-de-2022>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRANÇA, Carlos. **Intervenção no debate aberto de alto nível do Conselho de Segurança das Nações Unidas**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores/discursos-mre/carlos-alberto-franco-franca/intervencao-do-ministro-das-relacoes-exteriores-no-debate-aberto-de-alto-nivel-do-conselho-de-seguranca-das-nacoes-unidas-texto-em-ingles>. Acesso em: 15 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech on the Celebration of National Day**. 2010. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/speech-of-viktor-orban-on-the-celebration-of-national-day>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **State of the Nation address**. 2011. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/viktor-orban-s-state-of-the-nation-address>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech in the European Parliament**. 2011. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/speech-in-the-european-parliament>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the plenary session of the European Parliament**. 2012. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/speech-at-the-plenary-session-of-the-european-parliament>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Budapest Conference on Cyber Space**. 2012. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/speech-at-the-budapest-conference-on-cyber-space>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at 21st EPP Congress**. 2012. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/speech-at-21st-epp-congress>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Hungarian-Slovakian Economic Forum**. 2012. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/viktor-orban-s-speech-at-the-hungarian-slovakian-economic-forum>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press Conference following the Special Meeting of the European Council**. 2012. Disponível em:

<https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/viktor-orban-s-press-conference-following-the-special-meeting-of-the-european-council>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Hungarian-Turkish Business Forum**. 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-hungarian-turkish-business-forum>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **State of the Nation Speech**. 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-state-of-the-nation-speech>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **The Joint Press Conference of Prime Minister Viktor Orbán and President of the European Council Herman Van Rompuy**. 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/the-joint-press-conference-of-prime-minister-viktor-orban-and-president-of-the-european-council-herman-van-rompuy>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech on Memorial Day for the Victims of Communism**. 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-on-memorial-day-for-the-victims-of-communism>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Conference entitled “A Christian response to the challenges facing Europe”**. 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-conference-entitled-a-christian-response-to-the-challenges-facing-europe>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the 14th Plenary Assembly of the World Jewish Congress**. 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/speech-by-viktor-orban-at-the-14th-plenary-assembly-of-the-world-jewish-congress>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Doorstep Press Statement following meeting with Secretary General of NATO Anders Fogh Rasmussen**. 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/doorstep-press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-following-his-meeting-with-secretary-general-of-nato-anders-fogh-rasmussen>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech on the occasion of Slovak Prime Minister Fico’s visit**. 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-orban-s-speech-on-the-occasion-of-slovak-prime-minister-fico-s-visit>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Opening speech in the European Parliament.** 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-orban-s-opening-speech-in-the-european-parliament>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Closing speech in the European Parliament.** 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-orban-s-closing-speech-in-the-european-parliament>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Meeting of Hungarian Ambassadors.** 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-s-speech-at-the-meeting-of-hungarian-ambassadors>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement following the Visegrád Four meeting in Budapest.** 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-s-press-statement-visegrad-four-meeting-in-budapest>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Chatham House.** 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-s-speech-at-the-chatham-house>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Indian–Hungarian Business Forum.** 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/speech-by-prime-minister-viktor-orban-at-the-indian-hungarian-business-forum>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press Conference After Talks with Vjekoslav Bevanda, Prime Minister of Bosnia and Herzegovina.** 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/viktor-orban-s-press-conference-after-his-talks-with-vjekoslav-bevanda-prime-minister-of-bosnia-and-herzegovina>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Opening speech at the Keidanren Hungarian-Japanese business forum.** 2013. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-opening-speech-at-the-keidanren-hungarian-japanese-business-forum>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press Statement after meeting Russian President Vladimir Vladimirovich Putin.** 2014. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-meeting-russian-president-vladimir-vladimirovich-putin>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press Statement following the Emergency Meeting of the Visegrád Four.** 2014. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime>

[-minister-viktor-orban-s-press-statement-following-the-emergency-meeting-of-the-visegrad-four](#). Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Joint Press Conference with Polish Prime Minister Donald Tusk.** 2014. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-joint-press-conference-with-polish-prime-minister-donald-tusk>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **State of the Nation Address.** 2014. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-state-of-the-nation-address>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the 3rd Hungarian-Turkish Business Forum.** 2014. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-3rd-hungarian-turkish-business-forum>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Europe Forum Conference.** 2014. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/orban-viktor-s-speech-at-the-europe-forum-conference>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech on the Night of the European Parliament Elections.** 2014. Disponível em: <https://2010-2014.kormany.hu/en/prime-minister-s-office/the-prime-ministers-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-on-the-night-of-the-european-parliament-elections>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press Statement following the Meeting of the Visegrád Four.** 2014. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/energy-security-was-a-key-issue-of-the-hungarian-v4-presidency>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press Conference following the Session of the European Council.** 2014. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-conference-following-the-session-of-the-european-council>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press Conference with Serbian Prime Minister Aleksandar Vučić.** 2014. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/we-must-continue-to-support-the-south-stream>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the annual meeting of Hungarian ambassadors.** 2014. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-s-speech-at-the-annual-ambassadors-meeting>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Hungary 25 years after the opening of the borders – 25 years of democracy and freedom in Europe.** 2014. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/hungary-25-years-after-the-opening-of-the-borders-25-years-of-democracy-and-freedom-in-europe>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press conference with Irakli Garibashvili, Prime Minister of Georgia.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-press-conference-with-irakli-garibashvili-prime-minister-of-georgia>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press Conference after his Meeting with Russian President Vladimir Vladimirovich Putin.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-press-conference-after-his-meeting-with-russian-president-vladimir-vladimirovich-putin>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement following meeting with Polish prime minister Ewa Kopacz.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/statement-by-viktor-orban-following-his-meeting-with-polish-prime-minister-ewa-kopacz>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the meeting of heads of missions abroad.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-speech-at-the-meeting-of-heads-of-missions-abroad>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement to the press following talks with Prime Minister of Kazakhstan Karim Massimov.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-statement-to-the-press-following-his-talks-with-prime-minister-of-kazakhstan-karim-massimov>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech in the European Parliament.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-in-the-european-parliament>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Response to questions from Members of the European Parliament.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-response-to-questions-from-members-of-the-european-parliament>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement at the press conference held jointly with Abdel Fattah el-Sisi, President of the Arab Republic of Egypt.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-statement-at-the-press-conference-held-jointly-with-abdel-fattah-el-sisi-president-of-the-arab-republic-of-egypt>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Hungarian-Egyptian Business Forum.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-hungarian-egyptian-business-forum>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press conference after talks with Serbian Prime Minister Aleksandar Vucic.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-conference-after-his-talks-with-serbian-prime-minister-aleksandar-vucic>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at a meeting of the heads of Hungary's diplomatic missions abroad.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-speech-at-a-meeting-of-the-heads-of-hungary-s-diplomatic-missions-abroad>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement at the international press conference.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/statement-by-prime-minister-viktor-orban-at-the-international-press-conference>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the EPP Congress.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/speech-of-viktor-orban-at-the-epp-congress20151024>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after meeting with NATO Secretary General Jens Stoltenberg.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-his-meeting-with-nato-secretary-general-jens-stoltenberg>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the China and Central and Eastern Europe Summit.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/speech-by-viktor-orban-at-the-china-and-central-and-eastern-europe-summit>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement at meeting with Eshaq Jahangiri, First Vice President of the Islamic Republic of Iran.** 2015. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-at-meeting-with-eshaq-jahangiri-first-vice-president-of-the-islamic-republic-of-iran>

[nister-viktor-orban-s-press-statement-at-his-meeting-with-ehaq-jahangiri-first-vice-president-of-the-islamic-republic-of-iran](#). Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the 1st Iranian-Hungarian Business Forum**. 2015. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-1st-iranian-hungarian-business-forum>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement to the press after talks with David Cameron, Prime Minister of the United Kingdom**. 2016. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-statement-to-the-press-after-his-talks-with-david-cameron-prime-minister-of-the-united-kingdom>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Slovenian-Hungarian Business Forum**. 2016. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-slovenian-hungarian-business-forum>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement after the Slovenian-Hungarian government summit**. 2016. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-statement-after-the-slovenian-hungarian-government-summit>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Prime Minister of Bulgaria Boyko Borissov**. 2016. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-his-talks-with-prime-minister-of-bulgaria-boyko-borissov>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement at the joint press conference with Prime Minister of the Republic of Poland Beata Szydło**. 2016. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-statement-at-the-joint-press-conference-with-prime-minister-of-the-republic-of-poland-beata-szyd-o-following-their-meeting-in-budapest>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following the meeting of the Visegrád Group**. 2016. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-following-the-meeting-of-the-visegrad-group>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following talks with President of Russia Vladimir Vladimirovich Putin**. 2016. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-following-talks-with-president-of-russia-vladimir-vladimirovich-putin>

[nister-viktor-orban-s-press-statement-following-his-talks-with-president-of-russia-vladimir-vladimirovich-putin](#). Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following the summit of the European Council**. 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-following-the-summit-of-the-european-council>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **State of the Nation Address**. 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-state-of-the-nation-address>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the meeting for the heads of diplomatic missions**. 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-meeting-for-the-heads-of-diplomatic-missions>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement after meeting with Austrian Chancellor Christian Kern**. 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-statement-after-his-meeting-with-austrian-chancellor-christian-kern>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement before the meeting of the Visegrád Four heads of government and the Chancellor of Germany**. 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-statement-before-the-meeting-of-the-visegrad-four-heads-of-government-and-the-chancellor-of-germany>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Aleksandar Vučić, Prime Minister of the Republic of Serbia**. 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-press-statement-after-his-talks-with-aleksandar-vu-i-prime-minister-of-the-republic-of-serbia>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after the meeting of the Prime Ministers of the Visegrád Four and Ukraine**. 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-the-meeting-of-the-prime-ministers-of-the-visegrad-four-and-ukraine>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press conference after an extraordinary meeting of the European Council**. 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-press-conference-after-an-extraordinary-meeting-of-the-european-council>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Welcome speech after the V4 counter-terrorism exercise.** 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-welcome-speech-after-the-v4-counter-terrorism-exercise>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the conference “China-CEE Political Parties Dialogue”.** 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-speech-at-the-conference-china-cee-political-parties-dialogue>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement Orbán after meeting with Hamid Ansari, Vice-President of India.** 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-after-his-meeting-with-hamid-ansari-vice-president-of-india>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press conference in Brussels after the EU summit.** 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-conference-in-brussels-after-the-eu-summit>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Serbian-Hungarian business forum.** 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-serbian-hungarian-business-forum>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with the Bangladeshi Prime Minister.** 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-press-statement-after-his-talks-with-the-bangladeshi-prime-minister>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after his meeting with Prime Minister of Ukraine Volodymyr Borysovyh Groysman.** 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-his-meeting-with-prime-minister-of-ukraine-volodymyr-borysovyh-groysman>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Hungarian-Ukrainian Business Forum.** 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-hungarian-ukrainian-business-forum>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Doorstep statement before the meeting of the European Council.** 2016. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-doorstep-statement-before-the-meeting-of-the-european-council>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press conference after the meeting of the European Council.** 2016. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-conference-after-the-meeting-of-the-european-council>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Address at the joint press conference following his meeting with President of Russia Vladimir Vladimirovich Putin.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-address-at-the-joint-press-conference-following-his-meeting-with-president-of-russia-vladimir-vladimirovich-putin>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **State of the Nation Address.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-state-of-the-nation-address-20170214>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following meeting with Prime Minister of Montenegro Duško Marković.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-following-his-meeting-with-prime-minister-of-montenegro-du-ko-markovi>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech on the Memorial Day for the Victims of Communism.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-on-the-memorial-day-for-the-victims-of-communism>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press conference after the meeting of the European Council.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-conference-after-the-meeting-of-the-european-council-20170310>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the EPP Congress.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/speech-of-viktor-orban-at-the-epp-congress>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Prime Minister of Georgia Giorgi Kvirikashvili.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-his-talks-with-prime-minister-of-georgia-giorgi-kvirikashvili>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech in the European Parliament.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-in-the-european-parliament20170426>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Reply in the European Parliament.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-reply-in-the-european-parliament>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech marking the transfer of the Visegrád Four presidency.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-marking-the-transfer-of-the-visegrad-four-presidency>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press conference after the meeting of the European Council.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-conference-after-the-meeting-of-the-european-council-20170626>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Binali Yıldırım, Prime Minister of the Republic of Turkey.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-after-his-talks-with-binali-yildirim-prime-minister-of-the-republic-of-turkey>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Turkish-Hungarian Business Forum.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-turkish-hungarian-business-forum>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Address at a press conference after meeting with Abdel Fattah el-Sisi, President of the Arab Republic of Egypt.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/orban-viktor-s-address-at-a-press-conference-after-his-meeting-with-abdel-fattah-el-sisi-president-of-the-arab-republic-of-egypt>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Hungarian-Egyptian Business Forum.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-hungarian-egyptian-business-forum20170703>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement to the press by Viktor Orbán, following his meeting with Prime Minister of Israel Benjamin Netanyahu.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/statement-to-the-press-by-viktor-orban-following-his-meeting-with-prime-minister-of-israel-benjamin-netanyahu>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement to the press after the meeting between the prime ministers of the Visegrád Four and the Prime Minister of the State of Israel.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-statement-to-the-press-after-the-meeting-between-the-prime-ministers-of-the-visegrad-four-and-the-prime-minister-of-the-state-of-israel>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Hungarian-Israeli business forum.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-hungarian-israeli-business-forum>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the session of the WHO Regional Committee for Europe.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-session-of-the-who-regional-committee-for-europe>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Address at the Congress of the Federation of Christian Intellectuals.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-address-at-the-congress-of-the-federation-of-christian-intellectuals>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following meeting with Prime Minister of Poland Beata Szydło.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-following-his-meeting-with-prime-minister-of-poland-beata-szydlo>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following meeting with Prime Minister of the Socialist Republic of Vietnam Nguyễn Xuân Phúc.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-following-his-meeting-with-prime-minister-of-the-socialist-republic-of-vietnam-nguy-n-xu-n-phuc>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Vietnam–Hungary business forum.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-vietnam-hungary-business-forum>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following meeting with Prime Minister of Singapore Li Hsien Loong.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-press-statement-following-his-meeting-with-prime-minister-of-singapore-li-hsien-loong>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Singapore-Hungary Business Forum.** 2017. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-singapore-hungary-business-forum>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the International Consultation on Christian Persecution.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-international-consultation-on-christian-persecution>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press conference after a working meeting of the Visegrád Four.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-conference-after-a-working-meeting-of-the-visegrad-four>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the 6th Annual Forum of the EU Strategy for the Danube Region.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-6th-annual-forum-of-the-eu-strategy-for-the-danube-region>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the opening of the China – Central and Eastern Europe summit in Budapest.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-opening-of-the-china-central-and-eastern-europe-summit-in-budapest>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement at the China – Central and Eastern Europe Summit.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-at-the-china-central-and-eastern-europe-summit>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Li Keqiang, Prime Minister of the People's Republic of China.** 2017. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-talks-with-li-keqiang-prime-minister-of-the-peoples-republic-of-china>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement by Viktor Orbán following his talks with the Prime Minister of Poland Mateusz Morawiecki.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-viktor-orban-following-his-talks-with-the-prime-minister-of-poland-mateusz-morawiecki>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement by Prime Minister Viktor Orbán following his working meeting with Prime Minister of Ireland Leo Varadkar.** 2018. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-following-his-working-meeting-with-prime-minister-of-ireland-leo-varadkar>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement by Viktor Orbán following his meeting with Andrej Babiš, Prime Minister of the Czech Republic.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/statement-by-viktor-orban-following-his-meeting-with-andrej-babi-prime-minister-of-the-czech-republic>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Visegrád Group conference “The Future of Europe”.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-speech-at-the-visegrad-group-conference-the-future-of-europe>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press conference after talks with Chancellor of Austria Sebastian Kurz.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-press-conference-after-his-talks-with-chancellor-of-austria-sebastian-kurz>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the Energy Forum following a joint meeting of the Serbian and Hungarian cabinets.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-energy-forum-following-a-joint-meeting-of-the-serbian-and-hungarian-cabinets>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following a joint session of the Hungarian and Serbian cabinets.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-following-a-joint-session-of-the-hungarian-and-serbian-cabinets>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **“State of the Nation” address.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-state-of-the-nation-address>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Prime Minister of Bulgaria Boyko Borissov.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-viktor-orban-after-talks-with-prime-minister-of-bulgaria-boyko-borissov>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at Christian Democrat International’s conference on interfaith dialogue.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-christian-democrat-international-s-conference-on-interfaith-dialogue>

[nister-viktor-orban-s-speech-at-christian-democrat-international-s-conference-on-interfaith-dialogue](#). Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after his meeting with President of the Republic of Serbia Aleksandar Vučić.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-his-meeting-with-president-of-the-republic-of-serbia-aleksandar-vu-i>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after meeting with Juan Manuel Santos, President of Columbia.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-his-meeting-with-juan-manuel-santos-president-of-columbia>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Prime Minister of Poland Mateusz Morawiecki.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-his-talks-with-prime-minister-of-poland-mateusz-morawiecki>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement after meeting with Prime Minister of Slovakia Peter Pellegrini.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-statement-after-his-meeting-with-prime-minister-of-slovakia-peter-pellegrini>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement to the press at the summit between the heads of state of the Visegrád Four and the Chancellor of Austria.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-statement-to-the-press-at-the-summit-between-the-heads-of-state-of-the-visegrad-four-and-the-chancellor-of-austria>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement to the press at the official handover of the presidency of the Visegrád Four.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-statement-to-the-press-at-the-official-handover-of-the-presidency-of-the-visegrad-four>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement after talks with Chancellor of Germany Angela Merkel.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-viktor-orban-after-his-talks-with-chancellor-of-germany-angela-merkel>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement before talks with Benjamin Netanyahu, Prime Minister of Israel.** 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-viktor-orban-before-talks-with-benjamin-netanyahu>

[ement-by-prime-minister-viktor-orban-before-his-talks-with-benjamin-netanyahu-prime-minister-of-israel](#). Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following talks with Prime Minister of Montenegro Duško Marković**. 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-following-his-talks-with-prime-minister-of-montenegro-du-ko-markovi>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after the NATO summit in Brussels**. 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-viktor-orban-after-the-nato-summit-in-brussels>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with President of Kyrgyzstan Sooronbay Jeenbekov**. 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-his-talks-with-president-of-kyrgyzstan-sooronbay-jeenbekov>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following meeting with General Secretary of the Communist Party of Vietnam Nguyễn Phú Trọng**. 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-following-his-meeting-with-general-secretary-of-the-communist-party-of-vietnam-nguy-n-phu-tr-ng>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Response to the debate in the plenary session of the European Parliament**. 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-response-to-the-debate-in-the-plenary-session-of-the-european-parliament>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Address at a joint press conference following meeting with President of the Russian Federation Vladimir Vladimirovich Putin**. 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-address-at-a-joint-press-conference-following-his-meeting-with-president-of-the-russian-federation-vladimir-vladimirovich-putin>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following talks with President of Turkey Recep Tayyip Erdoğan**. 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-viktor-orban-following-his-talks-with-president-of-turkey-recep-tayyip-erdo-an>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Address at the Turkish-Hungarian business forum**. 2018. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-mi>

[nister-viktor-orban-s-address-at-the-turkish-hungarian-business-forum](#). Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the congress of the European People's Party**. 2018. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/speech-of-viktor-orban-at-the-congress-of-the-european-people-s-party>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Ceremonial speech on the 170th anniversary of the Hungarian Revolution of 1848**. 2018. Disponível em:

<https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/orban-viktors-ceremonial-speech-on-the-170th-anniversary-of-the-hungarian-revolution-of-1848>. Acesso em: 14 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Address at the meeting of the central bank governors of China and Central and Eastern European countries**. 2018. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-address-at-the-meeting-of-the-central-bank-governors-of-china-and-central-and-eastern-european-countries>. Acesso em: 12 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Address at the 1st Arab League – European Union summit**. 2019. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-address-at-the-1st-arab-league-european-union-summit>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Ceremonial speech on the 171st anniversary of the Hungarian Revolution and Freedom Fight of 1848/49**. 2019. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/orban-viktor-s-ceremonial-speech-on-the-171st-anniversary-of-the-hungarian-revolution-and-freedom-fight-of-1848-49>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement at a press conference following the Serbian-Hungarian intergovernmental summit**. 2019. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/statement-by-viktor-orban-at-a-press-conference-following-the-serbian-hungarian-intergovernmental-summit>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Matteo Salvini, Deputy Prime Minister and Interior Minister of Italy**. 2019. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-viktor-orban-after-talks-with-matteo-salvini-deputy-prime-minister-and-interior-minister-of-italy>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Heinz-Christian Strache, Vice-Chancellor of the Republic of Austria**. 2019. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-talks-with-heinz-christian-strache-vice-chancellor-of-the-republic-of-austria>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement after talks with Milorad Dodik, President of Bosnia and Herzegovina.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/statement-by-prime-minister-viktor-orban-after-his-talks-with-milorad-dodik-president-of-bosnia-and-herzegovina>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following a meeting of the European Council.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-s-press-statement-following-a-meeting-of-the-european-council>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Address at an event marking the United States' Independence Day.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/ddress-by-viktor-orban-at-an-event-marking-the-united-states-independence-day>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Chancellor Angela Merkel.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-his-talks-with-chancellor-angela-merkel>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement at the summit of heads of government from the Visegrád Four and Western Balkan countries.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-at-the-summit-of-heads-of-government-from-the-visegrad-four-and-western-balkan-countries>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the 12th Congress of the Federation of Christian Intellectuals (KÉSZ).** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-12th-congress-of-the-federation-of-christian-intellectuals-kesz>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Prime Minister of Finland Antti Rinne.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-his-talks-with-prime-minister-of-finland-antti-rinne>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement before talks with President of France Emmanuel Macron.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/statement-by-viktor-orban-before-his-talks-with-president-of-france-emmanuel-macron>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the 7th Summit of the Cooperation Council of Turkic Speaking States.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-speech-at-the-7th-summit-of-the-cooperation-council-of-turkic-speaking-states>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech on the 63rd anniversary of the 1956 Revolution and Freedom Fight.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-commemoration-speech-on-the-63rd-anniversary-of-the-1956-revolution-and-freedom-fight>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Prime Minister of Slovenia Marjan Šarec.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-his-talks-with-prime-minister-of-slovenia-marjan-arec>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement by Prime Minister Viktor Orbán following his talks with President of Russia Vladimir Vladimirovich Putin.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-following-his-talks-with-president-of-russia-vladimir-vladimirovich-putin>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with President of Turkey Recep Tayyip Erdoğan.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-his-talks-with-president-of-turkey-recep-tayyip-erdogan>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Address at the 2nd International Conference on the Persecution of Christians.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/address-by-prime-minister-viktor-orban-at-the-2nd-international-conference-on-the-persecution-of-christians>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after the NATO summit.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-the-nato-summit>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Prime Minister of Japan Shinzo Abe.** 2019. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-after-his-talks-with-prime-minister-of-japan-shinzo-abe>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after a summit of the heads of government of the Visegrád Four and Austria.** 2020. Disponível em:

<https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-a-summit-of-the-heads-of-government-of-the-vise-grad-four-and-austria>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Viktor Orbán at the International Conference National Conservatism.** 2020. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/viktor-orban-at-the-international-conference-national-conservatism>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement before meeting with Chancellor of Germany Angela Merkel.** 2020. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/statement-by-viktor-orban-before-his-meeting-with-chancellor-of-germany-angela-merkel>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **“State of the Nation” address.** 2020. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-state-of-the-nation-address-2020>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement after a special summit of the European Council.** 2020. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-statement-after-a-special-summit-of-the-european-council>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement after a meeting of the prime ministers of the Visegrád Four.** 2020. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-statement-after-a-meeting-of-the-prime-ministers-of-the-visegrad-four>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Prime Minister of Moldova Ion Chicu.** 2020. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/prime-minister-viktor-orban-s-press-statement-after-his-talks-with-prime-minister-of-moldova-ion-chicu>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Address at the Moldovan-Hungarian business forum.** 2020. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/address-by-prime-minister-viktor-orban-at-the-moldovan-hungarian-business-forum>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with the President of Serbia.** 2020. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-after-his-talks-with-the-president-of-serbia>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement following talks with Alexander Lukashenko, President of the Republic of Belarus.** 2020. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/statement-by-prime-minister-viktor-orban-following-his-talks-with-alexander-lukashenko-president-of-the-republic-of-belarus>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following a meeting of heads of government from the Visegrád Four.** 2020. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-following-a-meeting-of-heads-of-government-from-the-visegrad-four>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Commemoration speech.** 2020. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/primeminister-viktor-orbans-commemoration-speech-trianon>. Acesso em: 14 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following talks with Prime Minister of Slovakia Igor Matovi.** 2020. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-following-his-talks-with-prime-minister-of-slovakia-igor-matovi>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following talks among members of the Visegrád Four.** 2020. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-following-talks-among-members-of-the-visegrad-four>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement after talks with Prime Minister of Slovenia Janez Janša.** 2020. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/statement-by-prime-minister-viktor-orban-after-his-talks-with-prime-minister-of-slovenia-janez-jan-a>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press announcement after a meeting of the Visegrád Four heads of government.** 2020. Disponível em: <https://2015-2019.kormany.hu/en/the-prime-minister/the-prime-minister-s-speeches/press-announcement-by-viktor-orban-after-a-meeting-of-the-visegrad-four-heads-of-government>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Prime Minister of Poland Mateusz Morawiecki.** 2020. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/press-statement-by-pm-viktor-orban-after-his-talks-with-prime-minister-of-poland-mateusz-morawiecki>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press Conference after a meeting of the European Council.** 2020. Disponível em:

<https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/press-conference-with-pm-viktor-orban-after-a-meeting-of-the-european-council>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Prime Minister of the Czech Republic Andrej Babiš.** 2021. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-after-his-talks-with-prime-minister-of-the-czech-republic-andrej-babis>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after a meeting of the prime ministers of the Visegrád Four.** 2021. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-after-a-meeting-of-the-prime-ministers-of-the-visegrad-four>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement after talks with President of Uzbekistan Shavkat Mirziyoyev.** 2021. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/statement-by-prime-minister-viktor-orban-after-his-talks-with-president-of-uzbekistan-shavkat-mirziyoyev>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the videoconference at the Informal Summit of the Cooperation Council of Turkic Speaking States.** 2021. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/speech-of-viktor-orban-at-the-videoconference-at-the-informal-summit-of-the-cooperation-council-of-turkic-speaking-states>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Mateusz Morawiecki, Prime Minister of Poland and Matteo Salvini, President of the Italian government party Lega.** 2021. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/press-statement-by-viktor-orban-after-his-talks-with-mateusz-morawiecki-prime-minister-of-poland-and-matteo-salvini-president-of-the-italian-government-party-lega>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Answers to the press before the Summit of the European Council.** 2021. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/answers-of-viktor-orban-to-the-press-before-the-summit-of-the-european-council>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Video message at the 130th China Import and Export Fair.** 2021. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/prime-minister-viktor-orban-s-video-message-at-the-130th-china-import-and-export-fair>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech on the 65th anniversary of the 1956 Revolution and Freedom Fight.** 2021. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/prime-minister-viktor-orban-s-commemoration-speech-on-the-65th-anniversary-of-the-1956-revolution-and-freedom-fight>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement following meeting with Marine Le Pen, leader of the National Rally.** 2021. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/statement-by-prime-minister-viktor-orban-following-his-meeting-with-marine-le-pen-leader-of-the-national-rally>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Address at the V4–Korea Business Forum.** 2021. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/address-by-prime-minister-viktor-orban-at-the-v4korea-business-forum>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after a meeting of the prime ministers of the Visegrád Group countries.** 2021. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-after-a-meeting-of-the-prime-ministers-of-the-visegrad-group-countries>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after talks with Prime Minister of Slovakia Eduard Heger.** 2021. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-after-his-talks-with-prime-minister-of-slovakia-eduard-heger>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after a meeting between the prime ministers of the Visegrád Four and Slovenia.** 2021. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/press-statement-by-prime-minister-viktor-orban-after-a-meeting-between-the-prime-ministers-of-the-visegrad-four-and-slovenia>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement after the Hungarian-Serbian government summit.** 2021. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/prime-minister-viktor-orbans-press-statement-after-the-hungarian-serbian-government-summit>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement following meeting with Chancellor of Austria Karl Nehammer.** 2022. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/statement-by-viktor-orban-following-his-meeting-with-chancellor-of-austria-karl-nehammer>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Speech at the opening of CPAC Texas.** 2022. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/speech-by-prime-minister-viktor-orban-at-the-opening-of-cpac-texas>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Video message to President Jair Messias Bolsonaro.** 2022. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/prime-minister-viktor-orbans-video-message-to-president-jair-messias-bolsonaro>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Statement following a migration summit with the President of Serbia and the Chancellor of Austria.** 2022. Disponível em:

<https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/statement-by-prime-minister-viktor-orban-following-a-migration-summit-with-the-president-of-serbia-and-the-chancellor-of-austria>.

Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following his meeting with Irakli Garibashvili, Prime Minister of Georgia.** 2022. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/press-statement-by-viktor-orban-following-his-meeting-with-irakli-garibashvili-prime-minister-of-georgia>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Press statement following a meeting of the Visegrád Four.** 2022. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/press-statement-by-viktor-orban-following-a-meeting-of-the-visegrad-four>. Acesso em: 13 ago. 2023.

ORBÁN, Viktor. **Facebook Statement after a Meeting of the European Council.** 2022. Disponível em: <https://abouthungary.hu/speeches-and-remarks/facebook-statement-by-prime-minister-viktor-orban-after-a-meeting-of-the-european-council>. Acesso em: 13 ago. 2023.

HUNGRIA. **Speech at the 65th United Nations General Assembly.** 2010. Disponível em: <https://undocs.org/A/65/PV.5>. Acesso em: 14 ago. 2023.

HUNGRIA. **Speech at the 66th United Nations General Assembly.** 2011. Disponível em: <https://undocs.org/A/66/PV.20>. Acesso em: 14 ago. 2023.

HUNGRIA. **Speech at the 67th United Nations General Assembly.** 2012. Disponível em: <https://undocs.org/A/67/PV.7>. Acesso em: 14 ago. 2023.

HUNGRIA. **Speech at the 68th United Nations General Assembly.** 2013. Disponível em: <https://undocs.org/A/68/PV.22>. Acesso em: 14 ago. 2023.

HUNGRIA. **Speech at the 69th United Nations General Assembly.** 2014. Disponível em: <https://undocs.org/A/69/PV.10>. Acesso em: 14 ago. 2023.

HUNGRIA. **Speech at the 70th United Nations General Assembly.** 2015. Disponível em: <https://undocs.org/A/70/PV.28>. Acesso em: 14 ago. 2023.

HUNGRIA. **Speech at the 71th United Nations General Assembly.** 2016. Disponível em: <https://undocs.org/A/71/PV.17>. Acesso em: 14 ago. 2023.

HUNGRIA. **Speech at the 72th United Nations General Assembly.** 2017. Disponível em: <https://undocs.org/A/72/PV.16>. Acesso em: 14 ago. 2023.

HUNGRIA. **Speech at the 73th United Nations General Assembly.** 2018. Disponível em: <https://undocs.org/A/73/PV.13>. Acesso em: 14 ago. 2023.

HUNGRIA. **Speech at the 74th United Nations General Assembly.** 2019. Disponível em: <https://undocs.org/A/74/PV.8>. Acesso em: 14 ago. 2023.

HUNGRIA. **Speech at the 75th United Nations General Assembly.** 2020. Disponível em: <https://undocs.org/A/75/PV.6>. Acesso em: 14 ago. 2023.

HUNGRIA. **Speech at the 76th United Nations General Assembly**. 2021. Disponível em: <https://undocs.org/A/76/PV.11>. Acesso em: 14 ago. 2023.

HUNGRIA. **Speech at the 77th United Nations General Assembly**. 2022. Disponível em: <https://www.sandorpalota.hu/en/speech-katalin-novak-77th-un-general-assembly-new-york>. Acesso em: 14 ago. 2023.